



CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

**Antão, o Insone:
estudo sobre as relações dialógicas
entre a visão e a cegueira**

Marcelo Farias Coutinho

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco, sob a orientação do Prof. Dr. Eduardo Duarte

Recife, agosto de 2003

Marcelo Farias Coutinho

**Antão, o Insone:
estudo sobre as relações dialógicas
entre a visão e a cegueira**

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco, pela Comissão formada pelos professores:

Prof. Dr. Eduardo Duarte - UFPE. Orientador

Prof. Dr. Paulo Cunha – UFPE.

Prof^ª. Dra. Maria Aparecida Lopes Nogueira – UFPE

Recife, agosto de 2003

Dedicatória

Estes esforços de escritura são dedicados a Lisete Farias Coutinho que muito cedo me punha em movimento, me revelando que os fatos e as coisas estão para além de si mesmos, que nada neles silencia. E ao seu cúmplice, Antonio Souto Coutinho que, num movimento complementar, me aquietava, sugerindo que os fatos e as coisas estão também, tranqüilos e repousados, dentro de si mesmos.

Agradecimentos

É difícil reconhecer qualquer ordem na torrente de fatos que se desencadeiam em nós e a partir de nós. Com o passar dos anos, retirados do fervor e urgência dos fatos, parece imprimir-se sobre tal turbulência uma estranha ordenação.

Tendo a pensar que as ordenações dos eventos que se passaram são uma construção de nossos presentes. Os eventos de nossas vidas me parecem brotar a partir da eclosão de brechas, de fendas, de rombos. Em termos deleuzianos ou morinianos, o mundo nasce quando eclode o “acontecimento”. E hoje, após dois anos e meio de pesquisa, posso dizer *in-tranquilo*: é necessário abraçar sem pudor a enxurrada de acontecimentos que se precipita a todo tempo sobre um pesquisador.

Acontecimento especialíssimo, próximo ao mistério, foi ter encontrado em minha terra natal, a Paraíba, o campo de pesquisa que eu havia urdido apenas em minha imaginação, encarnado nos membros da família Belarmino. Eu havia pensado em uma família de sete cegos de nascença, onde apenas um oitavo seria dotado de visão. Seria, ao meu ver, um intrigante gancho literário para minha escritura. Quem seria o cego, em um ambiente onde a realidade que se impõe não se apresenta aos olhos? Ao encontrar Joana Belarmino, numa tarde de sábado, em João Pessoa, expus-lhe timidamente o que imaginava ser a “minha exótica idéia”. E para minha surpresa ela me falou de sua família: era formada por sete irmãos cegos de nascença, e apenas mais dois, além destes sete, eram “videntes”. O erro da flecha da imaginação não foi tão grande.

Agradeço, de todo coração, a Joana, Luzia, Maria de Lourdes, Manuel e Suzi Belarmino (Maria do Socorro). Eles são donos de uma generosidade rara. Abriam para mim suas casas e suas memórias. E me deram aquilo que é o verdadeiro e o maior dos tesouros: a história de uma vida que se vive no acúmulo dos dias. Pensei a cada dia que passava em João Pessoa se estaria à altura desta família. Caso eu tenha conseguido nesta dissertação, revelar uma pequena porção de tamanha riqueza, fico inteiramente satisfeito. Não posso deixar de agradecer a família Belarmino também pela lingüiça de carne de porco e pela cerveja que sorvi em plena quaresma de Páscoa.

Agradeço ao professor Clylton Galamba. Ninguém como ele acreditou tão cegamente em algum talento que porventura eu, artista plástico, teria no desempenho de uma carreira acadêmica. É que Clylton não separa afecção de razão. E, sob este foco fusionado, artista e cientista podem se misturar. A arte não é território de puro desvario, e a ciência tampouco é lugar de análise

desapaixonada. Ambas são efeitos de linguagem. Linguagem, este tecido contaminado de possessões. Foi Clylton Galamba quem me introduziu nos temas de complexidade. Curiosamente, o vi usar poucas vezes o termo. Provavelmente por ser ele, Clylton, a incorporação destes saberes. Agradeço, portanto a ele que melhor que ninguém sabe que a vida, assim como a escritura, é risco.

Agradeço especialmente a Eduardo Duarte que, sem titubear, aceitou orientar-me na gestação e no difícil parto desta criatura híbrida. Como costuma pensar Eduardo, nosso inesperado encontro, há um ano atrás, teria nascido do acaso ou seria ação daquilo que os físicos chamam de “atratores estranhos”? Eduardo soube operar sua orientação em um registro duplo. Sempre que necessário, puxou para o chão meus pés, sempre tendentes a flutuações; ao mesmo tempo, apostou que em meus vôos havia um oriente e nunca calcificou minhas asas. Se hoje me sinto mais capaz de orientar meus alunos, devo isso ao aprendizado que obtive sendo orientado por Eduardo. Obrigado, meu amigo, por ter me ouvido com atenção e generosidade. E também, obrigado por ter abertos os meus ouvidos para sua voz.

A Jane Pinheiro, que por quatro anos tentou me dizer que a palavra amor, rota pelo uso, irreconhecível pelo pó acumulado, trinchada pelas conveniências, dividida pelas práticas, ainda poderia deter em si alguma carne, e significar algo do que sempre quis significar: amor. A Jane, que extraiu de minha memória entorpecida uma recordação: os diminutivos costumam ser carinhosos. E que mesmo rotos, irreconhecíveis pelo pó acumulado, perdidos por entre as práticas, permanecem o que sempre foram e que nunca deveriam ter deixado de ser: carinhosos. Mesmo sendo diminutivos, costumam ser bem maiores. São capazes, por exemplo, de dar maior peso e carne ao amor abstrato. “Meu amorzinho” é um amor bem maior que “meu amor”.

Agradeço a Marco Antonio Coutinho, grande cúmplice, com quem fui à praia um dia há tantos anos, ver as ondas quebrarem e de suas espumas surgirem os destroços daquilo que era por demais pesado, que não podia mais navegar, que não servia mais para perder-se, à deriva, e achar-se em novas terras. É preciso ser grande navegador para perder-se. Quantas vezes nos perdemos e nos achamos, meu irmão?

A amiga Sônia Duarte, timoneira que me revelou a vasta poesia contida na palavra laciana *saint home*. E o quanto nela, há de inversão da energética de uma outra, o *symptôme*. Para Sônia, meu abraço forte e meu beijo.

A Lisete e Antônio Coutinho que nunca mediram esforços para que ao invés de *symptômes* eu produzisse *saint homes* no correr de meus 35 anos. Foi aliás Antônio, meu pai, que através de seu

companheiro de UFPB, o prof. Francisco Antônio - a quem sou igualmente grato - me pôs em contato com a família Belarmino.

Ao amigo das primeiras horas, Anco Márcio Tenório Vieira com quem conversei tantas noites e com quem bebi tantas cervejas: era preciso muitas cervejas para suportar-me falando sobre as andanças de Tomé e Antão. Aos meus amigos camelos Ismael Portela, Oriana Duarte e Paulo Meira. Foi entre nós que a força da diferença se tornou para mim valor encarnado e potência indispensável. A Carlos Mascarenhas que ouviu várias vezes a leitura das primeiras versões de “Antão, o Insonne”, além de me apresentar a um precioso livro, escrito pelos discípulos de Gregory Bateson.

Agradeço ao prof. Paulo Cunha, que iniciou comigo os primeiros esboços dos mapas que usei nesta viagem, só concluída agora. O prof. Paulo Cunha foi leitor de primeira hora de textos meus, anteriores ao que agora escrevi. E foi ele, com sua leitura atenta que, em meu exame de qualificação, me recordou destes antigos escritos. Coisa que reincorporei para esta dissertação.

A prof^ª. Cristina Teixeira, que co-orientou esta dissertação. Cristina sempre se mostrou aberta para outros estilos de escritura científica.

Resumo

A cegueira serve de tema para este estudo. Ela foi estudada através do caso peculiar da família Belarmino, constituída por sete irmãos cegos de nascença. Meu convívio com cinco dos sete irmãos, gerou entrevistas cujo tema central foi a conformação do real para pessoas que não possuem aparelho visual e, conseqüentemente, um repertório imagético.

As descrições feitas por eles dos espaços e das sensações que experimentavam, apontaram para os limites da linguagem, como instrumento de comunicação. Neste estudo há, portanto, uma reflexão sobre as relações estabelecidas entre indivíduo e mundo quando permeadas pela comunicação. Uma relação que verifiquei ser, a um só tempo, de revelação e encobrimento.

Analisei a cegueira e seus relatos a partir das abordagens de complexidade. Três autores, entre os vários deste novo paradigma, aparecem como lastro e norte para esta pesquisa. Edgar Morin me forneceu o conceito de **dialógica** e de **holograma** e foi através destes operadores cognitivos que enxerguei a cegueira e a abordei. Já Humberto Maturana e Francisco Varela forneceram as ferramentas para hipótese: as relações entre organismo vivo e mundo se dão de forma construtiva e não representacionista. E a realidade surge como um produto nascido, criado, a partir das interações e dos acoplamentos entre corpo e meio, ou seja: uma **ontogenia**.

A escritura desta pesquisa procura incorporar ao máximo algumas questões próprias e recorrentes nas abordagens de complexidade através de seu formato. Sua arquitetura procura reforçar a tênue fronteira entre subjetividade e objetividade, entre ciência e arte. A cegueira e seus relatos ganham neste estudo a forma mista de dissertação científica e literatura. Seguindo, portanto, o princípio de que toda descrição do mundo é também, necessariamente, um ato de criá-lo.

Abstract

Blindness, the theme of this research, was studied through the peculiar case of the Belarmino family, composed of seven siblings blind from birth. My familiarisation with five of them produced interviews whose central theme was the conformation of the real for persons who possess neither sight, nor, consequently, a repertory of images.

Their descriptions of the spaces and sensations that they experienced pointed to the limits of language as an instrument of communication. This study thus contains a reflection on the relationships established between the individual and the world when permeated by communication, relationships which I ascertained to be simultaneously both of revelation and concealment.

I analysed blindness and its discourse from the approaches of complexity. Three of the authors of this new paradigm appeared as a basis and direction for this research. Edgar Morin provided the concept of **dialogic** and it was through this cognitive operator that I saw blindness and approached it. Meanwhile, Humberto Maturana and Francisco Varela provided the tools for the hypothesis: that relationships between the living organism and the world come about constructively and not representationally. Reality thus arises as a product, born and nurtured from the interactions and the couplings between body and milieu, that is: an **ontogeny**.

Through its format, the text of this thesis endeavours to incorporate as much as possible some recurring questions that pertain to the complexity approach itself. Its architecture attempts to reinforce the tenuous boundary between subjectivity and objectivity, between science and art. In this study blindness and its discourse take on the mixed form of scientific dissertation and literature, thus following the principle that every description of the world is also necessarily an act of creating it.

Notas Prévias a Título de Advertência

A arquitetura textual deste ensaio foi pensada como algo que se equilibra entre ficção e ciência. Foi sobre a corda tensionada entre estes dois pólos que andei no correr destes últimos doze meses. Para uma melhor apreciação por parte dos avaliadores, no que diz respeito às estratégias de escritura aqui desenvolvidas, traço algumas notas de advertência.

1. A família Belarmino, existe de fato. O casal Mariano e Gessy Belarmino, dotados de aparelho visual perfeito, geraram quatorze filhos, dentre os quais sete nasceram cegos. Entre os videntes, sobreviveram apenas dois. Todos nasceram em Itapetim, na época, lugarejo pertencente ao município de São José do Egito, sertão de Pernambuco.

Reduzi, em minha escritura, o número de dois filhos “videntes” para um. Antão, o oitavo filho, foi criação minha. A intenção foi de reforçar e intensificar, através da solidão do personagem Antão, aquilo que encontrei e experimentei em meu campo: em um contexto aonde a “realidade” é percebida e se constrói longe da visão, aquele que vê é, paradoxalmente, o “cego”.

Os outros personagens (José, Luzia, Lourdes, Manuel, Inácia, Joana e Maria) são portanto reais e tiveram seus nomes preservados.

2. Desenvolvi de fato, uma pesquisa de campo, aos moldes de uma etnografia clássica, dotada de um método específico: os estudos de casos. Nos meses de fevereiro e março de 2003, viajei para João Pessoa e lá convivi com cinco dos sete irmãos cegos da família Belarmino (Joana, Maria do Socorro, Manuel, Luzia e Maria de Lourdes).

Para minha infelicidade, os prazos estipulados pelos órgãos federais da avaliação acadêmica não me permitiram estar com José e Inácia para entrevistá-los. Por isso, seus nomes estão presentes apenas através das vozes dos cinco outros irmãos. Nenhum deles participa diretamente da trama.

3. Estructurei as entrevistas tendo como ambiência dois tipos de espaços: espaços fechados e espaços abertos. Denominei-os de “espaços com bordas” e “espaços sem bordas”. Passeamos pela praia de Cabo Branco, em João Pessoa, por duas tardes. E várias vezes conversamos nas salas, varandas e cozinhas de suas casas, além de um encontro com Maria do Socorro, em seu ambiente de trabalho.

A idéia de andar e conversar com os irmãos Belarmino, nos espaços com bordas e sem bordas. era que nos confrontássemos - eu como “vidente” e eles como “cegos” - com os mesmos ambientes e

deles extraíssemos nossas impressões. Possuidores de duas grades sensoriais diversas, me interessava saber como iríamos ser capazes de nos referir ao que experimentávamos em nossos corpos e como seríamos capazes de nos comunicar, trocando informações diante de afecções tão díspares. Se nossas grades sensoriais eram diversas; se estávamos diante de uma realidade que manifestava-se tão claramente pluridimensional, tínhamos disponível para comunicar estas experiências uma grade unidimensional: a linguagem. Coube a mim re-ambientar as conversas nascidas deste nosso convívio. Retirei-as do litoral e recriei-as na paisagem do sertão.

4. Suas falas, que surgem a partir da Parte 3, foram retiradas das quase dez horas de gravação que fiz de nossas conversas. Muitas delas estão, aliás, quase que em forma integral. Retirei certas redundâncias excessivas e características próprias a oralidade e, em alguns casos, trabalhei ritmos e cadências, para que os diálogos se adequassem ao formato romanesco. Em outros casos, fundi trechos de várias conversas, gravadas em dias diferentes, em uma mesma fala.

Gostaria de reforçar aqui que não há nas falas dos personagens nenhum dado criado por mim. Com exceção dos conteúdos construídos para conduzir o enredo dramático - como as referências ao personagem ficcional Antão - as falas dos personagens correspondem ao que eles de fato me relataram. Todos os relatos sobre percepção foram feitos por eles e não há nada criado por mim.

Boa parte das metáforas e imagens poéticas presentes tanto em suas falas quanto nas minhas de narrador, brotaram de nossas conversas. Muitas vezes, encontramos nas expressões de tipo poético e literário o veículo mais espontâneo e natural para nos referirmos ao que “víamos”. E foi no platô do que chamamos comumente de arte onde muitas vezes encontramos a forma mais objetiva de travarmos comunicação.

5. Procurei manter a corda tensionada, entre ciência e ficção, optando por um tipo específico de construção editorial de livros. Trata-se das chamadas “edições comentadas”, onde a obra de um autor é lida e comentada por um outro autor. Usei como modelo, o livro “Alice – edição comentada”, onde Martin Gardner comenta, através de notas, os dois clássicos de Lewis Carroll: “Alice no País das Maravilhas” e “Alice Através do Espelho” (Ver bibliografia).

A rigor, nas edições comentadas as notas do comentador funcionam como o espaço de contraponto ao texto ficcional, amparando-o sobre alicerces históricos e científicos, e este é o caso de Gardner. Sabemos que as notas, em textos acadêmicos, são exatamente o espaço de verificabilidade da informação, de autenticação e comprovação do raciocínio exposto. É o espaço, portanto, da neutralidade científica, e de sua legislação sobre a “verdade”.

6. Porém, ao contrário de Gardner, uso as notas como um outro espaço de escritura, tão híbrido quanto o texto principal. Parte dos comentários ali desenvolvidos contém citações de livros, autores e editoras que não existem. Enquanto outra parte é real. Em muitos casos, aquelas que parecem falsas são verdadeiras e as verdadeiras por vezes parecem falsas. Este território enganoso e escorregadio pode ser mapeado através de nossa bibliografia. Nosso procedimento foi dividi-la em dois blocos: Uma “bibliografia real” e uma “bibliografia imaginária”.

Na “Introdução” e no “Prefácio à Segunda Edição”, estão expostos o tema, o referencial teórico e as justificativas.

7. Procuo, assim, impregnar o próprio formato de escritura da minha pesquisa, incorporando ao máximo algumas questões que brotam em um pesquisador quando este acolhe para si as abordagens de complexidade. Para os autores que vêm construindo um novo olhar científico, a cisão clássica entre sujeito e objeto, entre subjetividade e objetividade, entre mito e história, entre ciência e arte é fortemente questionada.

Todos estes autores rompem com a visão representacionista das relações estabelecidas entre homem e mundo e propõem em seu lugar um olhar construtivo. Do biofísico Heinz von Foerster ao filósofo e antropólogo Edgar Morin - passando pelo químico Ilya Prigogine, pelos biólogos Francisco Varela e Humberto Maturana, pelos físicos Werner Heisenberg e Niels Bohr e pelos epistemólogos Paul Feyerabend e Thomas Kuhn – a máxima do poeta Paul Valéry não é só poesia. É também uma característica de todo ato cognoscente do ser vivo. Diz Valéry: “só se conhece verdadeiramente aquilo que se cria”. Para este enfoque, não estamos **diant**e de um mundo, sobre o qual infligimos nossas observações. Estamos **dentro** do mundo que nossos corpos criam em parceria com o ambiente. Como dizem Maturana e Varela, estamos invariavelmente inclusos dentro do ambiente criado por nossos corpos. E nos termos de Morin, estes corpos seriam formados em vários níveis e camadas. Seriam um complexo bio-psico-antropo-sócio-cognitivo, posto em eterno movimento de deriva, criando o mundo e sendo criado por ele.

Criação deixa, portanto, de ser uma opção a ser tomada para ser uma condição a ser seguida.



Tomé Cravan

Antão, O Insone

Uma Edição Comentada



Apresentação, Prefácio e Notas
de
Marcelo Coutinho

Tomé Cravan

Antão, O Insone



Edição Comentada

Apresentação, Prefácio e Notas de

Marcelo Coutinho

Índice

Apresentação

1. <i>Uma escritura Para Cegos</i>	iv
2. <i>A Breve Fortuna Crítica</i>	v
3. <i>Hibridismo e Impurezas Disciplinares</i>	ix
4. <i>Os Encobrimentos Dialógicos da Escrita</i>	xii

<i>Prefácio à Segunda Edição</i>	xvii
----------------------------------------	------

Antão, O insone	1
------------------------------	---

Parte 1: De Portas Cerradas

I. Soberana Sofia	4
II. Diálogo Solitário e Imagens do Passado	6
III. Cochilos e Imagens de Samambaias	20
IV. Diálogo com Imagens Dormentes	24

Parte 2: Há Batidas na Porta

I. Quando os Olhos se Abrem	36
II. Quando Pouco se Entrevê	39
III. Quando Algo Invade os Olhos	42

Parte 3: As Portas se Abrem

I. O Sentido é o Deserto	52
II. A Casa dos Cegos	56
III. As Bordas da Casa	71
IV. As Bordas do Deserto	92
V. O Mar, Visto do Sertão	97
VI. A Pedra Furada	107

Parte 4: Entram o Vento e a Chuva

I. O Deserto Febril	110
II. Pássaros Pesados e Odaliscas	128
III. A Estrada e o Ninho	129

Bibliografias

Bibliografia Real	135
Bibliografia Imaginária	144
Periódicos	145
Filmografia	145

Foto de Capa: Aveclo (imagem concebida por Marcelo Coutinho e fotografada por Jane Pinheiro, 1998)

APRESENTAÇÃO

I- Uma Escritura para Cegos

O que agora colocamos a disposição do público pedirá por seus olhos particular finura. Exigirá arguta sensibilidade, tendo em vista que nesta publicação há mais entrelinhas que linhas. Mas, enfim, o que seria dos textos, sejam eles quais forem, se não fossem as entrelinhas? Afinal, é a partir dos interstícios das entrelinhas de um texto que rebentam outros textos. Textos continuam a brotar de dentro de textos por existirem muitos dizeres não ditos. Muitos dizeres que não ganharam a tinta da impressão, mas estão ali, agindo em latência, sustentando, oferecendo alicerce para o que pode ser dito. Quantas linhas foram escritas sobre a brutalidade das guerras? E por quê continuam a ser escritas, mesmo depois de Leonid Andreiev ter usado como tinta para sua pena o sangue russo derramado na guerra contra o Japão, em “O Riso Vermelho”?

Não foi sem insistência e perseverança que conseguimos impor aos escritos de Tomé Cravan, agora postos ao julgo público, as tintas do prelo. Tratou-se verdadeiramente de uma “via dolorosa”, o processo de organizá-los em uma nova edição e assim, fazê-los chegar a um número maior de apreciadores.

Em sua primeira versão impressa, “Antão, o Insonne” tivera uma reduzidíssima edição. Não mais que 250 exemplares, numerados e assinados pelo autor, circularam no Brasil, entre Recife e João Pessoa, além das cidades de Lisboa e Porto, em Portugal ¹. E os meios técnicos com os quais a prosa de Tomé Cravan foi tratada, ao nosso ver, mostraram-se bastante impróprios para uma maior divulgação: ganharam a alvura dos relevos impressos em Braille. Para nosso espanto, o

1 A busca que empreendi, pelo destino dos exemplares desta edição, levou-me ao encontro de não mais que 55 volumes restantes. Estavam distribuídos da seguinte forma: 11, da biblioteca do Comitê Braille da Cidade do Porto; 10 ainda empacotados nos depósitos da editora; 2 na biblioteca do CRIPD (Colégio de Reabilitação e Integração de Pessoas Deficientes) em Lisboa; 2 na biblioteca do mosteiro ortodoxo de Mafra; 1 em residência da professora Joana Belarmino e mais 1 em residência da professora Suzi Belarmino, ambos em João Pessoa; 5 no Instituto dos Cegos da Paraíba, também em João Pessoa; os 24 restantes, encontravam-se em poder do próprio autor, muito cioso do destino de seu tão precioso produto. A editora lusitana não conseguiu encontrar os recibos de envio e chegada dos outros 195 exemplares, alegando o recente processo de informatização de Portugal e as várias perdas documentais que sofreram na transposição dos arquivos mortos para os recentes sistemas de catalogação digital.

autor escrevera a única obra de sua vida para um público por demais específico: o sr. Cravan escrevera para cegos.

Afora as informações de catalogação impressas sobre a capa, abrir o livro de Tomé Cravan era como olhar para o deserto. Um deserto de palavras. Era um livro escrito sem tinta, o que tínhamos diante de nossos olhos. Cegos para a alvura deste imenso deserto, apenas maculado pelas pequenas montanhas do relevo Braille, só éramos capazes de apreender dele algo para o olfato: o cheiro do mofo. E tal cheiro acusava o longo esquecimento, quiçá indiferença, pelo qual passara “Antão, o Insone”, nas prateleiras das bibliotecas especializadas para deficientes visuais. Pois, foi apenas neste ambiente que acabaram por repousar os poucos exemplares restantes deste texto. Era, portanto, o perfume do desuso, a única informação que nós, analfabetos para o código Braille, seríamos capazes de extrair daquelas grossas páginas de papel cartão.

Talvez pelas inúmeras dificuldades intrínsecas ao próprio projeto de escrever em Braille - além de outras, próprias ao estilo do texto, sobre as quais nos debruçaremos mais à frente - os esforços de Tomé tenham tomado um destino trans-atlântico e encontrado cais em Portugal, mais precisamente na cidade do Porto. Terra de forte tradição editorial e de particular amor no trato com o objeto livro, as editoras portuguesas especializadas no sistema Braille não são menos refinadas que as outras, que imprimem em preto a flor do lácio. E foi no Porto, na estreita rua D. João de Vital e Cirte, n. 35, que a editora “O Rabo da Víbora” prensou os 250 exemplares da única edição de “Antão, o Insone”.²

II – A Breve Fortuna Crítica

O sistema de 64 sinais, agrupados e estruturados a partir da combinação de seis pontos, criado em 1825, pelo francês Louis Braille, acaba de completar 175 anos. Se não é tanto tempo, comparado aos aproximados 6.000 anos da tábuca argilosa de Uruk, primeiro documento fóssil da escrita, encontrada na antiga Mesopotâmia, também não podemos dizer que foi ontem que este código

²Cravan, Tomé. **Antão, O Insone**. Porto, PT: Ed. O Rabo da Víbora, 1992. Tiragem 250 exemplares. Depósito Legal 210165/42. ISBN 1405-68.

*livrou os cegos do analfabetismo*³. Não à toa tão pouco foi escrito sobre a cegueira. E menor ainda é o volume de escritos produzidos pelos próprios cegos.

Quem sabe por isso, assim que foi publicado “Antão, o Insone” não tenha passado totalmente despercebido. Ao menos para o contexto restrito ao universo da cegueira, em terras lusitanas. Em nossas pesquisas nos arquivos públicos de Lisboa e Porto, chegamos a encontrar uma obra muito particular, escrita pelo oftalmologista português nascido em Évora, Dr. Antônio Bulhões de Figueiras Mano, cuja edição data de 1992. Trata-se do “Dicionário de Cegos Ilustres: um inventário biográfico da produção artística, literária e científica dos cegos de língua portuguesa”⁴. Nela, é possível encontrar uma referência a Tomé Cravan. Porém, ao que parece, envolta em um denso manto de mal-entendidos. Nos diz o curto verbete do Dr. Figueiras Mano, dedicado ao sr. Cravan:

“Cravan, Tomé. Brasileiro, nascido em maio de 1938, em Recife, estado de Pernambuco, autor de original e ampla obra filosófica, poética e literária. Tornou-se reconhecido para o grande público através de seu romance “Antão, o Insone”, após a edição publicada recentemente em Portugal, em prelo de prestigiada editora além-tejana.”⁵

³ Sugiro aos leitores interessados nas questões referentes à cegueira o livro organizado por João Lobo Antunes. Nele, 25 cegos narram seus primeiros contatos com o sistema Braille de escrita. Em tal livro é relevado o fato do sistema supracitado ter solucionado o problema milenar do analfabetismo entre portadores de deficiência visual. (ANTUNES, João Lobo. **Mãos que Lêem: Testemunhos a Louis Braille**. Lisboa: Editorial Minerva, 2003. p. 15.)

⁴ Não obstante o erro crasso cometido no verbete dedicado a Tomé Cravan, o dicionário do Dr. Figueiras Mano é uma obra de referência obrigatória para qualquer pesquisa que se pretenda completa acerca da produção artística e intelectual dos cegos de nascença. Obra de fôlego, pesquisa exaustiva, que consumiu ao menos 12 anos da vida do Dr. Figueiras Mano, a crer em seu longo prefácio, o “Dicionário de Cegos Ilustres” procura inventariar desde poetas trovadores do século XII, como o genial Pedro Couto Batista, até os poucos físicos e matemáticos, passando pelos curiosos místicos da Ilha da Madeira. (Mano, Antônio Bulhões de Figueiras. **Dicionário de Cegos Ilustres: um inventário biográfico da produção artística, literária e científica dos cegos de língua portuguesa**. Ed. Câmara do Commercio do Município de Évora. Évora, 1992)

⁵ Ob. cit. p. 158.

Se acertou em data e local de nascimento, nosso oftalmologista exagerou nas proporções do público leitor e no volume do prestígio de uma editora especializada num sistema de escrita tão particular. Mas não apenas este foi o desvio em sua documentação. Adiante, o verbete procura esmiuçar a obra e a importância estilística do sr. Cravan:

“No que diz respeito a nossas pesquisas, poucas obras literárias, no sentido moderno que damos a este gênero de escritura, foram escritas por cegos de nascença. Levando em conta os 167 anos [Figueiras Mano escreve em 1992] de criação do Braille, e no que isto implica de defasagem para indivíduos portadores de cegueira nata, é possível encontrar na obra “Antão, o Insone” de Tomé Cravan, um dos pouquíssimos grandes esforços de um cego de nascença em dotar seu particular universo e suas especialíssimas percepções com os recursos estilísticos da literatura moderna.”⁶

O Dr. Figueiras Mano, ao que tudo indica, apressou-se demasiado em colocar seu compêndio nas livrarias. Pois, ao que parece, não se deu conta do óbvio: Tomé Cravan não era cego.

O autor não se deu ao trabalho de ler o livro para o qual havia dedicado um verbete. Provavelmente por já ter sido prensado em Braille, o oftalmologista, historiador de literaturas minoritárias nas horas vagas, não tivera tempo para que uma versão traduzida lhe caísse às mãos. Dizemos, sem receio de errar, que o autor do dicionário extraiu de matéria jornalística os dados referentes a Tomé Cravan⁷. Sem consultar fontes primárias, o Dr. Figueiras Mano fiou-se por demais numa suposta veracidade inerente àquilo que é impresso.

⁶ Idem, p. 158.

⁷ Encontramos no periódico semanal da cidade do Porto, o “D’ouro Cultural”, uma reportagem assinada por Leonor Soares Leme que se refere ao lançamento de “Antão, o Insone”, pela editora “O Rabo da Víbora”. Nela, a jornalista faz um breve histórico de Tomé Cravan. (LEME, Leonor Soares. Tomé Cravan, Um Escritor Cego. Porto. D’ouro Cultural. Caderno 1. 03.03.1992) Como o autor não esteve presente na noite de autógrafos – aliás, sequer saiu do Brasil – tanto sua biografia quanto a resenha de seu livro foram produzidas pela própria editora e distribuídas à imprensa. A jornalista reproduziu a informação que lhe passaram, acrescentando estilo e detalhes, sobre algo que não havia lido. Por sua vez, o Dr. Figueiras Mano usou as informações da repórter, adicionando também seu estilo e fazendo surgir outros dados, igualmente inexistentes. Assim, no desvio e nas subsequentes recriações da informação, passada de mão em mão, Tomé Cravan surge como autor de uma ampla obra filosófica, poética e literária sem ser filósofo ou poeta e escrevendo,

*Tomé Cravan não construiu as imagens de sua prosa tendo como base uma experiência corporal da cegueira. Falava, digamos, **sobre a cegueira** e não **da cegueira**.*

Pois o universo da cegueira parece conter paisagens para sempre inacessíveis àqueles que vêem. E, como nos diz Tomé, “apenas seria possível extrair dele vagos relatos de viagem, como aqueles que recebemos nos versos dos cartões postais”.

Segundo os relatos de Tomé Cravan, naquelas paisagens cegas, palavras como “horizonte” ou “alturas celestes”, não possuem nenhum significado concreto. Para os habitantes daquela particular porção de configuração do mundo, “o ar costuma se abrir e seus ventos formam corredores, por onde o corpo pode se deixar escorrer”. Os olhos, neste lugar não são órgãos de captura da luz, porém, são capazes de apreender temperaturas. É nos olhos que se detecta o “calor dos sorrisos” de uma pessoa especial por quem se tem empatia e amor.

*Outra física, portanto. Outra conformação das relações estabelecidas entre o corpo e o espaço. Não há ainda relatos suficientes de como se configura esta outra face da realidade. Pois, em 175 anos de escrita, e conseqüentemente, de alfabetização, poucos são os cegos que se dedicaram às ciências naturais, à filosofia ou mesmo as artes literárias. Ainda somos soterrados por análises feitas de fora, feitas **acerca** do universo cego. Falta-nos ouvir a voz dos próprios cegos. Faltam-nos as análises feitas do interior **das cercas** deste território virginal que é a cegueira.*

Estas memórias de Tomé nos indicam e pontuam claramente que a cegueira ainda é vista como ruído e defeito. Todo o sistema educacional, desde a famosa “Carta Sobre os Cegos”, pérola do iluminismo de Diderot, procura “normalizar” o indivíduo cego e “reintegrá-lo” ao tecido social⁸. Ainda hoje, este sistema reproduz e reforça uma visão unidimensional da realidade e prima por anular as diferenças existentes entre cegos e videntes. No afã de reintegrar estes indivíduos, suas percepções particulares são abafadas, “guardadas no fundo escuro de um baú”, dirá Joana Belarmino a Tomé. Os processos educacionais não são apenas sistemas de duplicação e

em toda sua vida, não mais que um só livro. Podemos entrever aqui, a natureza degradável da informação quando posta em circuito comunicacional. Sobre os maus entendidos originários do repasse de informações, de pesquisador para pesquisador, e sobre a criação de personagens históricos inflacionados de valor, remetemos o leitor ao artigo do crítico literário Anco Márcio Tenório Vieira. (VIEIRA, Anco Márcio. A Perpetuação de Um Mito. In. Continente Multicultural. n. 28. CEPE: Recife, Abril, 2003)

⁸ DIDEROT, D. **Carta sobre os Cegos**. (In. Diderot: Obras I – Filosofia e Política. Ed. Perspectiva: São Paulo, 2000)

manutenção de ideologias de estado, como prescreve L. Althusser em sua noção de “aparelhos ideológicos”. Há neles algo mais subterrâneo. Eles replicam e perpetuam os sistemas de referência e comunicação de um mundo eminentemente visual. E ao invés de promover uma potência expressiva mais apropriada ao universo particular da cegueira, acaba por sublimar esta experiência, retirando dela qualquer crédito. Não à toa, nas conversas com Antão, Maria Belarmino, se perguntará: “será que vocês nos visualizaram?”.

III- Hibridismo e Impurezas Disciplinares

Quando submetemos a versão em Braille de “Antão, o Insone” a uma tradução para o código escrito do alfabeto português, reparamos que outro problema se impunha. Aquela narrativa não possuía qualquer clareza identitária. Ela não era emitida de nenhum campo específico do conhecimento. Havia ali uma prosa amolecida, repleta dos contornos e desvios muito próprios à literatura e à poesia. Eram aliteraões, metáforas e metonímias o que se via impregnando o tecido do texto. Mas havia também, co-habitando com estas características, questões próprias à filosofia, como a relação entre conhecimento subjetivo e objetivo, entre solipsismo e empirismo, entre sujeito e mundo.

Porém, não seria tampouco uma filosofia pura, já que podemos extrair das reflexões de Tomé questões cultivadas por um campo novo de conhecimento, a saber, as neurociências e a neurobiologia. Com as evidências fornecidas por estas ciências novas, Antão parece querer incluir na filosofia o peso e a carne da biologia e da fisiologia. E, ao mesmo tempo, parece querer dotar estas ciências da natureza da leveza e das flutuações próprias às deambulações filosóficas.

Mas o processo de hibridização não se detém aí. Pois ainda há duas características a serem somadas aos genes desta criatura mestiça. Tomé de fato conviveu por algum tempo com um grupo de cinco cegos de nascença. Neste convívio, deu-se conta da produção de imagens e do olhar presentes no universo da cegueira.

Neste sentido, poderíamos dizer que há no texto de Tomé algo próprio às ciências sociais. Há ali, um trabalho de campo, uma etnografia. E uma etnografia que, por mais que seja incomum, era dotada de método. Pois Tomé procurou inclusive “simular-se cego”, na intenção de aproximar-se de seus convivas. Poderíamos chamar isso de uma “observação participante”, como prescreve

certa antropologia britânica, muito devedora dos “Os Argonautas do Pacífico Ocidental”, de Bronislaw Malinowski.

É deste convívio estreito, que vejo brotarem as reflexões sobre um outro campo de identidade disciplinar. Pois, acredito que sob todas as flutuações da prosa de Tomé Cravan existiria um eixo: a linguagem, como instrumento de comunicação e de referência ao mundo. Foi junto com a família Belarmino que Tomé deu-se conta que a linguagem, estrutura tida como espelho do real, tornava-se totalmente embaçado. Entre eles, Tomé pôde verificar como a linguagem, o primeiro e mais antigo dos sistemas de comunicação, era precária quando pretendia pôr em contato dois mundos tão diversos. Pois o mundo, com seus objetos e paisagens se conformava com outro feitio para aqueles que não possuíam aparelho visual. No fosso entre ele e os cegos havia como ponte apenas o mesmo sistema lingüístico de referência. Porém, era “uma ponte capenga, uma pinguela, prestes a desmanchar-se”, como nos descreve Tomé. Os cegos não conseguiam, através da língua, comunicar a integridade do mundo de imagens em que viviam e, ao mesmo tempo, Tomé não conseguia ser exato e revelar para seus amigos cegos as imagens que via diante de seus olhos.

No correr desta convivência com os cinco irmãos cegos, é possível verificar-se a raridade e a urgência de pesquisas científicas tendo como tema as percepções da cegueira. É possível também verificar que o conceito de imagem passa a necessitar de uma outra definição. E o próprio conceito de realidade precisaria submeter-se igualmente a uma profunda revisão. Afinal, não é a partir de construtos imagéticos que aquilo chamado por nós de “real” nos advém?

É em meio a um barulho intenso, a um verdadeiro “fogo cruzado”, que Tomé e a família Belarmino trocam informações. Diria mesmo que possui semelhanças com o “front” de encarniçadas batalhas. Lugar aliás, de onde Claude Shannon extraiu, nos anos 40 do século que passou, o modelo de “canal comunicativo”. É neste modelo que surge a noção de “ruído comunicativo”. Para este modelo o “ruído” é exatamente o elemento a ser reduzido ao mínimo e, preferencialmente, eliminado. Mas o que reparamos no texto de Cravan é que a comunicação, estabelecida entre ele e aqueles com quem conviveu, ocorre sempre sobre o solo incerto dos desvios e das refrações comunicativas.

Em todo o correr destas suas memórias e, de forma aguda, na experiência de convívio que teve entre cegos de nascença, Tomé parece apontar a crise deste modelo comunicacional clássico. Fica claro na leitura dos diálogos travados entre o autor e os irmãos Belarmino que o modelo shannoniano esvazia as potências criativas do receptor e coloca sobre o emissor todo o poder de comando. Além da falência do canal comunicativo - que se quer puro e neutro; que se imagina

apenas um método contábil de informação transferida – procuramos, em nossas notas de comentário, assinalar que este modelo bipolar nasceu sob o solo limitado de uma ideologia específica. Trata-se, ao nosso ver, de algo que brotou de uma abordagem “representacionista” do mundo.

Para esta forma de abordagem o corpo aparece como um mero instrumento de captação das informações advindas do mundo. E o espírito, como superfície sobre a qual “imprime-se” a imagem deste mesmo mundo.

O que a biologia contemporânea nos indica é que este “fora”, esta instância “externa” aos sistemas vivos, não emite nenhuma informação. A instância do “real externo”, como sugere o neurofisiologista Heinz von Foerster, não possui “nenhum sentido”⁹. Seria, na verdade, mais próxima da imagem construída por Tomé: “...um caos de fenômenos entrelaçados e sobrepostos: uma totalidade incognoscível”.

*Para biólogos contemporâneos, como Humberto Maturana e Francisco Varela - que, diga-se de passagem, parecem reativar o conceito Leibniziano de “mônada” - os corpos é que retiram deste caos, alguma ordem, filtrando, selecionando e construindo a estabilidade na qual estamos imersos e que chamamos de realidade. Para este novo olhar o modelo bipolar shannoniano não é, portanto, capaz de sustentar-se. Para esta abordagem, que renova as relações estabelecidas entre homem e mundo, a comunicação nunca se daria entre uma instância emissora e outra receptora. Não se **recebe** uma informação, mas sim, se **extrai** uma informação. E Tomé Cravan nos indica isso, sem recorrer aos argumentos da biologia, quando se pergunta: “Quando algo nos afeta, não seria por já fazer parte de nossos afetos?”. Em nossas notas, aliás, não fizemos mais do que sublinhar e reafirmar algo que o próprio Tomé nos mostra de maneira clara: nenhuma informação chega íntegra a um receptor. Ela precisará se alterar, se perder, para que chegue a um repertório pré-existente. Todo processo comunicativo seria necessariamente um processo criativo de tradução.*

Foi, destarte, a fisionomia de uma escritura que passeia entre campos diversos do conhecimento e que aponta para áreas distintas, que impôs sérias dificuldades na publicação deste livro. Estas dificuldades se impuseram desde o começo de nossa intensa peregrinação por entre os corredores

⁹ Foerster, H. von. in Do Caos à Inteligência Artificial. Guitta Pessis-Pasternak (org). **Do Caos à Inteligência Artificial**. São Paulo: Ed. Unesp, 1993. p. 203.

das editoras nacionais. “Em qual prateleira de livreria o senhor colocaria estes escritos?”, foi o que ouvimos da boca de inúmeros editores, ciosos pelas classificações do mercado.

IV - Os Encobrimentos Dialógicos da Escrita

Curioso reparar que o empreendimento literário de Tomé Cravan possuía todas as características de algo nascido para o aborto. Afinal, não poderia existir uma acumulação maior de recursos expressivos impróprios para a comunicação. Ao escrever em Braille, Cravan cortava qualquer possibilidade de acesso àqueles que vêem. Como se não bastasse todo o amplo leque de leitores excluídos, este imenso número de olhos para sempre cegos ao Braille, Cravan teve o azar de possuir como matéria para seus delicados entalhes estilísticos a língua portuguesa. O português, língua tão desconhecida, tão apagada para o mundo, sob a sombra do espanhol, naturalmente tenderia a calá-lo. Calá-lo como calou para o mundo outros homens de grande estatura, como Machado de Assis, Guimarães Rosa e Evaldo Coutinho.

Mesmo que a edição portuguesa fosse de primor incomum, a obra de nosso autor ainda passaria por um terceiro véu de encobrimento, além do minoritário sistema alfabético, e da obscura língua portuguesa: a ansiedade das novas tecnologias. Hoje, o sistema Braille encontra-se em crescente desuso. Já existem softwares muito especializados, capazes de substituir as surpresas do tato por aquelas do som. Hoje, qualquer livro, usado por nós que vemos, já pode ser escaneado e suas palavras podem ser transmutadas em vozes digitais¹⁰.

É difícil construir um parecer sóbrio a respeito da possível extinção do sistema Braille e de sua substituição por vozes digitais. É impreciso mensurar as perdas e os ganhos para o universo da cegueira. Porém, uma coisa é certa. Não possuindo qualquer versão impressa em alfabeto arábico, em breve as páginas de “Antão, o Insone” não poderiam sofrer os efeitos das luzes de um scanner e ganhar os contornos monotônicos e assépticos da narração digital. Assim, aquilo que Cravan tinha a dizer sobre o mundo - este seu “diário de bordo”, como um dia me definiu – naturalmente

¹⁰ Refiro-me a softwares de interface sonora como “Jaws for Windows”, da empresa Freedom Cientific, ou o “Virtual Vision”, da Micro Power.

iria evaporar como orvalho matinal. Se não era mais que escuridão para os que vêem, tornar-se-ia igualmente envolto em trevas para aqueles que supostamente nada vêem.

No platô muito concreto e corpóreo, de suas andanças, Cravan se dá conta que há visões entre seus amigos cegos. E que, a um só tempo, ele, dotado de um aparelho visual intacto, é constituído por uma cegueira fundadora. Já no platô mais abstrato, mais próprio às construções incorpóreas de conceitos e palavras, nosso autor repara que em toda edificação de linguagem, há um corte, um encobrimento. “Todo dizer é, em suas bases, um calar. Sob cada mundo descrito pela palavra sucumbe e é recusado um outro mundo de não ditos. Todo revelar é, simultaneamente um velar”, dirá alhures, em tons que parecem ecoar certo acorde wittgensteiniano, beckettiano.

Não é sem receio de ressecar a lubricidade das curvas barrocas, próprias à prosa cravaniana, que traçamos aqui as linhas retas de nossas análises. Sem querer reduzir as intenções de Tomé Cravan às nossas - ou de chamar seus fantasmas pelo nome daqueles que na verdade assombram a nós – poderíamos dizer que aquilo que o coage a escrever envolve um problema dialógico.

Refiro-me aqui ao princípio dialógico que aparece na obra do filósofo Edgar Morin como elemento fundador e norteador de suas análises e abordagens de complexidade. Morin refere-se à dialógica como um “operador cognitivo”, como uma pré-configuração do olhar. Seria através deste operador que poderíamos compreender que noções conceituais aparentemente opostas e excludentes seriam, a um só tempo, complementares. O operador cognitivo da dialógica procura abraçar a incerteza e a insolubilidade que montam as relações entre pares como indivíduo e sociedade, subjetividade e objetividade, autonomia e dependência, ordem e desordem. Desconhecendo limites e fronteiras montadas entre noções opostas como morte e vida, saúde e doença, o princípio dialógico aposta na fecundidade do paradoxo. E Morin evoca Heráclito que, como os estóicos, era amante do poder de dissolver lógicas duais, contida nos paradoxos. Para Morin, a máxima “viver de morte e morrer de vida”, além de acusar a tragédia existencial que habita cada homem, nos deixaria entrever também uma constatação biológica:

“(…) com o progresso do conhecimento biológico, ficamos sabendo que estas forças [o conjunto de forças que formam a vida] resistem à morte utilizando a morte. Como? Sem parar nosso organismo tem moléculas que se degradam, e nossas células as substituem por moléculas novas; nossas próprias células morrem e novas células vêm no lugar destas. Dito de outra maneira, nossa

*vida, através da morte das nossas células e das nossas moléculas,
continua.”¹¹*

Diferente do método dialético, que propõe uma síntese apaziguadora entre opostos, no momento posterior ao choque entre tese e antítese, a dialógica indica a irreducibilidade e a complementaridade simultâneas dos opostos¹². Será no atrito entre noções opostas que surge e eclode todo e qualquer fenômeno vivo. Diz Morin:

*“O termo dialógico quer dizer que duas lógicas, dois princípios,
estão unidos sem que a dualidade se perca nessa unidade.”*

E, alhures, indica a diferença com relação ao método dialético:

*“A palavra dialógica não é uma palavra-chave que faz com que as
dificuldades desapareçam, como fizeram, durante anos, os que
usavam o método dialético”.¹³*

*Há, na linguagem e em seus processos de comunicação, um movimento contraditório e paradoxal:
uma dialógica. Ao mesmo tempo em que afirma certos construtos de realidades, ela nega e
encobre, vários outros. Unidimensional, o acordo da língua planifica diferenças e monta-se sobre a
exclusão de inúmeras outras possíveis “visões” e experiências. Sendo construtora da realidade que
aborda, ela age por exclusão: para que possa revelar é necessário encobrir. É no jogo atritoso
entre revelação e ocultamento, que eclode a linguagem. Poderíamos dizer que para comunicar, e
assim, “mostrar” algo, a linguagem precisa estar “cega” para toda uma outra série de fenômenos.*

¹¹ MORIN, Edgar. Ética e Complexidade. in **Ensaios de Complexidade**. Edgar Assis de Carvalho e Maria da Conceição de Almeida [orgs.] Porto Alegre: Editora Sulina, 1997. p. 19.

¹² MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2000. p. 190.

¹³ Idem, p. 189-190.

Mas, por que Tomé Cravan escrevera seu único livro apenas sob a forja de incompreensíveis relevos? Por que negar a um público maior, para além daqueles que compartilham a cegueira, as imagens que haviam habitado sua mente e percorrido suas retinas? Para ele - refratário a qualquer análise pormenorizada daquilo que hoje denomina como sendo seu “surto mais produtivo” ou “renascimento mais mortífero” - escrever em Braille era, antes de tudo, manter-se fiel a seu “predecessor”. Escrever em Braille era a paga de um profundo endividamento que contrairia com aquele que mudara sua vida, fazendo-o renascer. E quem seria esta pessoa que tanto marcara a vida de Tomé Cravan?

O nome desta importante figura serve de título ao escrito. E estará presente em cada uma de suas quase 150 páginas. Seja nas linhas, seja nas entrelinhas. Trata-se justamente de Antão. Aquele que Tomé adjetiva como sendo um “incansável vigia”, um homem sem descanso: “Antão, o insone”.

Nosso autor passou a considerar este homem como seu “duplo oposto complementar”. Se Antão procurou tudo devassar e revelar com sua câmara de vídeo, Tomé iria escrever o segundo capítulo desta obra a quatro mãos: iria velar, encobrir, todo o relato de sua experiência em desertos sertanejos, atrás das pequenas montanhas brancas do código Braille. Escrever em Braille seria uma estratégia, segundo afirma, de “despossuir-se de suas imagens”. Seria acusar, na própria confecção de sua escrita, a cegueira de seus olhos são. Seria uma forma de acusar para seus leitores que os olhos não dão acesso a todas as realidades. Tomé, com seu livro em branco, operava um trabalho complementar ao de seu predecessor.

Tomé Cravan, não colheu qualquer insígnia acadêmica no correr de seus atuais sessenta e cinco anos de idade. Ele mesmo define-se de forma incerta. Não fomos nós, mas ele próprio que se condecorou com os títulos de “filósofo abortado” ou de “poeta sazonal”. Como podemos ver, o próprio Cravan usa para definir-se, um outro tipo categoria topológica. Se comumente as insígnias acadêmicas servem para assentar um saber, circunscrevê-lo em um campo ou área visualmente estável, Cravan prefere pôr em movimento um outro tipo de circunscrição: a negativa¹⁴.

¹⁴ Sabemos que a forma mais comum de descrever um fenômeno é fazê-lo de forma positiva. Se alguém me pergunta “o que é aquilo, no alto do céu?” eu posso responder de forma impositiva e dizer, reduzindo todas as outras possibilidades: “trata-se de um avião”. Porém, também posso referir-me ao mesmo fenômeno através de negativas e obterei também uma descrição. Perguntado sobre o que vejo no céu eu posso responder: “não é um balão”, “não é uma estrela”, “não é um ovni” e assim por diante. Eu estaria circunscrevendo um campo, uma área de observação usando um movimento contrário, porém de forma menos redutora. Michel Maffesoli sugere que este método de descrição pela negativa, forjado na Idade Média, pela teologia cristã como forma de referir-se a Deus, bem poderia ser utilizado pelo saber científico.

Antes de deixar o leitor a sós com estas páginas, precisamos agradecer a um homem em especial, sem o qual nossa empreitada editorial seria impossível. As memórias de Tomé Cravan chegaram às nossas mãos através do Dr. Clément Vaché, antropólogo francês radicado no Brasil, professor visitante da Universidade do Rio Branco, no Acre. Seu nome, aliás, surge logo no início delas e podemos dizer, sem medo de errar, que foi a partir dele que se desencadearam todas as vivências descritas aqui.

Amigo de juventude, o antropólogo é uma das raríssimas pessoas a privar do convívio pessoal com nosso autor. Há anos, Tomé Cravan abandonou sua cidade natal, Recife, e junto com ela qualquer atividade intelectual. Abdicou também da literatura, preferindo gastar seu tempo nos tratos de sua fazenda, na pequena cidade de Alexandria, no sertão do Rio Grande do Norte. Lá, ocupa as mãos com uma criação de cabras. Para ele, sujar as mãos no leite e nas fezes de seus animais tornou-se definitivamente uma “ocupação mais limpa e decente”.

Devemos, portanto, ao Dr. Vaché que, antes de qualquer um, deu-se conta do valor que tais escritos possuíam. Ademais, foi também ele que não mediu esforços para convencer Tomé Cravan a retirar da gaveta seus manuscritos e submetê-los a um novo processo de edição.

Por fim, gostaria de finalizar esta apresentação dizendo que a mim, apresentador de “Antão, o Insonne”, coube um papel discreto. Da forma que me foi possível, dentro de meus limites, segui o formato de uma edição comentada. Através de notas, ao longo do texto de Tomé Cravan, procurei apontar os universos de reflexão que imagino estarem agindo sob o fluxo de sua prosa. É, portanto, um texto sobre um outro texto. Uma narrativa, nascida dentro de outra narrativa o que pomos a público. Alerta, porém, aos leitores que coube a mim neste entrelace, uma parte menor e menos interessante. O texto de Tomé pode ser lido sem que se precise apelar aos meus insignificantes comentários.

Assim, teríamos uma “razão aberta”, ao invés de uma “razão fechada”, limitadora, imobilizadora. (MAFFESOLI, Michel. **Elogio da Razão Sensível**. Petrópolis, RJ: 1998. p. 53)

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO

“A questão se coloca da seguinte maneira, mesmo em função da ciência pura: pode-se progredir se não se entra em *regiões distantes do equilíbrio*? A física dá testemunho disso. Keynes faz progredir a economia política, mas porque a submete a uma situação de *boom* e não mais de equilíbrio. É a única maneira de introduzir o desejo no campo correspondente. Então, colocar a linguagem em estado de *boom*, próxima ao *crack*?”

(Gilles Deleuze, *Crítica e Clínica*. p.124)

A primeira edição deste livro foi objeto de duras críticas e de traiçoeiros ataques. E foi exatamente seu caráter movediço, sua feição híbrida, onde os lapsos próprios da memória fundem-se com a vontade de exatidão da história, onde os raciocínios não se mostram por inteiro, que parece ter irritado o gosto daqueles espíritos tendentes a maiores objetividades. Tais críticas, sabemos, não raro são tecidas com os fios rubros da vaidade, e sempre possuem laivos do dourado, próprio aos ornamentos do poder. Não são estas as cores que costumam ornar altares e paramentos, medalhas, insígnias militares e bandeiras nacionais?

É o caso da doutora Regina De Sabre e de seu artigo “Antão, o insone: sub-literatura ou sub-ciência?”¹⁵. Ao meu ver, é pena que um jornal tão prestigiado tenha-se curvado aos apelos publicitários que uma polêmica, mesmo sendo gratuita, é capaz de suscitar. E, ao mesmo tempo, parece-me incompreensível que a nobre doutora tenha perdido o precioso tempo de sua carreira acadêmica para dedicar-se a escrever sobre aquilo que odeia. Diria, antes de tudo, que sempre desconfie daqueles que usam como combustível de suas escrituras os desgostos, ao invés dos gostos.

A doutora De Sabre chegou a tecer considerações de ordem biológica, usando como metáfora para sua crítica ácida a aparência fisiológica de certos animais silvestres e domésticos. Diz a autora, alhures:

¹⁵ De Sabre, Regina. **Antão, o Insone: Sub-literatura ou Sub-Ciência?** Caderno de Resenhas, Correio de Minas, Belo Horizonte, 01 jul. 2000.

*“Se a arquitetura textual dos ‘Grandes Sertões...’ de Guimarães Rosa equivale à elegância de um potro em franco trote numa imensa pradaria; se ‘Relato de um Certo Oriente’, de Milton Hatoum, é comparável a urdidura delicada de um João de Barro, ‘Antão, o Insone’, de Tomé Cravan, possuiria a odiosa fealdade e a trôpega navegação de um ornitorrinco”.*¹⁶

A ilustre doutora (cujo PHD lhe foi outorgado, quem sabe, muito apressadamente pela recomendada Universidade de Cambridge) não poderia ter escolhido animalzinho mais adequado para ilustrar a prosa de Tomé Cravan. De Sabre possui razão em ver, nesta incomum criação de Deus, uma criatura amorfa e indefinida, cujo perambular é incerto e titubeante. Se o ornitorrinco é, como diz De Sabre, “um equívoco do processo evolutivo”, para mim ele surge como criatura iluminada. O ornitorrinco é uma encruzilhada interespecies. Antes de ser espécie acabada e bem definida, é como que um processo ainda em andamento. Aparece como algo claramente inacabado, imbricado na ordem do que é processual. Nele, pode-se verificar as patas mamíferas de um gato e o bico ovíparo de um pato. Algo nele parece indicar o vôo e suas alturas, mas o ambiente onde encontra lar é a relativa profundidade das águas doces.

Diz a professora De Sabre, mais adiante:

*“Nada empresta solidez à existência deste delírio chamado Antão, da mesma forma que nada indica que se possa assegurar qualquer veracidade nas análises óticas e fisiológicas ali tramadas”*¹⁷.

Não é por inexistir uma classificação zoológica segura para o ornitorrinco que ele, o animal, deixa de possuir carne, sangue nas veias e ossos. Não, professora: ele é real. Por mais que seja incômodo para o classificador que quer agrupar e pré-ordenar fenômenos, o mundo sempre será rebelde e prodigioso em surpresas e descontroles. E nunca caberá inteiro dentro dos limites de classificação, sejam elas quais forem.

¹⁶ Idem. p. 12.

¹⁷ Idem, p. 12

Mais adiante, De Sabre procura pôr ordem na casa no que diz respeito a formas de escritura. Para ela, persiste existindo uma nítida linha demarcatória entre o que seria uma escritura poética, informada predominantemente pela subjetividade, e o que permanece sendo uma análise desapassionada, que possuiria como referência um mundo externo e objetivo. Para a prestigiosa crítica literária, o texto que Tomé Cravan nos oferece seria um “(...) exemplo típico do mal-estar e do torpor que o relativismo contemporâneo sofre de forma intestina.”

Diz nossa crítica, logo adiante:

*“Para mim - e para grande parte da atividade mental ainda sã de nossas academias – o nome correto para este período histórico lastimável não é pós-estruturalista, tampouco relativista, como se auto-intitularam certos autores. Ao nosso ver, possuiria uma nomenclatura bem mais ingênua, por mais que por isso não torne o fenômeno mais inocente: é na verdade, **obscurantista** [grifo da autora].”¹⁸*

Congratulo a Sra. De Sabre por ser uma mulher de tamanha fé. Sorte a sua, professora, de não se dobrar aos ventos da incerteza. Ou quem sabe, azar, pois estruturas que não se flexibilizam tendem a ruir: esta é uma máxima que nos ensina a engenharia e seus cálculos para manter de pé as estruturas de grandes arranha-céus.

Devo porém lembrar que as chamadas “ciências humanas” nunca foram avaliadas como sendo fornecedoras de narrativas seguras sobre o real. Sob o olhar do próprio método científico, montado no seio das ciências naturais, esta modalidade de referência ao real seria avessa a muitas das características que fundam a sua identidade. O epistemólogo Gilles-Gaston Granger nos diz a este respeito que “aplicar o qualitativo ‘ciências’ ao conhecimento dos fatos humanos será, aliás, um abuso de linguagem”¹⁹. Afinal, os fenômenos estudados por disciplinas como história, sociologia ou comunicação, possuem uma carga de significação ampla e irreduzível a formalizações em esquemas lógicos e matematicamente manipuláveis. São altos os graus de imprevisibilidade contidos em fenômenos avessos a linguagem do cálculo. E para a ciência

¹⁸ Idem, p. 14.

¹⁹ GRANGER, Gilles-Gaston. **A Ciência e as Ciências**. São Paulo: Ed. Unesp, 1994. p. 85.

clássica, a medição, o controle e a predição são elementos identitários fundamentais para se obter um método. Nos diz Granger:

*“(…) não acreditamos que algum observador de boa fé possa apontar, no período em questão [a modernidade] uma descoberta ou uma formulação teórica nova acerca dos fatos humanos que pretenda **colocar-se em pé de igualdade** com as que foram colocadas nas ciências da natureza ou nas matemáticas.” [grifo do autor]²⁰*

Granger assinala que entre as disciplinas de humanidades, a história será aquela que mais fortemente incorporará a vontade de um discurso neutro e objetivo, derivado das ciências naturais. Algo muito semelhante é indicado pelo historiador Hyden White. Para ele a aparente objetividade da escritura historiográfica seria, na verdade, carregada de características que, a priori, se localizariam apenas no território da arte. A tragédia, a comédia e a sátira, junto com a estória romanesca, surgem para White como estruturas narrativas submersas no enredo historiográfico. E o “realismo”, reivindicado pela disciplina no séc. XIX, uma marca da vontade das humanidades em equipararem-se ao modelo científico das ciências da natureza.²¹

Mas, além dos estilos literários de escritura, agem sobre disciplinas consideradas as mais objetuais uma outra influência contaminadora. Sobre as interpretações da paleontologia, por exemplo, cujo objeto de estudo são os fósseis da cultura material, atua a força do mito.

O paleoantropólogo Missia Landau, sugere que a descrição dos estágios evolutivos do homem - que vão da terestralidade até a cultura, passando pela bipedia e a encefalização - seguem normalmente uma curiosa seqüência, muito similar ao mito do herói. Inspirado pelo estruturalista russo Vladimir Propp, Landau revela que há uma mesma estrutura subjacente nos contos folclóricos do herói e nas narrativas pretensamente objetivas da paleontologia: “o herói aparece; o herói é desafiado; o herói triunfa”. A instância criativa do mito estaria agindo sobre a vontade da narrativa realista da ciência, filtrando e assim modelando a face do real.²²

²⁰ Idem, p. 15.

²¹ White, Hyden **Meta-História: A Imaginação Histórica do Século XIX**. São Paulo: Edusp, 1995.

²² E segue mais à frente: “No caso das origens do homem, o herói é o símio da floresta, que está ‘destinado’ a tornar-se nós. O clima muda, a floresta reduz-se, e o herói é lançado na savana onde se depara com novos e terríveis perigos. Ele

Mas o fato, sra. De Sabre, é que a incerteza naquilo que de verdade habitaria as escrituras e as narrativas das frágeis e “moles” ciências humanas, invadiu também o arranha-céus das ciências da natureza, as chamadas “ciências duras”.

Não deve ter passado incólume diante de seus olhos, pessoa ilustrada que é, as descobertas já não tão recentes da física moderna. Deve recordar que esta reservada ciência, ao debruçar-se sobre as mínimas porções da matéria, viu todo seu poder de previsibilidade se esvaír. Ali, sequer é possível definir se um elemento possui a forma íntegra de uma partícula ou as reverberações diáfanas de uma frequência de onda. Nas bases da matéria, portanto, não há campos definidos. Não há tampouco, possibilidade de prever localização ou formas. Há apenas a incerteza das probabilidades.

Físicos como Niels Bohr e Werner Heisenberg dedicaram parte de suas obras discorrendo sobre a crise dos sistemas de referência aos fenômenos naturais em nível quântico. Acossados pelos limites do dizer, estes cientistas acabaram por verem-se obrigados a tornar-se epistemólogos. Pois o que eles possuíam como atravanco para suas descrições era precisamente os métodos de linguagem e representação. Nos diz Heisenberg:

*“Os problemas de linguagem, aqui, são efetivamente sérios. Desejamos de alguma forma falar acerca da estrutura dos átomos... Mas não podemos falar sobre os átomos utilizando a linguagem normal.(...) Aqui, não nos deparamos de início com qualquer guia simples que nos permita correlacionar os símbolos matemáticos com os conceitos da linguagem usual; e a única coisa que sabemos desde o início é o fato de que nossos conceitos comuns não podem ser aplicados à estrutura dos átomos”.*²³

Temos aqui, cara doutora, um processo óbvio de desmanche das fronteiras disciplinares. Pois os físicos acabaram por desembarcar no território bem armado da lingüística. Encontramos nas proposições de um outro físico, David Bohm, uma profunda análise do caráter criador e modelador

*luta para vencê-los, desenvolvendo inteligência, aprendendo a utilizar ferramentas, e assim por diante, e finalmente emerge triunfante, reconhecível como eu ou você.” (LANDAU, Missia. apud LEWIN, Roger. **Evolução Humana**. São Paulo: Atheneu Editora, 1999. p. 12 a 14)*

²³ HEISEMBERG, Werner. apud CAPRA, Fritjof. **O Tao da Física**. São Paulo: Cultrix, p. 42.

da linguagem. Vemos ali a incontestável necessidade de revermos as estruturas que movem nossas descrições do mundo.

A questão específica para David Bohm, em seu livro “A Totalidade e a Ordem Implicada”, é o quanto a linguagem, em sua estrutura, espelha, reforça e condiciona uma visão fragmentária dos fenômenos naturais e humanos²⁴. Esta visão fragmentada estaria nas bases das ciências clássicas, devedoras de uma abordagem atômica da natureza. A partir dela, nascem todas as noções de separação: as manifestações da matéria passam a ser vistas em si mesmas, longe de uma interdependência sistêmica ou de uma dualidade comportamental como, por exemplo, ser onda e ser partícula a um só tempo; o sujeito é separado do objeto; os saberes tornam-se disciplinas incomunicáveis entre si. A estrutura sujeito-verbo-objeto das línguas modernas surge como exemplo desta tendência fragmentária²⁵. Toda a potência de movimento e continuidade contida nos verbos, nos diz Bohm, foi como que sublimada em favor da imobilidade do substantivo. Para Bohm, torna-se necessário pensarmos criticamente sobre as estruturas do dizer que pomos em movimento para, assim, repararmos em seus condicionamentos. E, mais do que isso, seria necessário propormos experimentos lingüísticos que possam ativar estas outras configurações do real, colocadas de fora da linguagem comum. Para isso, Bohm sugere um método alternativo de escritura: o **reomodo**. O **reomodo** surge como forma de recuperar na linguagem, “numa forma rudimentar ou germinal”, o que há de verbal nos substantivos e por conseguinte, o que há de continuidade e extensão na aparente fragmentação dos fenômenos²⁶.

Bohm, por fim, sugere que se inclua na ciência algo vindo de uma outra área de atividade lingüística, tida como apartada das reflexões científicas sobre a realidade: a poesia e as artes em geral. Nelas, a experimentação de linguagem é uma característica já bem sedimentada. Através destas experimentações, outros aspectos da realidade seriam capazes de surgir²⁷.

Acredito que ninguém em sã consciência possa dormir tranquilo depois de um terremoto de tamanha magnitude. Pois a linguagem agora não funciona mais como um suporte neutro, na qual a imagem da realidade é revelada. Ela agora se mostra como elemento co-criador desta realidade.

Porém, devo reconhecer, não vivemos mais em tempos de visões unidimensionais. Vivemos no cruzamento, na encruzilhada de inúmeras versões que constroem a partir de um mesmo mundo,

²⁴ BOHM, David. **A Totalidade e a Ordem Implicada**. São Paulo: Ed. Cultrix. 1999.

²⁵ Idem, p. 54.

²⁶ Idem, p. 53.

²⁷ Idem, p. 56.

múltiplas versões. O que nos resta é sermos democráticos. E respeitar a fé alheia. Mesmo que esta fé seja na ciência que, como nos define Thomas Kuhn, outro físico epistemólogo, seria a “constelação de crenças, valores e técnicas partilhadas pelos membros de uma comunidade determinada”²⁸. É prudente estar de sobre aviso sobre os enleios de fé, pois é dela que costuma brotar muita intolerância e muito sangue.

E já que falamos em matéria de fé, gostaria de lembrar que De Sabre ocupa o célebre título de professora de letras e artes latino-americanas na Universidade de Altos Estudos da Luisiana. É nesta cátedra que sua fala é autorgada, e dela pode advir o julgamento e a verificabilidade da Verdade. Porém, mesmo emitida de uma cátedra científica, bem poderia estar sendo pronunciada de um púlpito eclesiástico, usado pelas autoridades da Sacra Congregazione, quando blasfêmias heréticas contra Deus, os Santos ou a Virgem, eram punidas com a fogueira. Recomendo a ilustre doutora, a propósito, uma leitura minuciosa da pesquisa empreendida por Ignacio Villa Calleja. Nela, podemos acompanhar como o sistema inquisitorial católico romano acabou por servir de forja para os mecanismos acadêmicos de julgamento e comprovação da verdade²⁹.

Penso que a doutora Regina De Sabre antes de apreciar o mundo protege-se dele com os anteparos das descrições de suas paisagens. E confunde a aventura das viagens com os relatos contidos em cartões postais. Gostaria de aqui reduzir tudo o que tenho a dizer sobre ornitorrincos e fusionamentos entre ficção e realidade com o trecho de uma memorável palestra do químico Ilya Prigogine. E se a professora admira fontes sólidas, terrenos firmes para pousar os pés, não poderia haver nada mais confiável que a fala de um profissional das ciências naturais básicas, de onde as

²⁸ KUHN, Thomas **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2000. p. 218.

²⁹ Para os leitores interessados em saber mais detalhes sobre os enlaces entre discurso da razão e discurso religioso, indico a leitura deste livro ainda não traduzido para o português. O denso estudo de mais de 500 páginas empreendido pelo historiador espanhol Ignacio Villa Calleja é baseado nas inquisições espanholas das cidades de Salamanca e Valência. Para o autor será destes dois sistemas jurídicos que as universidades das respectivas cidades extrairão suas *vicari foranei*. Os detalhes descritos por Villa Calleja são profundamente elucidadores. Nele, podemos vislumbrar como, passo a passo foi se formando o rito das “defesas” acadêmicas modernas. Nestas defesas públicas ainda se detectam muitos resquícios de suas origens: rito litúrgico medieval. É o caso das vestimentas. A “mitra” e o “hábito sambenito”, usados pelo condenado à fogueira, são os ancestrais dos atuais chapéu e toga dos candidatos a titulações de mestre e doutor. A instituição do número de três inquisidores (referência à Santíssima Trindade) e de um quarto suplente para casos mais difíceis e graves (a Virgem), dão origem à formação das atuais bancas de mestrado e doutorado (3 membros avaliadores para mestrados e 4 para doutorado). (VILLA, Ignacio Calleja. **Edictos de la Fe y Edictos de la Razón: El Santo Oficio en las origenes de los sistemas de comprobación de la verdad científica**. Ed. Análisis : Madri, 1989)

auto intituladas “ciências humanas” procuraram extrair seu pequeno quinhão de certezas. Prigogine é, além de tudo, para aqueles que respeitam as credenciais de titulações, um prêmio Nobel em sua área.

Diz Prigogine, referindo-se aos abalos que ocorreram mesmo neste território tido como firme da física e das ciências “duras”:

“Em nossa vida, na vida das sociedades, não podemos esperar certezas. A história é ‘instável’. (...) Em contraste com isso supunha-se que a natureza era estável e que a ciência podia alcançar a certeza. Continua válida essa suposição em nossos dias? Teve lugar uma mudança drástica.”³⁰

E, mais adiante, cita a declaração feita em 1986 por Sir James Lighthill, na época presidente da União Internacional de Mecânica Teórica e Aplicada:

“Tenho que formular uma proposição, falando novamente em nome da grande fraternidade mundial daqueles que se dedicam à mecânica. Hoje temos plena consciência de que o entusiasmo de nossos antecessores pelos maravilhosos sucessos da mecânica newtoniana os levou a fazer certas generalizações nesta área de previsibilidade, nas quais, tínhamos em geral, antes de 1960, uma tendência a acreditar, mas que agora reconhecemos como falsas. Desejamos pedir desculpas coletivas por não ter orientado na direção adequada o público culto em geral, difundindo idéias sobre o determinismo dos sistemas que se atêm às leis do movimento de Newton, idéias que, depois de 1960, demonstraram ser incorretas”.

³⁰ PRIGOGINE, Ilya. **O Fim da Ciência?** In. SCHNITMAN, Dora Fried (org). **Novos Paradigmas em Cultura e Subjetividade**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1996. p. 26.

Antão, O Insone



Estas memórias não mais me possuem. Agora, impressas em Braille, elas estão em vossas mãos, caros leitores.

Tomé Cravan

Parte 1

De Portas Cerradas

I- Soberana Sofia

Todo o escorrer de suas tardes era ali, sentada, em uma cadeira de balanços. Os olhos estavam sempre abertos. Nada os desviava de algum horizonte para o qual pareciam abrir-se. Mas, se a cadeira que podia oferecer-lhe balanços mantinha-se sempre estática, deduzia-se que aqueles olhos, sempre abertos, nada mais fitavam. Aos 102 anos, Sofia parecia não mais se importar com o que a circundava. Tudo o que lhe era externo parecia ter sumido. A imobilidade não parecia lhe incomodar. Tampouco aos melros que freqüentemente pousavam sobre sua cabeça. Mas sobre mim os efeitos de vislumbrar tal afasia eram por demais danosos. Olhar para seu olhar, sempre fixo sobre a mesma paisagem, parecia surtir aquele efeito próprio dos espelhos: refletir o rosto que o encara. Por isso, periodicamente ia até a varanda, para espantar os melros e mudar a posição da cadeira de balanços. Girava-a levemente, em torno de seu eixo. Assim, imaginava oferecer a Sofia outro ângulo do jardim ou, quem sabe, no mínimo, outro ângulo de Sofia para o jardim. E a mim, oferecia a fuga temporária daquilo que via na superfície do espelho.

O calor era forte, naquela manhã de verão, quando soou o telefone. Da porta entreaberta de meu quarto, era possível ver na varanda, os melros abandonarem a colossal cabeça branca da velha, espantados pelo trinado eletrônico. Entre os bateres de asas, puxei para mim o telefone e pude escutar, como que naufragada em mares de estática, uma voz familiar:

- Por obséquio, o senhor Tomé Cravan está?

Provavelmente foi o calor, quem sabe, os efeitos de seu sopro quente. Ou, talvez, o cheiro agri-doce das fezes de Sofia, que ele trazia para meu quarto e fazia roçar meu rosto. O fato é que aquela voz que eu era capaz de reconhecer apenas pela metade, que sabia ter sido velha conhecida, mas que não se conformava como um corpo inteiro e legível para minha memória, me causou uma forte vertigem. Tirei do bolso o lenço, enxuguei o suor e respondi secamente com um “pois não”.

- É Clément, meu amigo. Clément. Sei que não somos mais meninos, mas tu já andas a caducar?

O cheiro de merda inundava todo o quarto e era como se formasse uma nuvem na qual eu estava imerso. Não me vinha nenhum Clément inteiro à mente. A vertigem apossou-se de meu corpo e, assim, preferi não prolongar tal sofrimento:

- Não conheço nenhum homem que possua nome tão servil. Bom dia, meu nobre senhor.

Ainda pude ouvir um dissipado “espere...” antes que o telefone voltasse a descansar sobre a mesa. Fui até à varanda para limpar Sofia.

Muito esguia, ressecada pelo sal dos anos, carregá-la da cadeira de balanços para aquela outra, de rodas, não era uma tarefa difícil. Ela tornara-se leve como um vaso de flores, destes que trocamos periodicamente de prateleiras e mesas de canto, para melhor fruir a luz do sol. No banheiro, eu havia instalado uma cama alta, onde podia tratar melhor dos problemas que se acumulavam sobre seu corpo surrado. Deitava-a lá e, despindo-a, reiniciava o que havia se tornado um rito. Seu corpo desnudo era envolto por uma pele que em algumas áreas era muito fina, na iminência de se rasgar. Em outras era grossa como um gibão de vaqueiro. Em todos os casos, parecia cobrir gravetos pontiagudos, prontos a irromperem a qualquer momento. Não existia mais nenhuma penugem cobrindo axilas, braços ou pernas. Contudo, no centro de seu pequeno esqueleto, havia aquele misterioso púbis que, desafiando o tempo, mantinha-se negro. Sempre, a cada dia que me via obrigado a tratar de sua pele, constantemente aberta e em carne viva, pelo contato com os vários assentos e encostos onde era obrigada a depositar seus ossos, aquela imagem me assombrava. Aquela pequena porção de juventude parecia haver pousado casualmente sobre aquele feixe de ossos e couros. Como os melros da varanda.

Há quantos anos teria se apagado o mundo? Pensava eu de meu quarto, enquanto entrevia aquela silhueta ressecada, restituída ao seu trono de palhinha, no avarandado. Atrás de seu perfil aquilino, abria-se a vasta paisagem dos subúrbios recifenses. Do décimo quinto andar, via-se pulsar o profuso verde desigual dos morros, polvilhado de casebres sem reboco e taperas de papelão. Logo ali ao lado, nasciam mais três arranha-céus como este que agora me servia de abrigo. Em não mais que um ano, a paisagem mudaria. E, em breve, não seria mais possível assistir de minha varanda a terra do morro se dissolver e os casebres

despencar nos dias de tempestade, fazendo rolar em meio ao caldo grosso da lama, recém-nascidos, botijões de gás e televisores. Sofia pairava soberana para além de tudo.

II- Diálogo Solitário e Imagens do Passado

Não demorou para o telefone soar novamente. E a mesma voz me argüir.

- Ficou louco? Dément? Insensé? Fou? Étour-di? C'est Clément, anormal!! Clément!!

Agora a imagem conformara-se. A voz formara eco e o sotaque ganhara corpo. Era Clément Vaché.

- Clément... Não reconheci sua voz. Jesus Cristo. Há quanto tempo não nos vemos!? Retornastes ao Brasil!?

- Já há um ano, mon ami.

Ao ver restaurada a imagem de Clément em minha mente, sumiu para meus ouvidos o som de sua voz ao telefone. Tudo nela me transferia às flutuações do passado e retirava de mim todo o chão do presente. O que se seguiu pouco se assemelhava a um diálogo. Pois, enquanto ele falava de seu presente, eu recordava de nosso passado. E o refazer daquilo vivido tinha como cadafalso as reentrâncias de sua voz, tecida num misto de francês e de português do nordeste brasileiro.

- ... há um ano no sertão...

O sotaque de Clément restituía em mim inúmeros ontens. Ontens repletos da intensa cumplicidade que costuma forjar a juventude e seus sempre vastos horizontes. Ontens selvagens de álcool e de madrugadas brancas. E agora tudo regressava. Supunha ser capaz de sentir meu tórax inflar-se e ver colada novamente sobre os músculos de meu peito a camiseta branca. Parecia voltar a sentir o aroma do humor ferino de outrora, daquela palavra exata e afiada, capaz de cortar profundo toda a carne do mundo. A camisa branca afrouxara-se havia anos e não mais possuía nada para delinear. O sabor azinhavrado do

gume das palavras há muito havia secado em minha boca. O português trôpego de Clément era um penhasco. Eu vislumbrava o vulto fugidio daquilo que um dia eu fora, do outro lado do abismo. Meu impulso era saltar. Mas sabia que as pernas não responderiam ao sumidouro do chamado.

- O sol aqui é um martelo. E minha pele, a bigorna.

Apenas ele falava, enquanto eu me perdia entre velhas e novas imagens: em quê teria me transformado? Novamente, o espelho. Na voz de Clément, era possível enxergar-me e, de alguma forma, reviver o que um dia se passara. Porém, o que surgia em minha mente era como uma imagem cujas bordas se apagaram. Existiria um sol também para a memória? Um sol sob o qual as imagens que se procura reviver esmaeceriam, descolorindo-se como polaróides?

- Preciso falar-te de algo que encontrei aqui, num lugarejo próximo de São José do Egito. É algo intrigante...

Certamente as imagens que eu passava a ver, enquanto a voz titubeante de Clément fluía, não representavam o que nós vivêramos ou o que fôramos. Pois, aquelas imagens empalidecidas, pouco acusavam uma verdadeira re-apresentação de algo vivido³¹. Pouco certamente se mantinha íntegro. Uma mentira ou uma invenção da memória? Talvez a representação fosse uma irmã siamesa da imaginação. E toda vontade de re-presentificação de algo já ausente fosse, na verdade, uma outra apresentação, um outro tipo de presença³². Indóceis, as imagens presentes na mente não parecem se submeter a seus referentes.

³¹ É difícil não lembrar da dicotomia entre “apresentação” e “representação”, tema recorrente em análises semióticas. Para Max Bense esta diferença fundaria e daria esteio para o próprio conceito de signo. (BENSE, Max. *apud* SANTAELLA, Lucia e Winfried Nöth. **Imagem: Cognição, Semiótica, Mídia**. São Paulo: Iluminuras, 2001. p. 20)

³² Acossado pelo sentimento de incapacidade em referir-se diretamente ao mundo, é solipsismo o que parece fornecer as bases do tormento de Tomé Cravan. O descolamento ontológico entre signo e coisa significada pode ser visto na obra do filósofo argelino Jacques Derrida. Este funcionará como uma das matrizes da “crise da representação”, no seio dos estudos contemporâneos do signo, desconstruindo qualquer relação de “referencialidade essencial” do sistema semiótico. Para o filósofo, apresentação e imaginação aparecem como sinônimos. O signo não re-presentificaria ou repetiria um referente ausente, mas sim, o recriaria sempre diferente. (SANTAELLA, Lucia e Winfried Nöth. **Imagem: Cognição, Semiótica, Mídia**. São Paulo: Iluminuras, 2001. p. 25)

Parecem fugir ou adiar infinitamente o encontro com aquele presente que um dia as moveu. E assim, elas prosseguiram proliferando em minha cabeça, me ofertando novas imagens, sempre parcialmente desmemoriadas, sempre diversas daquilo que havia um dia lhes insuflado a pulsação do instante. E, enquanto ele falava, eu me entregava à gravidez de minha memória e de suas imagens, prenhes de esquecimentos.

- Tomé, mon ami, creio que você vai se interessar...

Clément e eu fomos contemporâneos de curso superior. O tempo era 1961, e o espaço, a faculdade de ciências humanas. Ele, aluno sempre disciplinado, já esboçava o futuro antropólogo obcecado que se tornaria. Eu, sempre indeciso quanto a métodos, igualmente desenhava algo vindouro. Porém, seria algo diverso de meu grande amigo: um filósofo abortado, transformado em escritor sazonal.

- Não consigo avaliar isto. Como tu és o homem das letras e das artes... E gostas de estranhezas...

Como é comum entre franceses, Clément sonhava trópicos. Ainda dono de tenra juventude, já se via embalando idílicas *libertés, fraternités e égalités* em redes montadas entre coqueiros. Não foram poucas as vezes em que eu enxerguei no sonho tropical de meu amigo o traço de caráter que parece conformar as relações entre Europa e Brasil. Sempre pensei que o Brasil era o inconsciente da Europa.

- São fitas de vídeo. Uma montanha ...

Era o canto, a porção, aonde a razão branca delirava. Aonde toda métrica amolecia e toda objetividade tremulava quente, febril. Aonde todo concreto evaporava, subindo aos céus em grossos nós de fumaças de charuto e garrafas de cachaça. Em uma de suas etnografias Clément metera-se em terreiros. Supôs ser donatário de percepções e sensibilidades especialíssimas e, tornado tão assujeitado por seu objeto de estudo, desejou tornar-se “ogan”. Foi lá, entre os toques do tambor, que entreviu Socorro, negra socada, de boca abissal, serpenteando gargalhadas de outro mundo. Largou de imediato o sorriso tímido de Simone, com o qual convivera toda sua juventude e que, por sua vez, também sonhara nos bulevares parisienses com o ninar das redes. Enquanto Simone voltava com ares de louca a

Paris, aflita para o quanto antes despertar do pesadelo úmido dos trópicos, meu amigo jazia naufragado na carne escura daquela brasileira que tinha por nome um grito.

- ... de fitas de fitas de vídeo.

Por entre o som sumido da voz ao telefone, surgiu-me na memória uma noite especial, no terreiro em que Socorro costumava emprestar a gravidade de sua carne para as entidades em visita passageira. A puxada, nos fundos de uma casa simples do bairro de São José, estava repleta. O branco das vestes era como um grande véu cobrindo o vermelho do chão de barro batido. Logo na entrada, aconselhava-se descruzar braços e pernas para que aquilo, supostamente trançado por alfazemas, cânticos e tambores, pudesse descer e “fluir” através de nossos corpos sem obstáculos. A pequena multidão de mulatos rotos, envoltos em engomada alvura, se conformava aos meus olhos em uma espécie de bicho, uma espécie de animal que contraía e dilatava seu corpo à revelia de cada um daqueles que constituíam este organismo de múltiplas cabeças. O revirar-se deste animal me carregava como um boneco inerte no interior de seu fluxo autônomo, até que me vi acumulado como um detrito em um canto do salão, atrás do paredão de homens e mulheres, vendo à certa distância tudo se desenrolar.

- Imagine... certo dia um de meus informantes, Seu Ambrósio, me levou para a sacristia da igreja local. Disse-me que precisava me mostrar algo.

O som dos tambores acelerou-se quando algumas das mulheres saíram do semicírculo de movimentos compassados e constantes e, escapando da ritimia de corpos a balançar em grupo, passaram a imprimir em seus braços e pernas um ritmo quebrado, desagregado, que parecia indicar um erro, um corte de padrão, uma marca de distonia: uma diferença. O rufar de atabaques dos *ogans* agora acalentava esta diferença, este frenesi próprio àquelas poucas dançarinas oblíquas, enviesadas, tortas como pregos recém arrancados da madeira. Dos murmúrios abafados cresceram gemidos, fundidos aos choros e as gargalhadas inesperadas, que feriam o ar como a ponta de um chicote e deslocava para a garganta o coração de desavisados como eu. O animal da multidão novamente moveu-se e organizou-se na forma de longos braços, onde cada um dos mulatos rotos esperava sua vez de ouvir a voz do outro mundo lhe solicitar os holocaustos necessários e cabíveis aos seus desejos. Clément fez de

longe um sinal com o dedo, me convidando a entrar na fila. Brevemente pude me confrontar com os olhos da preta, avermelhados de fumaça. Era um olhar cheio de pontas, que tangiam para o centro a lateralidade de meu olhar, buscando encurralá-lo. Meu olhar era lebre que se confrontava num campo aberto com as garras da coruja. Tendente às flutuações laterais, típicas daqueles que encobrem algum cadáver dentro de si, desviei meus olhos e ali, deitei-os no chão, escapando temporariamente do confronto. Eu fingia-me de morto para a coruja, ou de cego para aquele olhar que advogava para si ser o olhar vindo de um outro lugar, de uma outra porção de território, cuja topologia era mais alta e que por isso, era capaz de tudo enxergar.

- Deparei-me com uma caixa de madeira, repleta dessas pequenas fitas, próprias para filmagens amadoras, caseiras...

Era temor o nome do cadáver que meu olhar escondia e que o obrigava a desviar, para não evidenciar a ocultação. Mas nada me indicava que aqueles olhos vermelhos estivessem refletindo o sangue do meu temor. Levantei os olhos e segurei-os firmes, olhando para o Olhar que tudo vê, o Olhar sob o qual tudo é de vidro e não oferece resistência à Sua inspeção³³. “Queres ver miséria?”, pensei enquanto fixava os olhos da coruja. “Aqui estou”. De repente, não vi nada além de veias arrebetadas pela fumaça dos charutos e pela cachaça barata, a congestionar o branco perolado dos olhos daquela bela negra que era Socorro. Toda a profundidade emergiu, aplanando-se tranqüila nesta superfície, que a pouco parecia ocultar algo para além de si. Era apenas Socorro. Nada mais e nada menos. As pontas agudas que tinha avistado e que pareceram me devassar, arredondaram-se e tudo se aquietou sobre o chão, o mesmo chão que sempre amparou o peso de todas as coisas. Ela então pôs as mãos sobre minha cabeça, bafou uma pequena porção de fumaça, esboçou algum gesto circular com os braços entorno de meu corpo e dispensou-me, solicitando os próximos olhos da fila.

³³ Pode-se entrever aqui uma referência de Tomé ao “olhar panóptico” divino, que tudo enxerga e, conseqüentemente, tudo controla. Michel Foucault em “História da Loucura”, traça interessantes analogias entre este olhar de controle total da divindade e aquele, surgido na arquitetura dos presídios e manicômios, montados na alvorada da modernidade, no correr do século XVII. Nesta arquitetura os vigilantes são capazes de ver toda movimentação dos encarcerados sem que estes vejam aqueles que os observam. (FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1978)

- Perguntei do que se tratava e Seu Ambrósio me disse que aquilo pertencia a um andarilho chamado Antão. Ele havia morado no lugarejo por algum tempo.

No final do culto, puxei Clément para a cerveja mais próxima. Sentamos em tamboretos de pouco equilíbrio entre bananeiras. Lá lhe perguntei o que via no momento dos primeiros tremores, no momento em que, de súbito, uma voz estranha passava a se arrastar garganta a fora do “cavalo”. Clément mudou subitamente os contornos de sua face rósea que até então mantinha um leve sorriso, um sorriso que deixava claro o quanto ele tornara-se fundido àquele espetáculo. Retirou os óculos circulares do nariz aquilino, revelando quão miúdo era o preto de seus olhos, sempre agigantados e por demais atentos quando atrás das lentes. Segurou a armação na palma da mão, franzindo a fronte para melhor focar-me. Falou-me então, de cegueira. Disse não conseguir mais enxergar o que ocorria no terreiro. Agora estava dentro dele. E por não possuir mais nenhuma distância, tornara-se cego para qualquer análise.

- Como não tinha nenhuma posse, o padre resolveu acolhê-lo. Passou a trabalhar como jardineiro da igreja, para garantir comida e cama.

Falou-me das maravilhas desta suposta cegueira. Uma cegueira nascida do encurtamento radical de distâncias que havia se dado entre ele, antropólogo, e seu objeto de estudo. Agora não havia mais construções templárias para simplesmente admirar à distância e retraçar genealogias arquitetônicas. Não havia mais ritos dos quais extrair secamente símbolos: ele era um dos enodamentos que compõem a trama do rito e era um símbolo corporificado. Não havia mais regências mitológicas a investigar, a destrinchar: ele era o próprio mito em ação. O terreiro e ele, haviam se fundido em um só corpo.

- Dizem que ele andava todo o tempo com uma filmadora na mão.

Pensei se haveria possibilidade de existir tal fenômeno. Um fusionamento total entre sujeito e objeto. Lembro-me de lhe dizer friamente, com certo desdém, que para mim não havia possibilidade de mistura total entre estas duas instâncias. Não acreditava, definitivamente, em continuidades, em extensões que tornassem um só corpo o mundo e o homem que o observa. Procurei recordar-lhe a frustração de Foote-Whyte, em sua pesquisa entre as

minorias italianas de Londres³⁴. Ao que parece, o etnógrafo esqueceu que seu campo também possui olhos. Olhos tão agudos quanto aqueles que se debruçam sobre ele. Sempre, para além de nosso olhar, existem os olhares alheios. Aqueles que se debruçam sobre nós nos dizendo que há sempre um limite, um corte.

- Quando peguei uma das fitas, vi que estava etiquetada. Possuía uma datação, com dia, mês e ano.

Mas Clément não cedeu um palmo sequer do terreno selvagem de suas paixões para a aragem de minhas análises. Tudo isto lhe parecia agora um procedimento assemelhado aos frios métodos da medicina legal. Uma autópsia. Era assim que se referia às relações entre o etnógrafo e seu campo. Para analisar os processos circulatórios nos vasos e artérias de uma rã o pesquisador precisa matá-la. Se, no momento em que dissecava seu corpo, procurava os mecanismos e sistemas de manutenção da vida, o que acabou por achar foi o seu contrário: a morte. Seria possível observar algo vivo debruçando-se sobre seu cadáver? Era necessário para meu amigo que houvesse mergulho, um profundo mergulho na carne pulsante do mundo. Seria assim que se tocaria a realidade: afastando todas as mediações. Os olhos, metáfora maior das análises e das distâncias, precisariam cegar, para que as mãos ganhassem força e agarrassem. Para que as narinas se dilatasse e sorvessem o intenso perfume da vida.

- Imagine... Uma pilha de fitas filmadas...

³⁴ O antropólogo William Foote-White filia-se à tradição etnográfica inglesa, cujas bases remontam as pesquisas de campo de Bronislaw Malinowski. Desenvolveu uma etnografia no bairro de Corneville, periferia londrina. O jovem antropólogo também havia perdido a distância entre si e seu campo. E imaginou-se como membro integrante de seu campo, passando a usar os jargões e palavrões típicos de seus informantes. White sentiu-se surpreso quando seus supostos “amigos” disseram não lhe cair bem este tipo de palavreado. Este *feed-back*, provocou um corte no idílio da fusão absoluta que Foote-White imaginava ter naufragado. Seu campo cedera para ele um lugar dentro do grupo. Porém, nunca o consideraram como um igual. Foote-White escreveu um célebre ensaio sobre a “observação participante”, onde descreve os limites da fusão entre pesquisador e objeto pesquisado. (Whyte, Foote. *Treinando a Observação Participante*. In **Desvendando Máscaras Sociais**, Alba Zaluar. [org.] Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1990. p. 77)

Não houve naquela noite qualquer acordo possível entre nós. A paixão de meu amigo evocava uma suposta pureza, uma pureza das sensações primevas, diretas, que pareciam não possuir qualquer mediação. Submerso em seu antigo tema de estudo, eram imagens que evocam a eliminação das distâncias, as preferidas de Clément em sua tentativa de conformar para mim o que se passava agora consigo, ao adentrar o terreiro. Aromas e paladares, calores e friagens eram agora os pilares de sustentação de seu discurso. Tudo agora se localizava na superfície da pele, esta pequena porção que separa indivíduo e mundo. E nos buracos da cabeça, por onde o mundo adentra sem aviso.

- ... formam mais de mil...

Cegueira era o que Clément propunha. Era curioso reparar como os olhos e seu produto, o olhar, eram metáforas recorrentes no dialeto dos antropólogos. A cultura seria exatamente uma lente, através da qual o homem enxergaria o mundo que o cerca³⁵. Porém, como é de se supor, toda lente possuiria limites. Seu emolduramento é um deles. Além de seus contornos, quando os olhos resvalam para fora de seu enquadramento, tudo inevitavelmente sai de seu foco costumeiro. As características das lentes não alterariam aquilo que se olha? Seus graus de curvatura e cristalinidade, de cor e filtrações de luz não delimitariam as formas das coisas observadas? Todos estes limites agindo juntos, parecem oferecer uma determinada imagem de realidade ao portador da lente. Entre homem e mundo haveria, portanto, sempre esta lente. Portanto, toda a imagem do mundo e todas as deambulações de nossos corpos, que se imaginam trafegar sobre sólida paisagem, não seriam quimeras? Não seriam fenômenos de refração, ocorridos na superfície polida desta lente? Este havia sido o grande terremoto urdido pela antropologia, no início do século XX.

- O que este homem tanto filmou?

Depois deste terremoto, o solo nunca mais se manteve sólido como outrora sob nossos pés. Pois, antes do real haveria sempre o entreposto da cultura e de suas lentes. As culturas são

³⁵ É utilizando a metáfora de uma prótese ocular, a lente, que Ruth Benedict refere-se ao objeto fundamental da antropologia, a cultura. Diz a antropóloga: "Os escritores de todas as nações tentaram fornecer uma descrição de si próprios. Todavia não é fácil. As lentes através das quais uma nação olha a vida não são as mesmas que uma outra usa." (BENEDICT, Ruth. **O Crisântemo e a Espada**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1988. p. 19)

inúmeras e as lentes possuem as mais inimagináveis configurações. Havia sido a antropologia, com seus métodos, que tornara toda a realidade uma miscelânea de focos e pontos de vista. Perguntei-lhe como poderia me fiar, portanto, nos produtos deste mercado persa de múltiplas realidades.

- Eles guardaram este amontoado de fitas... mas nunca souberam o conteúdo delas.

Neste ponto de nossa conversa, entre um gole e outro de cerveja, acendi um cigarro e cruzei as pernas, tentando mostrar uma sóbria elegância, mesmo que nossos humores estivessem se tornando tão instáveis quanto os tamboretas em que tentávamos nos equilibrar. Assim, segui minha argumentação, apostando na máscara que havia criado para mim, no correr de meus 30 anos de idade: a máscara de um cético contumaz. Puxei forte do cigarro e, encenando um silêncio reflexivo, soprei a fumaça que flutuou no ar em forma de anel. Com o dedo, rompi a bela imagem circular e lhe falei sobre o êxtase de Socorro, objeto inicial de nossa peleja.

- ... por estas bandas não há vídeo cassete disponível.

O êxtase, lhe disse, era um fenômeno observado em inúmeras culturas. O culto sincrético *Indian Shaker*, do estado de Washington, possui homens e mulheres que tremem e serpenteiam de forma similar a Socorro. Mas enquanto ela diz receber uma entidade das matas, os *shakers* dizem funcionar como canal para o Espírito Santo, o “sopro” do Deus cristão. Já os *samburo*, do Quênia, que também saem de si, com os mesmos tremores e dissociações entre corpo e mente, vêem nisso sinal de virilidade e auto-afirmação. Não há entre os *samburo*, como também, entre os *abelam* da Nova Guiné, nenhuma interpretação mística do fenômeno³⁶. Mesmo entre os católicos há curiosas incoerências de interpretação

³⁶ Devorador de relatos etnográficos, Tomé costuma se referir a eles como sendo “o melhor produto da literatura naturalista do séc. XIX”. Chegou mesmo a dissertar para mim, em conversa pessoal, sobre a esmagadora superioridade de Radcliffe-Brown e B. Malinowski sobre Émile Zola. Fazendo parte deste “estilo literário”, está um dos preferidos de Tomé: o antropólogo Ioan M. Lewis e seu livro, “Êxtase” Religioso, que cita explicitamente em seu texto. Tal livro é uma densa pesquisa sobre o êxtase, o transe e a possessão, onde está exposto um amplo leque de interpretações dadas por distintas culturas a estes fenômenos. Nele, Lewis procura cuidadosamente indicar o quanto a interpretação e, portanto, a “realidade” do êxtase é devedora do sistema cultural em que ocorre. (LEWIS, Ioan M. **Êxtase Religioso**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1977. p.39 -77)

do êxtase. Enquanto na Idade Média as contorções do transe eram diagnosticadas como possessão demoníaca, no século XVI o corpo retorcido e as visões de Santa Tereza foram considerados sinais do Espírito. E hoje, a psicanálise possui uma palavra simples para a diagnose dos descontroles corporais e mentais da Santa: histeria³⁷.

- Assim como chegou, um dia partiu. Ao que parece, sem destino certo.

Em quem devo acreditar, perguntei ao meu amigo. Não há carne suficientemente pulsante no mundo para se mergulhar. Há apenas acordos sociais circunstanciais sobre o que chamamos de realidade. O que fala através da garganta de Socorro é uma criação de um dado contexto e possui o nome que este contexto quiser lhe dar: uma mística e especialíssima possessão espiritual, uma terrena e banal virilidade ou uma mera histeria. Com o olhar vazio, fixado no verde das bananeiras, puxei mais um trago do cigarro e modelei-o com os lábios, soltando no ar mais um anel de fumaça. Eu havia usado o que possuía de mais afiado em meus argumentos, procurando cortar o que me parecia mera ilusão em seu discurso.

- Antão deixou todos os seus pertences no quartinho que ocupava na igreja.

Restara pouco para Clément argumentar. Mas não pensou duas vezes em puxar também uma lâmina na busca de um resto de confronto. O gume era cego. E uma lâmina cega, mesmo que não mate é capaz provocar horrendas esfoliações e sérias avarias. Aos seus olhos, meu ceticismo havia me tornado um homem sem paixões. Meus argumentos, que desqualificavam qualquer realidade externa ao discurso e suas tramas sociais, que desqualificavam seus gozos, seriam sintomas. Sintomas daqueles que, para ele, eram incapacitados para prazeres e aventuras. Seriam motivados, em suas sombrias profundezas, por um desejo de controle daquilo que não possui qualquer possibilidade de adestramento. Negar a realidade externa, recusar a carne do mundo, e imaginar toda solidez como uma criação era, para ele, se colocar além do mundo. Não passando de fenômenos de refração das lentes, inerentes aos nossos condicionamentos culturais, tudo o que nos cerca seria

³⁷ Jacques Lacan, em um de seus seminários, se ocupa na análise psicanalítica dos fenômenos extáticos dos místicos cristãos como São João da Cruz e Santa Tereza D'Ávila. (LACAN, Jacques. **O Seminário. livro 20. mais, ainda.** Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1985. p. 87)

criação. Portanto, quem estaria no poder seria eu, o criador. Para Clément, quando eu dizia que toda realidade é uma construção social estaria, na verdade, expressando nada mais do que um desejo de controle e um ressentimento profundo diante de um mundo, que não se curvaria à minha vontade³⁸. Para ele, eu, como de resto toda a argumentação cética, era incapaz de sentir qualquer sabor no mundo. E disfarçava esta incapacidade, desapropriando dele sua realidade objetiva. Ele, francês transplantado, era menos estrangeiro que eu, brasileiro nato. Eu seria um estrangeiro em meu próprio país. E, provavelmente, um estrangeiro do mundo.

- O padre quer jogar fora este material. Seu Ambrósio, que tornou-se amigo do andarilho, pediu-me que tentasse localizá-lo e entregasse a ele seus pertences.

Procurei me defender como pude da felicidade e do vitalismo recém adquiridos por Clément. E trinchei profundo a carne de sua entrega. É tarde demais para tu e os teus esperarem de mim qualquer retorno. O que dizem vocês, que foram os primeiros a rasgar passaportes e certidões de nascimento para subir ao topo da montanha e vislumbrar de lá, com os peitos inflados de poder o remexer dos sistemas, seus ordenamentos descarnados, suas estruturas a conduzir dizeres, fês e enlaces amorosos? E como teus parentes, saídos dos bueiros da semiótica, costumam tratar esta coisa que a convenção da língua chama pelo nome de realidade? Se te esqueceste, eu refrescarei tua memória: eles chamam de representação. O que chamamos de realidade é para eles um signo. Nossos sentidos criam imagens do mundo. Estas imagens se constroem à semelhança do mundo. São, portanto, um signo. Um signo de tipo icônico e nada mais.

- Ontem enviei para você todo este material . Deve estar para chegar a qualquer momento em sua casa.

³⁸ A argumentação de Clément afina-se com a de filósofos como John R. Searle, que procuram preservar o paradigma clássico da objetividade científica. Searle tece críticas e opera diagnósticos muito duros sobre o “ressentimento profundo e duradouro” do discurso de base cética, proferidos por filósofos e epistemólogos contemporâneos como Thomas Kuhn e Paul Feyerabend, que ele nomeia de “anti-realistas”, ou “perspectivistas”. (SEARLE, John R. **Mente, Linguagem e Sociedade: Filosofia no Mundo Real**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2000. p. 39)

A nossa realidade é portanto, icônica frente a própria realidade³⁹. É ícone de algo distante e para sempre apartado: o real. Mas, ainda poderíamos chamar isso de real? Não seria melhor chamá-lo de “esta coisa” que, quem sabe, deve estar lá fora? Depois desta revogação de quaisquer certezas, qual a solidez que tu podes reivindicar? Não. Estou cansado. E convencido: a realidade é uma narrativa frívola. Esqueça qualquer solidez vinda de constituições democráticas, monárquicas ou tribais, mesmo que sintas nos ossos ou na boca do estômago as suas dores: elas não derivam de qualquer realidade, não derivam de qualquer percepção, porém, de narrações⁴⁰. Esqueça dizeres de fé e enlaces amorosos. Não, não. Esqueça as salivações dos beijos e os tráfegos contínuos de mãos e dedos em noites muito úmidas. Só há o marulho dos sistemas, apenas o remexer dos contextos semióticos seus ordenamentos descarnados, suas estruturas. Não há coisas mas, apenas, representações de coisas. Não acuse agora os desafetos de minhas estrangeirices. Foram vocês, os primeiros a desinfetarem as mãos e calçarem luvas de borracha. Não foi a poesia que se recusou a ver na circuncisão feminina um nervo a ser extirpado e enxergar, ao invés de um corte, uma costura: a costura fria de um símbolo⁴¹. Creio ser tarde demais para Sião

³⁹ São muitos os recentes avanços no mapeamento e na observação dos processos eletroquímicos neurais. Muitas das descobertas que daí saíram, acabaram por tocar em questões que anteriormente estariam restritas ao território da semiótica. O que extrairíamos do mundo seria, antes de tudo, um processo de tradução, um signo de tipo icônico. Na semiótica já há autores que se dedicam ao cruzamento entre o estudo do signo e as neurociências. Diz o semioticista Hardarik Blühdorn: “A realidade é icônica frente ao mundo sob o aspecto da percepção”. E mais adiante diz: “Sob o aspecto das imagens *stricto senso* (imagens como signos), a realidade é icônica frente à realidade.” (BLÜHDORN, Hardarik. *Imagem e Realidade*. In OLIVEIRA, Ana Claudia e Yvana Fechine [orgs]. **Semiótica da Arte: Teorizações, Análises e Ensino**. São Paulo: Hacker Editores, 1998. p. 91)

⁴⁰ Na mesma trilha, Blühdorn se refere às funções exercidas pelo signo em comunidades humanas: “Em parte, o que vale como real é determinado por narrativas. Desde o declínio da União Soviética (...) pertence à nossa realidade uma tal nova ordem mundial. Esta entidade deve seu valor como algo real às narrações de nossos políticos e administradores.” (Idem, p. 89)

⁴¹ Tomé me parece levantar uma questão de fato controversa. Se, para o olhar relativista as práticas de uma cultura não são menores ou piores de que as de uma outra, como poderíamos julgar o valor ético de certas tradições? A prática da extirpação do clitóris, a “circuncisão feminina”, ainda vigorando em alguns países mulçumanos da África Central, aparece como algo assombroso e vil, aos olhos do ocidente secularizado. Mas, como poderíamos nos acreditar em condições de julgar e mesmo de interferir em tal prática? Tomé parece dizer que o relativismo da antropologia corre o risco de criar anomalias éticas como a distância e a indiferença.

rejubilar-se. Tarde demais para brindar com vinho o esperado consumo da carne vermelha. O jejum de mundo foi descoberto por teus pares⁴².

- Você poderia verificar o que este sujeito filmou.

Aquela conversa não fincara suas garras sobre minha memória por acaso. E não por acaso suas cicatrizes ainda são capazes de mover esta memória, fazendo-a parir inúmeras narrações. Mesmo que modelasse elos de fumaça com o meu cigarro, que se dissipavam no ar e, de pernas cuidadosamente cruzadas, procurasse compor a imagem de indiferença e soberba, típica do sabedor enciclopedista, aquela noite me revelara um canto de mim difícil de reconhecer como meu. Clément tinha razão: eu era um estrangeiro.

- Planejo em breve estar aí em tua cidade.

Mas a fúria em encontrar-me, frente a meu amigo, tão depauperado de vida e tão desnudado de mundo, me cegara. E continuei debatendo-me, arremessando palavras ao vento, discutindo por discutir, apenas para ter a ilusão de ter ganho a discussão. É certo que os olhos distanciam o corpo daquilo que é observado, que eles amortecem as surpresas do tato e que deles foi extraída a ótica, mãe da razão desmedida. Mas os sensores da epiderme formariam uma superfície mais confiável que aqueles da retina? Por que narizes, bocas e ouvidos, estas portas eternamente arrombadas, por onde toda sorte de surpresas costumam entrar, seriam melhores instrumentos para captar o mundo tal como é? Glândulas salivares não existiriam antes dos sabores? O sabor estaria no mundo ou na minha goela que o sorve? Se queres excluir dos olhos o real do mundo, estarei contigo. Porém, ceifemos também as orelhas, as línguas, os dedos, junto com seus couros. Pois isto que queres concreto, que crês descansar placidamente fora de ti, e que imaginas ser capaz de estender a mão e tocar, para mim é um delírio, não passa de uma alucinação. Afinal, antes de perceber o que nos cerca, percebemos nossa própria percepção em movimento e ação. Não apenas os olhos distanciam o mundo, mas todo o corpo se configura como uma caixa preta. Todo o corpo é

⁴² Sião é a imagem mítica judaico-cristã da terra prometida. Falar de Sião é remeter-se ao reencontro entre Deus e homem, entre criador e criatura. Na mística cristã tradicional, o jejum representaria entre outras coisas, uma prática de desinstalação do corpo e de seus hábitos. Através do jejum, somado à oração, atingiria-se uma outra ordem de percepção sensorial.

cego e sequer tateia este eterno fora, para sempre excluído. Onde há homem há distância. Tu te imaginas no idílio das não mediações, na pureza dos contatos diretos com o fenômeno do mundo e evocas para isso as imagens da epiderme e dos aromas, como se o sentir do tatear fosse mais próximo da realidade do mundo do que o enxergar dos olhos. Onde há homem há corte e fratura. E nesta fratura todo verbo se refrata, seja ele “ver” ou “sentir”⁴³.

- Quem sabe não bebemos uma cachacinha para molhar a garganta?

Ainda sou capaz de ver um dos copos de cerveja virar sobre a mesa e rolar sobre o tampo ladeiroso da mesa pensa para se espatifar no chão. Levantamos do desequilíbrio de nossos acentos sabendo que algo entre nós também havia se partido. E, mesmo sabendo que aquela velha amizade tomara outro rumo, nada mais falamos. Nem eu, tampouco Clément, tangemos aquele silêncio denso e desconfortável para caminhos menos pedregosos. Ele entrou novamente no terreiro, enquanto eu tomava o rumo de casa. Apertamos as mãos e, certos de que não ocorreriam, falamos de futuros telefonemas, de álcool e de pândegas a serem agendadas.

- Je vous fais mes compliments, mon vénérable poète.

Depois de ter desligado o telefone, a voz de Clément ainda manteve-se presente em mim, ressoando como um sino depois da badalada. Dois pares de décadas já me distanciavam daquela cena, desenrolada entre bananeiras e tamboretos trôpegos. Mas, de alguma forma ela ainda era combustível para os moveres de meu presente. Aquele estrangeiro denunciado por Clément ainda habitava em mim. Um eterno e fundamental estrangeiro. Um estrangeiro espúrio. Eu via estruturas, não mais que estruturas, sempre ressecadas, sem seiva, assombreado o movimento vivo das coisas.

⁴³ Berkeley desenvolve uma curiosa argumentação de base cética acerca da impossibilidade de verificação de uma “realidade externa”, independente dos sentidos que a fruiriam: “Mas a pressuposição de tal realidade é ao mesmo tempo prejudicial e vazia – prejudicial porque nos impele ao desespero do ceticismo, e vazia porque não podemos fazer nada com a hipótese de uma realidade que exista de forma independente. (...) se a matéria existe, nunca poderemos conhecê-la; se não existe, tudo continua na mesma.” (BERKELEY *apud* SEARLE, John. *Op. cit.* p. 34)

III- Cochilos e Imagens de Samambaias

A luz da tarde desocupava o céu para a chegada do breu da noite. Ainda era possível ver esta luz empalidecer lentamente naquilo que restava de horizonte livre em minha varanda, mesmo que a subida das armações de ferro e concreto dos prédios vizinhos fosse ansiosa. E, de dentro do lusco-fusco podia escutar o profundo silêncio vindo da cadeira de palhinha, trono de Sofia. Fui até meu quarto e de lá retornei com um pequeno espelho, destes que se encontram em feiras populares. Posicionei-me à sua frente e encarei-a, face a face. Os fios brancos de seus cabelos eram finos como a penugem de pássaros recém-nascidos e sempre tremulavam, acusando a passagem invisível do vento. A pele era fina e enrugada como papel manteiga, capaz de deixar à mostra o azulado das veias que, pude conferir e me assegurar: ainda pulsavam. Aproximei-me mais e fitei seus olhos fixamente. Não havia qualquer foco no acinzentado de seus olhos. Puxei o espelho e o posicionei no espaço que existia entre nossos rostos. Haveria espelho suficiente para Sofia?

Nenhum músculo moveu-se. Aproximei o espelho até que chegasse a menos de um palmo de seu nariz. Aos poucos foi se embaçando com o bafo quente que saía de suas narinas. Tornou-se enevoado e nada mais era capaz de refletir em sua superfície. Ainda me mantive ali, na mesma posição, debruçado sobre a cadeira de palhinha. Eu e Sofia, intermediados por um espelho turvo.

Existiria algum mundo a remexer-se, a proliferar imagens atrás daqueles olhos? Sentei-me na outra cadeira de palhinha que servia de par para aquela ocupada por Sofia. Posicionei-me simetricamente, ao seu lado. Queria que o mesmo enquadramento da varanda que se oferecia para ela se mostrasse igualmente para mim. E assim como ela, mantive-me estático, guardando todo possível movimento corporal. Fiquei ali, inerte. À minha frente, uma frondosa samambaia.

Olhei fixo para o verde que brilhava, mesmo dentro da luz fraca do final da tarde, e que tornava tenra cada uma das folhas. Na ponta de cada uma das ramagens uma voluta, assemelhada a cachos de cabelos muito crespos ou a adornos de uma colunata barroca, prometendo futuras extensões e desdobramentos. No interior do maço de ramas, onde os

caules encontram a terra, acumulava-se a água empoçada, própria para a proliferação de futuras mazelas.

Foram muitas as imagens produzidas a partir desta conjunção paradoxal entre a beleza sensual do denso verde tropical, que esconde dentro de si toda sorte de mosquitos com suas múltiplas febres. E era fato que esta exuberância vegetal mortífera, nascida na umidade tropical, servia de solo para variados brotos de poesia. Poesias tão tenras quanto as folhas de minha samambaia. Porém, mesmo que eu mesmo fosse, como dizia meu amigo Clément, o “homem das belas letras”, o que era capaz de ver ali, diante de mim era um outro tipo de literatura.

Se fosse possível desacelerar todo o processo de observação que eu desencadeava ao olhar aquela samambaia, aquietado como um monge, eu poderia descrever uma série muito extensa de acontecimentos em cadeia.

Ao olhar a samambaia, sabia que o resto de luz da tarde incidia sobre aquela matéria e se projetava na direção de meus olhos. Eram dez bilhões de partículas de luz, os fótons, que arrombavam meus olhos, viajando a uma velocidade de trezentos mil quilômetros por segundo. A cada segundo, estes dez bilhões de partículas entravam sem aviso por minhas pupilas, atravessando meu cristalino, passando por uma substância gelatinosa, antes de chegar à minha retina. Ao tocarem sua superfície, com milhões de células com a peculiar forma de cone, eram ativadas. Desiguais, algumas delas recebiam maior quantidade de luz. Eram exatamente aqueles brilhos que eu via sobre as folhas e que as tornava tenras e cheias de vida. Outros destes cem milhões de cones, recebiam menos luz e eram correspondentes as áreas mais assombreadas, vindas de suas dobras mais profundas. Estas células eram compostas por inumeráveis moléculas. E cada uma destas moléculas era, por sua vez, formada por vinte átomos de carbono, vinte e oito de hidrogênio e uma molécula de oxigênio. Se nenhum fóton viesse da samambaia para excitá-las elas mantinham a forma enrugada de uma ervilha. Porém, quando um feixe de luz as tocava, elas inflamavam-se

ganhando uma forma reta. Logo depois, elas voltavam a enrugar-se, esperando a chegada do próximo fragmento de luz⁴⁴.

Imaginava todo o processo de visão, naquele momento, desacelerado e decomposto. Se a seqüência de eventos tivesse se estagnado nos cones de minha retina, a samambaia ainda não existiria para mim, uma vez que as informações contidas em cada partícula de luz, responsáveis por sua imagem, ainda não teriam chegado ao meu cérebro. As moléculas precisariam por em movimento inúmeros neurônios, presentes na extensão que vai dos olhos ao córtex. Estas moléculas, imersas em um líquido rico em íons de sódio, precisam bloquear o fluxo destes íons, carregados positivamente. Assim, podem provocar uma corrente elétrica capaz de se propagar de neurônio a neurônio numa corrente que vai de meu olho até meu cérebro. Chegando ao córtex, cada neurônio precisa fazer uma síntese da informação recebida por milhares de neurônios, antes de transmitir tal síntese para outros milhares de neurônios. O fluxo elétrico é intenso e se propaga por todo o sistema neuronal até que se forma para mim, após alguns milésimos de segundo, a imagem da samambaia.

Uma imagem. Mas seria possível fiar-me nesta imagem? O que estaria à minha frente? Continuei a observar fixamente o verde denso e luxuriante que saía de dentro do vaso. Não havia para mim nenhuma metáfora a ser extraída e, ali, toda poesia me parecia infértil. Vinha-me à mente apenas a variedade que sabia haver no mundo, em suas cores e formas, e para as quais eu era totalmente cego.

Eu sabia que os comprimentos de onda refletidos pela samambaia variavam conforme a iluminação que incidia sobre ela. Sobre aquela tez verde, aparentemente homogênea, haveria inúmeras variações. Porém, eu via invariavelmente um mesmo verde uniforme. Meus neurônios e meu córtex produziam uma síntese, um arrazoado, uma média. Todo um turbilhão de variações, de flutuações e diferenças que ocorriam naquela superfície era simplificado em uma síntese acachapante. Uma síntese empobrecida. Meu sistema visual continha, um esquema pré-estabelecido, uma premissa de verde e, a partir dela, “supunha”

⁴⁴ Uma descrição de grande beleza, rica em detalhes e de ritmo narrativo, sobre os elementos e processos óticos de formação da imagem foi escrita pelo físico Trinh Xuan Thuan. Thuan usa como cenário para a descrição de tais processos um café parisiense, onde um homem e uma mulher trocam um breve flerte. (THUAN, Trinh Xuan. **O Caos e a Harmonia**. Lisboa: Terra Mar, 1999. p. 15)

que a superfície da samambaia seria uniformemente colorida e delineada. Mesmo sua matéria, que certamente não era sólida, era lida e reconhecida por mim como algo coeso e compacto⁴⁵.

De alguma forma, aquilo que parecia ser externo e independente de mim, que parecia continuar verdejante mesmo que meus olhos se cerrassem, era uma construção de meu olhar que sobre ela se debruçava. Toda sua placidez e estabilidade eram apenas uma aparência. Na verdade, o que havia lá fora era algo inaudito. Era um fluxo sensorio caótico, que se oferecia aos meus olhos como algo sólido e repousado⁴⁶.

Recordei de Clément, de seu telefonema, das lembranças que sua voz me reavivara e pensei não haver saída. As culturas agindo como lentes, enxergavam sempre parcialmente e forjavam determinado tipo humano com seus sistemas simbólicos específicos. Porém, ao mesmo tempo, eram cegas para toda uma outra variedade de tipos humanos portadores de infinitas variedades de outros sistemas simbólicos. Se a antropologia dissolvera todas as certezas de nossos hábitos, hábitos estes que tendemos a imaginar como algo sólido e verdadeiro, e fragmentou o mundo em lentes através das quais construímos realidades, meu próprio corpo agia da mesma forma. Meu organismo também criava uma realidade externa. O divórcio entre homem e mundo me pareceu algo inscrito em minha carne.

Cerrei as pálpebras e pensei, escondido no escuro atrás delas, que o mundo acabara de se desfazer. Reabri-as e logo ele refez-se glorioso, em suas muitas samambaias e variados mosquitos.

O que estava diante de mim, definitivamente não era um retalho extraído do mundo. Ao contrário do que pensavam os filósofos do medievo, os objetos do mundo não emanavam

⁴⁵ Para o cientista cognitivo Steven Pinker, "A visão evoluiu de modo a converter esses problemas mal propostos [vindos do "real externo"] em problemas solúveis adicionando premissas: suposições sobre como, em média, o mundo em que evoluímos é montado." (PINKER, Steven. **Como a Mente Funciona**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 229)

⁴⁶ Diz o neurologista Oliver Sacks, referindo-se a outro neurologista, Hermann von Helmholtz: "Para ele, a constância da cor era um exemplo especial da maneira como alcançamos a constância da percepção em geral, como criamos um mundo perceptivelmente estável a partir de um fluxo sensorio caótico – um mundo que não seria possível se nossas percepções fossem meros reflexos passivos dos dados imprevisíveis e inconstantes que atingem nossos receptores." (SACKS, Oliver. **Um Antropólogo em Marte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 40)

no ar minúsculas partículas de si mesmos que eram captadas por nossos olhos⁴⁷. Não, não havia qualquer solidez confiável, repousada placidamente lá fora, ali à minha frente. Veio-me à mente uma frase de Goethe, na qual o mundo surge como uma alucinação, e que descreve toda objetividade como algo irremediavelmente perdido: “A ilusão de óptica é a verdadeira óptica”⁴⁸.

IV- Diálogo com Imagens Dormentes

As costas já me doíam, quando virei-me de leve para o lado. Sofia mantinha-se impávida com o espelho de moldura laranja sobre o colo. O escuro que invadia a varanda prometia uma intensa noite de calor. As folhas da samambaia, que já há pelo menos meia hora ocupavam todo meu campo de visão, não esboçavam qualquer balanço e sequer os finos

⁴⁷ Sobre algumas das várias concepções históricas de como se daria o processo de percepção do meio que nos cerca, indicamos a leitura de Steven Pinker em seu livro citado em nota anterior.

⁴⁸ Isaac Newton, em seu livro “Óptica”, formalizou uma teoria da cor que permaneceu inabalável até finais do século XIX. “Óptica”, foi escrito inteiramente, tópico após tópico, na forma de perguntas. São perguntas que, ao invés de abrir dúvidas, afirmam convicções. Pergunta-se Newton, em sua questão 13: “E particularmente os raios mais refratários não excitam as menores vibrações produzindo uma sensação de violeta-escuro, os raios menos refratáveis não excitam os maiores produzindo uma sensação de vermelho-escuro, e as várias grandezas espécies de raios intermediários, vibrações de várias grandezas intermediárias produzindo a sensação das várias cores intermediárias?” (NEWTON, Isaac. *Óptica*. In **Newton Leibniz**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 28) Segundo Newton, haveria uma relação direta: uma cor corresponderia a um comprimento invariante de onda de luz. O aparelho visual seria, para o físico, um conversor, que receberia uma onda de comprimento X e converteria em sua cor correspondente. Goethe em sua teoria das cores, inverte a relação montada por Newton. Chega a sugerir que havia algo em nossos organismos que ainda não era conhecido pela física óptica da época. Para ele, o fenômeno da cor estava no corpo e não no mundo que emitia para os olhos suas ondas. Oliver Sacks nos indica que Goethe estava mais próximo do que a neurofisiologia contemporânea descobriu. Os comprimentos de onda variam a todo tempo e mesmo assim nós vemos a mesma cor. Nosso corpo cria seus próprios padrões e estabiliza as flutuações oferecidas pelo meio. Trata-se do fenômeno da “constância da cor”, citado em nota anterior. Por isso Goethe, cinicamente afirma que “a ilusão de óptica é a verdadeira óptica”. (GOETHE, *apud* SACKS, Oliver. *Op. cit.* p. 39)

fios de cabelos brancos de Sofia acusavam qualquer lufada de ar. E assim, sem qualquer afago frio sobre minha pele, envolvido pelo denso silêncio, meus olhos pesaram.

Foi quando vi saírem do meio do maço de caules, tal qual brotos, dois dedos finos que logo revelaram mais três e não tardaram a mostrarem-se como duas mãos inteiras que, com certa dificuldade, tentavam abrir caminho no meio das folhas verdes. Um rosto então surgiu, portando uma comprida barba castanha cujas pontas faziam volutas, entrelaçando-se com os ramos jovens da samambaia. Arregalado como ladrão que se prepara para furtar, olhou para um lado e para o outro, certificando-se que estávamos sem companhia. Depois, de cenho franzido, olhou-me nos olhos e, com um dos dedos, coçou o queixo coberto pelos longos pêlos, como que buscando montar alguma diagnose.

Estupefato e sem fôlego, corri os olhos sobre o lustre de seu rosto oleoso reparando a sujeira preta acumulada debaixo de suas unhas. Mantive-me em silêncio diante daquela visão bizarra esperando, de respiração presa, que o diagnóstico se completasse. De súbito, o homem abriu um amplo e generoso sorriso, no qual faltavam todos os dentes laterais esquerdos, e me falou ternamente com a melodia doce, típica do português falado “trás dos montes”:

- Há bichos mortos em teus olhos, ó filho...

Minha boca estava aberta, ímpia, quando olhei para os lados, procurando certificar-me de que aquela figura dirigia-se a mim, na varanda de meu décimo quinto andar. O homem puxou para si o fio de minha atenção e me perguntou, cofiando a ponta dos pelos em voluta:

- O que há contigo? Se não crês sequer estares de frente para a concretude de uma frondosa samambaia que, a propósito, tu mesmo plantaste e vistes crescer, por que te assustares com um homem que surge por entre suas ramas, ó pá?

Apertei os olhos com o nó dos dedos enquanto ele bocejava, demonstrando em sua face oleosa um certo ar de tédio.

- Olha, ó filho... já estou cá há um ror de tempo a esperar alguma palavra vinda de ti. Já não basta uma criatura cataléptica escarrapachada sobre um acento, nesta quinta sombria? Agora seriam duas?

Aquilo que apareceu por entre as ramagens de minha samambaia me parecia seguramente um sonho. Mas possuía uma concretude desagradável e perturbadora. Levantou-se de trás do grande vaso de barro pondo-se a andar inquieto de um lado para o outro da varanda, com passos firmes e pesados capazes de ressoar no piso, e fazer vibrar a cadeira onde eu estava sentado. Uma das mãos estava no queixo enquanto a outra descansava nas costas. Aproximou-se de Sofia e retirou de seu colo o espelho, suspendendo-o até a altura de sua própria face comprida. Nele mirou-se, cofiou os bigodes, e enrolou na ponta dos dedos sujos as volutas de sua longa barba. Depois umedeceu com saliva o dedo indicador para logo depois levá-lo às sobrancelhas que, ao que tudo indica, lhe pareciam desalinhas e necessitavam de algum trato.

- Vos repito: há bichos mortos em teus olhos, ó filho...

Falei alto para mim mesmo o que estaria ocorrendo naquele momento, tentando convencer-me de que o bizarro daquela aparição sumiria tão logo me livrasse do peso do sono e abrisse os olhos.

- Mesmo dormindo, a comunicação entre minhas células nervosas mantém-se em atividade contínua. É neste diálogo comigo mesmo, sem os constrangimentos e apreensões vindas do ambiente, de onde surgem imagens bizarras como esta⁴⁹

- Tu és um homem rachado por profundas contradições não é mesmo, ó filho? Primeiro, falas que nada há além de ti que não seja uma ilusão de ótica à moda do romantismo de Goethe. Depois, admites em teu discurso uma possível comunicação entre tu e o que está fora de ti, acusando-me de ser fruto de outro tipo de engano ilusório de teu sistema

⁴⁹ Segundo Allan Hobson, não há qualquer diminuição da atividade mental durante o sono. Dia e noite células e neurônios estão trocando informações entre si, sem que tenhamos qualquer controle, trocando sinais em sua própria linguagem, num mesmo ritmo. Quando dormimos, cessam quaisquer contatos e trocas com o meio e o sistema passa a comunicar-se apenas consigo mesmo, em circuito fechado. (HOBSON, Allan. *apud* ALVAREZ, A. **A Noite: a vida noturna, a linguagem da noite, o sono e os sonhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 100)

neuronal que estaria trabalhando em circuito fechado, liberando para ti toda sorte de fantasmagorias...

Era a imagem de um homem franzino aquela que eu via andar em círculos em minha varanda. Sua estatura era baixa e os cabelos castanhos compridos, raros no cimo da cabeça, estavam amarrados para trás, em forma de rabo. Usava para cobrir o corpo uma bata surrada, marrom escura. Envolvendo a cintura, havia um trapo de couro preto que apenas o brilho prateado de uma fivela acusava ter sido aquilo, um dia, um cinto. De repente, estancou no centro do círculo invisível que traçava ao andar e, arqueando as sobrancelhas, pareceu ter acabado de conceber uma grande idéia. Saiu da varanda e mesmo sem qualquer permissão, meteu-se corredor a dentro com passos firmes e decididos, dobrando à esquerda, em direção à cozinha. De lá, retornou com duas latas de cerveja. Ofereceu-me uma e, da outra, sorveu um longo e profundo gole. Bateu na barriga recostando-se no parapeito de meu precipício avarandado para logo depois retomar a conversa:

- Sei que levas consigo o gosto por fábulas e historietas vindas das neurociências, pois não? Vou te contar algo para que possas mergulhar mais fundo em teu solipsismo macabro. Quem sabe, assim, enterrado até o pescoço neste buraco, possas extrair dele, no futuro, algo fértil. Ao invés de ir-te em teus dias a lamuriar-se por um mundo irremediavelmente perdido.

A curiosidade era um de meus pecados favoritos. Olhei para o homem de barba comprida e pensei como é corriqueiro vermos, em nossos sonhos, rostos desconhecidos. Se os sonhos eram apenas um reposicionamento de imagens já vistas, filtradas a partir das parcas relações que travamos com o mundo externo, como seria possível que víssemos tantos rostos nunca vistos a perambular por entre nossas narrativas oníricas? E mesmo que estivesse convencido de que se postava à minha frente mais um destes estranhos visitantes, resolvi ouvir dele o que havia para ser ouvido.

- Já é bem de vosso saber, meu caríssimo, que há sempre um buraco, um rombo a rondar teu campo de visão. É aquilo que a fisiologia chama de “ponto cego”. Trata-se de uma área da retina de onde brota o nervo ótico. Esta área é desprovida de qualquer célula visual. Parte das ondas de luz projetadas pelos objetos, que chegam à tua retina, para

conformarem-se em uma imagem, projetam-se exatamente ali. Mas, nesta superfície, não há receptores para qualquer sinal externo, estás a perceber?⁵⁰.

- Então eu deveria ver uma imagem sempre incompleta, acompanhada de furos ou buracos...

- Sim, deverias ver um mundo interrompido. Porém, o que vês à vossa frente não parece descontínuo, pois não? Tal interrupção, tal disfunção, que integra nossa constituição fisiológica, nos é vetada. Estranhamente, nosso sistema visual completa, sem nos darmos conta, estes rombos que constituem nosso olhar. Usando os fanicos do palavreado psicanalítico somos, por assim dizer, interditados para enxergar nosso próprio interdito. Ou, se preferires as esguelhas da poesia, somos cegos para nossa própria cegueira.

Aquela figura, que eu acreditava ter emergido do fundo de minha mente cansada, fornecia mais pólvora para o arsenal de meu ceticismo. Ao apreciar a samambaia, cercado pelo sopro morno que a noite silenciosa paria, na verdade, eu não a percebia. Percebia, antes, as circunvoluções de minha própria percepção. Crescentemente envolvido com o diálogo que travava, deixei de reivindicar qualquer materialidade àquela imagem e alimentei a conversa:

- O “ponto cego” que o senhor descreveu só reforça a minha convicção de que nunca haverá prova alguma da existência firme de um mundo concreto externo a mim. As únicas provas da existência desta samambaia vêm da minha afirmação de que a vejo repousada à minha frente. Mas as minhas afirmações são baseadas em minhas experiências perceptivas

⁵⁰ Esta estranha figura que surge diante de Tomé ainda hoje embarga seu raciocínio. Ainda hoje, sobre tais visões, costuma ser discreto e resguardar-se de maiores comentários. De qualquer forma, se a solidez deste tipo de presença fantasmagórica é desconfiável, o “ponto cego” é algo muito concreto em nossa constituição ótica. O fenômeno do “ponto cego” é descrito por vários neurobiólogos. É evocado como metáfora para referir-se a algo caro para as abordagens de complexidade: a co-dependência de categorias tidas como opostas e excludentes. Heinz von Foerster se refere ao “ponto cego” para que atentemos que a cegueira é parte constituinte da visão. (FOERSTER, H. von. *Op. cit.* p. 274) Na mesma trilha, os biólogos Maturana e Varela fazem uso do fenômeno e também tecem uma detalhada descrição dos processos “cegos” que constituem a visão. (MATURANA, Humberto e Francisco Varela. **A Árvore do Conhecimento**. São Paulo: Ed. Palas Athena, 2001. p. 31)

que, como o senhor mesmo indicou, me fornecem imagens que não correspondem às coisas às quais se referem.

- Tu não estás em má companhia, em teus argumentos de desqualificação do conhecimento objetivo da matéria. David Hume, por exemplo, sugere que podemos ter as melhores provas sobre nossas próprias percepções e, ainda assim, estarmos errados sobre o mundo externo. Para aqueles que se fiam nos sentidos e pensam que estes podem nos fornecer alguma informação objetiva e realista do mundo externo, Hume sugere uma experiência simples. Pressione um de seus globos oculares com um dedo e você verá em instantes um mundo duplicado e assim, tu terias de afirmar que tudo ao redor de ti, anda aos pares⁵¹.

E continuou, depois de retirar da cerveja um outro rude gole:

- Este chiste humeano poderia ser ampliado. Se nossos sentidos são de fato receptores de uma realidade externa independente, poderíamos dizer que os daltônicos estão todos a mentir quando reivindicam uma imagem do mundo em tons plúmbeos e o nascer do sol, na aurora, com a aparência de uma bomba nuclear a estourar⁵².

Seguiu com sua voz enérgica e a um só tempo calma, dirigindo seu olhar para o verde de minha samambaia:

⁵¹ O raciocínio cético, capaz de produzir assertivas como esta de David Hume, possui uma função constante no correr da história do conhecimento. Desde a escola cética Grega até hoje, através de filósofos como Paul Feyerabend, o ceticismo funciona como elemento de manutenção do espírito crítico e de dissolução de consensos que tenderiam a engessar o contínuo dos processos investigativos. Foi cético Diógenes quando, ouvindo em uma assembléia Platão definir o homem como “bípede implume”, deitou um galo e o arrojou entre os filósofos. Diógenes, com esta ação, procurou aquebrantar a rigidez das categorizações platônicas. (MAFFESOLI, Michel. **Elogio da Razão Sensível**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 31)

⁵² A descrição de um “mundo de chumbo” e de uma “aurora nuclear” é feita por um dos clientes de Oliver Sacks, o Sr. I, pintor acometido de súbito daltonismo. (SACKS, Oliver. *Op. cit.* p. 31) Sobre desvios e acidentes neurológicos em geral, capazes de gerar outro padrão de apresentação da realidade, aconselhamos a leitura de Heinz von Foerster. É particularmente curioso o caso de um soldado da primeira guerra mundial que, alvejado no front por uma bala, sofreu uma lesão cerebral. Após este acidente, a metade superior das pessoas e dos objetos passou a sumir e reaparecer. E mesmo seu próprio corpo perdia freqüentemente a parte de cima. (FOERSTER, H. von. *Op. cit.* p. 67)

- Portanto, poderíamos pensar que, se uma acromatopsia cerebral acometesse toda uma comunidade, ou se por algum transtorno evolutivo, a espécie humana passasse a produzir células fotossensíveis com outra constituição e formato, que não estas que atualmente portamos, teríamos descrições de uma realidade completamente diversa. A realidade de cores e formas seria, por assim dizer, um consenso fisiológico de uma espécie animal específica...

Saiu de seu recosto e abaixou-se. Retirou uma das folhas pequenas de um dos galhos e prosseguiu falando enquanto acariciava, entre os dedos, sua rugosidade. Falou-me de acordos e consensos neuroquímicos. A palavra “consenso” não era usual para referir-se ao que ocorre em organismos, no que há neles de mais recôndito: descargas eletroquímicas, tramas membranosas e terminações nervosas. Afinal, ela remetia a algo discutido e acordado entre uma maioria determinada de pessoas. Mas era possível sentir o cheiro do lugar para onde eu estava sendo conduzido pelo discurso desenfreado que a aparição construía. Ele então levou a pequena folha até à boca e mastigou-a com os poucos dentes que lhe restavam.

- Os consensos orgânicos de uma espécie, que nos fazem ver determinados fenômenos ao invés de outros, não te fazem recordar de nada? Bem sabes que o discurso científico tornou-se para nossa cultura o acesso mais legítimo à realidade. Mas as verdades estabelecidas a partir deste discurso também são montadas sobre consensos.

O cheiro que pressentia meu interlocutor exalar era o da filosofia e o lugar para onde nos dirigíamos era a terra arrasada da epistemologia.

- Este consenso foi chamado de “paradigma”. Paradigma, este olhar que age através de nossos olhos. Será ele que elegerá os fenômenos dignos de serem pesquisados e seu funcionamento é uma operação de corte e exclusão de parte do mundo fenomenal. Será ele que tecerá o espectro de perguntas a serem feitas sobre os fenômenos eleitos como relevantes. Que fornecerá a teoria e os instrumentais a serem usados, construindo os

consensos comunicativos de uma comunidade científica⁵³. O paradigma nos revela e nos cega simultaneamente⁵⁴.

E quando pensei que estabilizaríamos o percurso de nosso diálogo sobre o solo retilíneo das questões de filosofia da ciência, eis que o senhor barbado, faz novamente uma curva brusca, e retorna ao ponto de partida.

- Reparas, filho, como o organismo e seu funcionamento possuem inúmeras extensões? As idéias, tidas como algo abstrato e desprovido de carne, são produzidas seguindo o mesmo princípio do sistema fisiológico dos olhos e de seu produto, a visão. Se cones e bastonetes possuem em suas constituições limites e características, recebendo do mundo externo certos estímulos e não outros; se a partir destes punhado de informações, constrói o mundo humano observável, o paradigma também possui formas, limites e características específicas. E dialogará com algumas das informações vindas do mundo externo, construindo algumas idéias a cerca dele. Ambos precisam estar cegos para muito do mundo, para que algo possa ser revelado. São como que dobras e redobras de uma mesma superfície.

⁵³ O conceito de paradigma em ciência tornou-se célebre através do físico e epistemólogo Thomas Kuhn. Kuhn define paradigma, em sua feição sociológica, como sendo a “constelação de crenças, valores e técnicas partilhadas pelos membros de uma comunidade determinada”. Por outro lado, em um sentido propriamente filosófico, o paradigma seria o elemento primeiro a partir do qual organiza-se a constelação de crenças. O paradigma seria o elemento consensualmente acordado, na maior parte das vezes assumido inconscientemente, por parte de um grupo social. Na eleição de um paradigma haveria, portanto, algo de “circular”, no sentido de que ele gera uma ciência que, por sua vez reforça o paradigma. Não à toa este ensaio de Kuhn foi tão bombardeado no momento de seu lançamento, nos anos 60 do século XX, e ainda é polêmico após quarenta anos de sua primeira edição. Nele, é expresso que a ciência, antes de ser acumulativa e progressiva, seria um processo análogo ao que a biologia darwiniana chama de “seleção natural”. Haveria uma “contínua competição entre diversas concepções de natureza distintas”. Algumas seriam mais aptas que outras a sobreviver em determinado contexto histórico-social. Porém, em muitos casos, nenhuma delas seria “menos científica” que outra. Algo de arbitrário e acidental é sempre um ingrediente fundante na formação das “crenças esposadas por uma comunidade científica específica de uma época”. (Kuhn, Thomas **A Estrutura das Revoluções Científicas** Ed. Perspectiva. São Paulo, 2000. p. 218 e 23)

⁵⁴ Diz Edgar Morin: “Cremos ver a realidade; em verdade vemos o que o paradigma nos pede para ver e ocultamos o que o paradigma nos impõe a não ver”. (Morin, Edgar **Epistemologia da Complexidade**. In. SCHNITMAN, Dora Fried. *Op. cit.* p. 274)

- Vamos com calma. Seu discurso, meu senhor, possui uma estrutura dupla. Diz duas coisas a um só tempo. Primeiro, sugere que toda visão, seja ela conceitual, o paradigma, seja ela fisiológica, o sistema visual, segue um mesmo princípio. Ambas se constroem sobre o corte, uma seleção. Depois, sugere que as idéias seriam tão orgânicas e possuiriam tanta concretude quanto a matéria corporal.

- Tu vês duas questões aí?

- Sim.

- Por isso digo que há bichos mortos em teus olhos, ó filho. Precisas dar trato disto, ligeirinho, ligeirinho.

- O que o senhor está querendo me dizer com estes insistentes “bichos mortos” que habitariam meus olhos?

- Permita-me, por hora, guardar-me em meu silêncio a cerca deste assunto.

Se existia algo que me irritava eram as frases cifradas e a névoa de coisas a serem ditas, que permaneciam caladas sob o suposto mistério que tais construções evocavam. Caso uma alucinação pudesse ser lançada varanda a fora, eu o teria feito naquele momento. Com ar distraído, ele cuspiu no chão o que sobrara em sua boca da folha mastigada, bebeu o último e longo gole da lata e virou-se apontando seus olhos em flecha para mim.

- Te adiantarei algo através de uma questão, já que estás por demais clivado entre duas abstrações por demais clássicas. Uma questão evocada por Henry Bergson, homem capaz de desconfiar da diafaneidade dos céus e da solidez da terra.

Procurei ouvir dele já cansado, qual questão bergsoniana poderia servir de sucedâneo para os tais bichos mortos que ele diagnosticara em meus olhos.

- A matéria do mundo é uma construção de teu cérebro ou o teu cérebro é construído pela matéria do mundo?⁵⁵

⁵⁵ É importante dizer que Henri Bergson, em seu ensaio sobre as relações entre corpo e espírito, publicado em 1939 antecipa e serve de esteio para boa parte das futuras análises da complexidade. Negando a dualidade clássica que opõe

- Não conheço questões mais enfadonhas do que estas que evocam movimentos circulares e recursivos. Não há como extrair delas nada de conclusivo e sólido. O que eu preciso é de algo sólido sob meus pés. Não és capaz de reparar? Estou já há pelo menos meia hora dando ouvidos a algo que suponho ser uma alucinação, em minha própria varanda, entre goles de cerveja. E o assunto não poderia ser mais bizarro: cegueira. Aliás, hoje o dia foi prodigioso em anomalias. Primeiro me reaparece um velho amigo a trazer-me recordações não muito agradáveis e a falar-me sobre uma montanha de fitas de vídeo, filmadas por um homem chamado Antão. Um nome, aliás, um tanto deselegante e imêmore. Depois...

Foi então que o personagem, cuja barba se enroscava em delicadas volutas barrocas, virou-se subitamente, com as sobrancelhas arqueadas indicando o encontro com algo inesperado, deixando escorregar por entre a magreza de seus dedos o espelho, que se estilhaçou logo à minha frente, entre meus pés descalços.

Senti o caminhar frio de uma gota de suor a escorrer embaixo de meu braço. Ainda de olhos fechados, percebi que havia despertado. Na varanda, apenas eu, Sofia e a frondosa samambaia. Lá fora, era o ruído das cigarras, entrançado ao mantra contínuo dos ar-condicionados, o que indicava o passar das horas. Pisei firme o chão para senti-lo estável sob meus sapatos e passei meus olhos sobre os outros vasos de plantas da varanda: tudo estava no lugar em que eu mesmo posicionara. Estava agora certamente desperto. Meu corpo atestava isto, acusando as dores no pescoço, típicas de sonhos que foram sonhados tortos, sobre o desconforto de uma cadeira. Se não há pura realidade no mundo, há certamente em suas dores. Ao meu lado, continuava como sempre foi a porta envidraçada da varanda que, atrás de si, revelava a sala com seus dois sofás e tapetes, além das duas mesinhas de canto com as mesmas fotos de família a repousar. Recobrava aos poucos os contatos com aquilo que Marcel Proust chamou de “o bom anjo da certeza”, capaz de imobilizar tudo ao nosso redor, nos retirando do mar revolto das imagens noturnas⁵⁶.

idéia e matéria, (cujas raízes estariam no idealismo platônico e no materialismo atomista de Demócrito) afirma: “É o cérebro que faz parte do mundo material, e não o mundo material que faz parte do cérebro”. (BERGSON, Henry. **Matéria e Memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 13)

⁵⁶ É difícil não ver nesta passagem o quanto Marcel Proust e sua escritura, baseada em um monólogo interno, formaram a sensibilidade de Tomé. A imagem do “anjo da certeza”, que aquietava aquele que ainda está entre o sono e vigília, pode

Levantei da cadeira ainda sonado. Com os pés, pude sentir o frio retido no piso de estuque. Ao lado, Sofia matinha os costumeiros olhos estáticos enquanto de sua garganta era emitido um leve ronco, assemelhado ao zumbir de uma abelha: único indício de que algo nela dormia. Precisava carregá-la até à cama. Aproximei-me, dando um passo à frente em direção a seu corpo que jazia esquelético sobre a palhinha, quando senti na planta do pé algo viscoso e úmido. Eram os restos triturados de uma folha de samambaia.

Senti a lâmina gélida de um calafrio percorrer minha espinha em direção à nuca. Tentando desviar-me da lúgubre sensação de inebriamento, trazida por aquele contato, apressei-me em logo carregar Sofia. Atabalhoado, não reparei que em seu colo repousava o espelho de moldura cor de laranja que logo caiu, encontrando o chão e desfazendo-se em cacos, exatamente entre meus pés desnudos.

Olhei para o escuro da noite que soprava sobre meu rosto o bafo de janeiro. E como quem olha para o fundo de uma fornalha, cerrei os olhos respirando o denso hálito da madrugada. Precipício.

ser vista no primeiro capítulo de “No Caminho de Swann”. (PROUST, Marcel. **No Caminho de Swann**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 10)

Parte 2

Há Batidas na Porta

I. Quando os Olhos se Abrem

Um melro pousa em meu criado mudo. Infla o peito e diz-me, em tom de comando generalício:

- Profusa procura profilática, aprofunda-te em ti, titubeante títere; em ti, titubeante títere; em ti.

Foi neste momento que, ainda de olhos cerrados, despertei para mais uma manhã luminosa, de luz tão branca, tão própria ao Recife. Não havia qualquer pássaro sobre o criado mudo, mas seu trinado estava lá, ruidoso, em meu despertador digital.

Ouvia ao longe a imposição do pronome pessoal oblíquo “ti”, que o despertador digital impunha sobre mim. Era a indicação de que o eu, em mim adormecido, devia despertar. Já era hora de sair daquele outro lugar, onde perambulava por horas a fio. Aquele lugar, onde todo si dissipa-se, transpassado por densos nós. Ti, era o que o mundo me pedia, pela boca do despertador. Virei-me de lado, ainda de olhos fechados, sentindo a gravidade morna entre mim e o colchão e, com a mão sobre o botão do relógio, calei o apelo do mundo, procurando naufragar novamente em meus nós.

Alguns sonos são viscosos. E o que me envolvia naquela manhã luminosa era assim. Algo como lama ou mel, sêmen ou saliva, que grudam peles em tecidos e tecidos em peles. Nestes sonos, todo despertar é um esforço incomum de desgrudar-se, de descolar-se desta malha e todo espreguiçar, uma ocasião adiada.

O que se abre primeiro para mundo, quando a superfície aderente dos sonos densos se torna aquosa e podemos nos desprender? É preciso antes de tudo abrir os olhos. Mas eu ainda tinha os meus fechados e mesmo assim via a luz do dia que nascera. Sabia que era branca como a neve, que seria necessário, após abrir, semicerrar os olhos para confrontar-me com tal alvura. De olhos bem fechados, pensava, poderia manter-me à distância de toda imageria fantasmagórica, desprovida de qualquer peso, que sabia proliferar fora de mim. Manter-me no escuro, atrás de meus olhos, seria como livrar-me, ao menos temporariamente, deste pesadelo no qual entrava ao acordar.

Porém, minhas pálpebras feitas de carne, filtravam a alvura do sol recém nascido em tons laranja creme, acusando a insistência do dia em entrar. Sem o consolo do breu, as imagens começavam a irromper em mim, sem qualquer governo. De olhos fechados, via todas as fisionomias de meu dia se desenrolarem antes mesmo de sair dos lençóis.

Afinal, o que despertara em mim, se minhas janelas ainda mantinham-se seladas, desafiando o dito popular que decreta como o primeiro ato e ação do dia o abrir dos olhos? Não. Algo anterior à carne laranja creme das pálpebras se abre para o mundo. Ou ainda seria melhor dizer: me abre para um mundo, fechando-me, a um só tempo, para um outro.

Mas, aquela outra topologia, na qual me via instalado por tantas horas, não retornara mais, com o mesmo peso. Fiquei, assim, de olhos fechados, no entreposto do sono e da vigília, tateando à procura da passagem pela qual havia saído quando o trinado do melro me solicitara. A passagem deveria estar em algum lugar. Tateei minhas imagens favoritas, as imagens que sempre me ajudavam na árdua tarefa de abandonar-me, que sempre estavam dispostas a me conduzir pela mão, mesmo nas noites de insônias mais incontornáveis, até à porta do sono. Queria torcer a maçaneta e retornar para aquela deliciosa dissipação de todos os pertencimentos.

Veio-me à mente os experimentos de Hobson, o homem que descobriu no meio do cérebro, as destilações da acetilcolina. Era a acetilcolina correndo em minhas veias que me proporcionava o sonho. Sem ela, eu não poderia sonhar⁵⁷. Sendo as narrativas oníricas efeitos de um produto químico, pensei sobre o futuro promissor que homens desapaixonados como eu pela vida desperta teriam. Homens sempre mais interessados em andar de mãos dadas com Morfeu do que com Eros. Quem sabe um dia seria possível

⁵⁷ Tomé Cravan refere-se ao neurofisiologista Allan Hobson, citado por nós em nota anterior. Hobson, um dos pioneiros nos estudos neuroquímicos da fase REM do sono, descobriu no cérebro um grupo específico de células: as células REM-ativas. Tais células só entram em funcionamento na fase REM e, neste estágio, produzem uma substância química chamada acetilcolina. Hobson sintetizou em laboratório a substância. Depois de sintetizada, ele a injetou por via intravenosa em seus pacientes voluntários. No correr de uma semana eles tiveram um aumento de trezentos por cento na ocorrência de sonhos. Maiores detalhes sobre as experiências de Hobson com a acetilcolina, podem ser encontrados em um livro de ensaios do inglês A. Alvarez. (ALVAREZ, A. **A Noite: a vida noturna, a linguagem da noite, o sono e os sonhos**. São Paulo: Companhia das Letras. 1996. p. 100)

injetar sonhos mais específicos nas veias? Quem sabe um dia pudéssemos escolher os enredos dos sonhos que assistiríamos, ao deitar cansados em nossos leitos?⁵⁸

Ainda cheguei a entrever a soleira desta porta e pressentir seu entreabrir-se, de onde pareciam querer sair um gordo e rastejante crocodilo, unido pela coleira a uma bela e altiva dama, vestida do mais puro azul. Mas logo a porta voltou a bater trancando atrás de si os azuis impossíveis ao tato, tão próprios aos céus, e toda gordura que rasteja, tão afeitas à terra: o melro regressara ao meu criado mudo. E dali alardeou uma vez mais, em dupla empolgação:

- Tens em ti os tostões de teu testemunho, tortuoso títere; em ti, tortuoso títere; em ti.

Por que sair da cama? Por que abrir os olhos? Para ver o desenrolar de tudo aquilo novamente... Tudo como costuma se desenrolar: um fato após o outro. Um jogo cujo resultado é já sabido. Mas, quem sabe teria algum sentido abrir novamente os olhos? Quem sabe um jato se desgovernasse e, sem pedir obséquio, adentrasse meu prédio? Quem sabe uma tempestade atropelasse a indiferença do verão, que caminhava em passos despreocupados, e alguns casebres despencassem para curar-me de meu tédio? Ou, quem sabe, algo mais banal, como cortar o dedo ao espremer laranjas. Algo... algo que acontecesse.

Ainda de olhos cerrados, desliguei o despertador pela segunda vez. E, sendo impossível qualquer regresso para as imagens sonhadas em meu sono, resolvi entregar-me a aquelas outras, sonhadas ao abrimos os olhos.

⁵⁸ Escrevendo em 1992, Tomé não chegou a registrar todo o rápido processo de desenvolvimento tecnológico das sínteses em laboratório de substâncias neuroquímicas. O trabalho do Dr. Hobbes Grandhall , aponta para um curioso caminho de fusão entre as neurociências e a dramaturgia. Se não é possível ainda injetar enredos específicos nas veias e promover sonhos em estilos específicos de comédia ou tragédia, já é no entanto possível predeterminar as estruturas narrativas dos enredos sonhados. Pode-se hoje quimicamente induzir narrativas longas, mais próximas do que seriam os épicos, ou narrativas curtas próprias aos sonetos ou mesmo hai-kais. (GRANDHALL, Hobbes A. **For One Relationship Between Biochemistry Agents and Dramaturgy**. In *New Scientist, New Word, New Dreams*. nº 202. Roterdã: Ed. Asómatos, 1999)

II. Quando Pouco se Entrevê

O pijama de listas azuis era frouxo e um esboço do que um dia pudera ser chamado de virilidade se formava abaixo dele procurando em vão escapar, através do tecido de algodão. O pompom do gorro, igualmente listrado, que usava ao deitar-me fizesse chuva ou sol, roçava a ponta de meu nariz e assim, num espirro, pus-me de pé.⁵⁹ Lembrei-me da primeira tarefa diária: era necessário prover Sofia de algo, para que aquilo que restara nela ainda pulsando e crepitando, resolvesse não apagar.

Abri lentamente a porta de seu quarto, contíguo ao meu, empurrando a cadeira de rodas. O aposento era apenas Sofia, envolta em seu camisolão alvo, depositada sobre a cama. Este par, velha e cama, pareciam formar um só corpo, como que fundidos, entre pregas de lençóis e travesseiros e rugas de rosto, braços e pernas. Ao lado deste organismo híbrido, no chão, um penico de ágata. Sobre a mesa de canto, um punhado de sementes de girassol. Nada mais.

Lá estava Sofia, prostrada sobre o leito, inundada pelo intenso branco da luz matinal. Um branco que, impudico, violava as janelas, desprovidas de qualquer cortina ou persiana que, por ventura, fizessem as vezes de hímen para dificultar sua entrada. Todo este conjunto de cacarecos parecia imerso, paralisado, cristalizado, nesta densa substância. Era como um barbante que, outrora flexível, torna-se um rijo pavio, em meio à cera de uma vela.

Houve um dia em que se prescreveu: é preciso tudo iluminar. É preciso que cada canto seja devassado, que tudo esteja às claras. Assim, tudo estaria disposto placidamente à frente dos olhos. Assim, todos os bichos rastejantes, que costumam esconder-se à sombra dos lastros

⁵⁹ A descrição que Tomé faz de si próprio, usando um gorro listrado com um pompom na ponta, nos remete a intrigante imagem de Immanuel Kant. Thomas De Quincey relata com detalhes a paulatina falência física e mental do eminente filósofo em seus últimos dias de vida. Diz o poeta inglês que Kant dormia tarde da noite lendo à luz de velas os alfarrábios de sua imensa biblioteca sempre vestido com seu austero gorro de pompom. Porém, já velho e frágil para os apelos do sono, costumava cochilar. Pendendo sobre a chama da vela, o gorro entrava em combustão, ateando fogo na cabeça do maior dos racionalistas modernos. (DE QUINCEY, Thomas. **Os Últimos Dias de Immanuel Kant**. Rio de Janeiro. Ed. Forense Universitária, 1989)

de nossas camas, prontos para o bote em nossos calcanhares adormecidos, seriam domados sob as ações da iluminação irrestrita. Era o apagamento de qualquer zona assombreada o que se anunciava no quarto de Sofia. Se um dia havia sido prescrita a fundação de um “reino da visibilidade universal”, ali estavam, o trono, os paramentos necessários e o déspota⁶⁰.

Era portanto, mais uma sala do trono, do que um simples quarto, aquilo que eu acabara por montar em torno de Sofia. A iluminação intensa parecia desconhecer qualquer interdito, qualquer porção de território sem demarcação, qualquer treva. Ela impregnava cada canto, e cada rugosidade expunha-se a sua presença. Sua acuidade, negava qualquer sombra aos objetos que, inertes, jaziam em seu interior. Apartados de suas sombras, não havia mais nenhum contorno que delineasse as diferenças entre a velha, as sementes, a cama e o penico. Subtraídos de sua porção escura, não havia tampouco qualquer volume nos corpos. Tudo se dissolvia em um grande plano esvaziado.

Seriam muitas as diferenças entre a completa iluminação e seu aparente oposto, a absoluta escuridão? Ambas pareciam ofuscar e esconder um vasto mundo de fenômenos em seu ventre. Ambas eram prenhes de um mesmo vazio e promoviam o mesmo fenômeno aos olhos: cegueira.

Envolto por aquela luz, sentia como que dois pregos quentes a vasculhar o fundo de meus olhos semi-serrados. Eram as dores próprias à lentidão das pupilas, quando não há tempo suficiente para protegerem-se.

Aproximei-me de Sofia e dela senti exalar o acre de seus sumos noturnos. Se a luz me ofuscava, retirando de meus pés o solo; se era impossível enxergar ao certo a profundidade do quarto, o cheiro azedo da urina dormida de Sofia restabelecia em mim, através do olfato,

⁶⁰ Pertence ao espírito enciclopedista do iluminismo a imagem da luz intensa que nega qualquer sombra ao conhecimento humano e sua subsequente investigação. A degola do déspota Luís XV e do obscuro poder hereditário que o informava, advindo de Deus, representa, como é sabido, a entronização da razão humana recém-conquistada. A vitória do humano sobre o celeste não é senão a vitória do visível sobre o invisível. Ou ainda, a redução de categorias como o imponderável, o incomensurável, à existência empírica, visível, dos fenômenos. (ROUANET, Sergio Paulo. O Olhar Iluminista. In **O Olhar**. NOVAES, Adauto [org.] São Paulo: Companhia das Letras, 2002)

um norte, um oriente. Retirei-a do meio dos lençóis úmidos, depositando-a na cadeira de rodas. Logo viramos as costas à alvura monolítica de seu quarto. Eu, em meu gorro de pompom. Sofia, em sua cadeira de rodas.

Ao longe, os melros já se rejubilavam em agudos trinados matinais. Um, em especial, parecia ter reconhecido entre os finos cabelos de Sofia um lugar aconchegante. Enquanto este permanecia quase estático, apenas esboçando leves movimentos com os pés entre os fios prateados, um outro desenhava longos vôos no ar, indo e vindo freneticamente, das mangueiras dos quintais vizinhos até o cimo da cabeça de Sofia.

Sentado à mesa da copa, eu saboreava em uma xícara de porcelana branca meu café com leite. Algo ainda parecia unir a cadeira em que me sentava, na cabeceira da mesa, à cama do quarto. Sempre nesta hora, quando o dia se iniciava, eu parecia carregar para o desjejum os restos de meu sono. Levava lentamente a xícara à boca, num movimento contínuo. Às vezes, o movimento se paralisava espontaneamente, no meio do caminho, e eu lançava para o horizonte um olhar vazio. E assim, me mantinha não sei por quanto tempo, de olhos fixos, sem pestanas a cortar, sem nada fixar.

Quantas vezes eu vira este olhar? Este olhar que nada vê. Este olhar alheio aos cortes involuntários das pálpebras? Nos bares de visitação duvidosa, onde os profissionais do álcool exercitam seus talentos, era comum encontrar estes olhos. Sozinhos, num canto de mesa, os bêbados lançam este olhar ressecado que não possui nada externo como alvo. Algo nestes olhos esvaziados parece indicar que aquele que vislumbra não está mais ali. Que saiu correndo apressado, desesperado, em busca de um lugar melhor, deixando atrás de si seu corpo, inerte, sobre a cadeira.

Haveria uma distin o, uma dicotomia dentro da palavra “olhar”. Pois o olhar é, simultaneamente, um verbo e um substantivo.   verbo quando indicamos uma a o, um ato. Quando, diante daquilo que aparece alhures, eu lanço-me para fora de mim e vejo.   verbo quando estou a “olhar o mar”. Mas têm também   substantivo quando penso que h  em mim “um olhar”, que me habita e age através de mim, impelindo-me uma maneira específica de ver. Para o olhar substantivo, não há muito lá fora. Não há fins, porém, apenas meios, através dos quais a imagem do mar se forma. Ali, de olhos bem abertos e sem nada

ver, eu sabia que deixara de ser verbo há muito tempo. Afinal, os verbos prescrevem o movimento e as ações dos corpos. Para mim e meu cotidiano de imobilidade, restaria apenas a paralisia dos substantivos.

III- Quando Algo Invade os Olhos

A xícara estava no meio do caminho, suspensa em total paralisia entre a mesa e minha boca. A manhã teria se passado assim, como que congelada em minha inércia se o interfone, que raramente anunciava visitas, não houvesse soado. Bebi um gole do café com leite já frio e fui responder ao chamado.

Uma encomenda havia chegado pelo correio. Seu Pedro, velho porteiro do edifício conhecia bem minhas indisposições em cruzar com outros moradores no elevador e, como era de costume, subiu para entregá-la. Era um conjunto de quatro pacotes grandes, numerados, cada qual envolto em grosso papel madeira. Como remetente daquele imenso volume, figurava o nome de Clément Vaché.

Logo me recordei do telefonema do dia anterior. E não sem alguma dificuldade, lembrei-me da etnografia sertaneja de meu velho amigo, do desusado nome “Antão”, suposto autor das imagens gravadas em vídeo.

Os quatro pacotes esperavam acomodados sobre o sofá por minha devassa. Foi pelo primeiro deles que a iniciei. Dentro estavam, lado a lado, mais de uma centena de fitas cuidadosamente agrupadas. Eram fitas próprias para câmaras portáteis de uso caseiro. Entre as fitas, alinhadas e etiquetadas, repousava um envelope cuja cor deveria outrora ter sido rubra, mas que agora, após a lixa dos anos, tornara-se de um róseo pálido. Com a mesma caligrafia das etiquetas, estava indicado um destinatário: “À Casa dos Cegos, Município de São José do Egito, Pernambuco”. Como remetente, aparecia nada além de um seco “Antão Belarmino”.

Não encontrei qualquer dificuldade em abri-lo. Minha curiosidade suplantava qualquer pudor que porventura devesse existir no ato de violar correspondências. Além do mais, a cola, ressecada e frágil, parecia servir de álibi para meu pecadilho. Dentro, havia um bilhete. E nele, pude ler as seguintes palavras:

01-12-1990.

Para mais nada perder de vista, resolvi tudo ver. Fui possuído por suas dores e acochado por seus demônios. Agora não há mais temor: não preciso mais fechar os olhos e agora tudo vejo. Boa sorte, sem qualquer saudade, é o que desejo à “casa dos cegos”, da cidade de São José do Egito.

Ass. Antão Belarmino

Por mais que fosse uma carta selada, com intenções de ser lida, jamais fora enviada. O conteúdo era para mim indecifrável, já que carecia dos códigos cuja chave deveria estar restrita às mãos do destinatário. Daquele envelope, o que havia de concreto era o nome de uma cidadela, no alto sertão de Pernambuco.

Voltei ao pacote de fitas que exibia a ordenação minuciosa de inúmeras etiquetas. No dorso de cada uma delas, escrita à mão, havia uma data. Passando os olhos sobre aqueles pequenos rótulos, reparei que uma mesma data se repetia a cada conjunto de seis fitas. E, no conjunto subsequente de mais seis, estava anotada a numeração correspondente ao dia seguinte.

Intrigado, retirei de dentro do pacote uma delas. Sua etiqueta indicava uma das datas mais recentes. Números ressoavam em minha cabeça, em somas e multiplicações. Se cada micro-fita era capaz de armazenar quatro horas de imagem em movimento, seis delas seriam suficientes para filmar vinte e quatro horas. Corri até ao vídeo cassete e, com a ajuda de um adaptador, introduzi a fita no aparelho. Liguei a tv, sentindo no peito o coração em compasso um tanto quanto incomum. Um escuro tremulante apareceu no vídeo, acusando que alguma imagem estava para anunciar-se.

Foi então que surgiu na tela uma planície inóspita. A imagem era imperfeita e, tremendo, acusava o andar apressado e oscilante daquele que segurava a câmara. Como áudio, era possível ouvir apenas o ruído de passos sobre o chão batido e o ressoar de uma respiração. Mantive-me atento à tv, esperando que algo ocorresse. Depois de quinze minutos se desenrolarem mostrando a mesma cena de caminhada, resolvi adiantar a fita. Mas, para minha surpresa, não havia cortes e a mesma caminhada se desenvolvia, em meio à planície ressecada. A diferença era a oscilação da câmara, que parecia ter acentuado sua perda freqüente de foco e agora mostrava-se mais frenética, deixando escapar a linha do horizonte ou qualquer assunto específico. No áudio era possível reparar que os passos estavam mais lentos e pesados e o som da respiração parecia mais profundo. Adiantei mais uma vez a fita, até quase o final. Agora, a mesma planície, que anteriormente era fortemente iluminada, estava assombreada em um belo crepúsculo em tons róseos, muito próprio aos crepúsculos dos verões sertanejos. O compasso da caminhada estava lento. E pude ouvir, antes que a fita acabasse, um suspiro de cansaço. O caminhante parecia ter parado e a imagem agora estava fixa. No centro da tela, estava enquadrado um imenso lajedo, com suas pedras imensas, empilhadas desordenadamente. Era possível ouvir uma respiração aos poucos se acalmar. No horizonte, o sol desaparecia lentamente atrás de uma grandiosa pedra que exibía um imenso furo em seu centro.

A etiqueta da fita, dizia que aquelas imagens corresponderiam ao dia 05 de dezembro de 1989. Fui até ao pacote e de lá retirei a fita cuja etiqueta assinalava também o mesmo 05 de dezembro. Coloquei no vídeo e esperei ansioso.

Abriu-se então o mesmo lajedo, no centro da tela, enquadrando a mesma pedra furada. Em alguns minutos o sol se pôs atrás do furo da pedra e o som de cigarras e pássaros passou a servir de trilha sonora para aquela paralisia. Demorou cerca de duas horas de gravação sem qualquer corte para que entrasse em cena uma lua quarto minguante. Ela era o único sinal de que aquilo diante de meus olhos era um vídeo e não uma fotografia. Entrelaçado ao som das cigarras, agora mais forte, ouvia-se um assovio bem afinado e cheio de volutas, assemelhando-se às curvas próprias de um canto operístico. Reconheci a melodia como sendo “Tea For Two”, de Cole Porter.

Quis assegurar-me de que minhas desconfianças estariam certas e permaneci na frente do vídeo, acompanhando todos os segundos de imagem se esvaírem, na direção do final da fita. Nenhum acontecimento eclodiu. Apenas um tedioso registro do passar do tempo era o conteúdo daquelas fitas. Aquele misterioso operador da câmara, do qual era possível extrair apenas os passos, os suspiros e um adocicado assovio, havia gravado o escorrer de seu dia, em sua integridade insuportável.

Minhas especulações estavam certas: cada conjunto de seis fitas, com a mesma data, parecia de fato conter um dia inteiro de imagens. Abri todos os outros pacotes e neles pude certificar-me que um mesmo número de fitas estava agrupado. Cada seis fitas, etiquetadas, exibiam uma mesma data. Se cada um dos quatro pacotes grandes possuísse o mesmo número de fitas, formariam um conjunto de 2.190 fitas.

Senti alguma vertigem e meu peito estava acelerado. O homem chamado Antão havia gravado a íntegra de um ano. Todo um ano de vida, registrado sem cortes, em tempo real. Voltei ao pacote e dele retirei a primeira das fitas. A data, emblemática, indicava o início da empreitada: primeiro de janeiro do ano de 1989.

No vídeo, surgiu um quarto de aparência simples. A câmara estava fixa e era possível ver o teto baixo, pintado em um tom de verde sujo. Uma cama surgia logo à frente, em primeiro plano, e ao seu lado, uma pia de ágata que também aparentava uma higiene duvidosa. Ao fundo, era possível ver uma penteadeira com toalhas brancas. Acima dela, um espelho. Através do espelho, pude entrever um vulto posicionado atrás da câmara. Aquele deveria ser Antão. Era possível escutar ao fundo, muito longe, as vozes de uma multidão e as circunvoluções de uma marchinha de carnaval. Este era todo o som que a câmara captara do ambiente externo ao quarto.

Em poucos minutos, pude ouvir um pigarro, destes que servem para limpar a garganta, antes de se dizer algo importante para uma platéia. Solenemente, uma voz clara surge, cujo estilo parecia aparentado àquele dos tribunais e dos seus bacharéis. Possuía um leve sotaque lusitano, e dizia em tom pausado:

“A partir de hoje, renasço e digo: está definida minha missão. Cansado do açoite das palavras, tranquei-me para a linguagem. Cansado de ver encoberto tanto do mundo sob o tapete da linguagem, resolvi puxar a alcatifa. A herança tirânica da língua, que conduz todos os dizeres, obrigou-me a ver certas coisas. Mas furei meus olhos e assim me fez cego para uma série de outras coisas. Agora quero estar do lado de fora dos dizeres. Agora, sem linguagem, posso ver a íntegra do mundo. Não deixarei escapar sequer um minuto.”

Depois desta fala, com ares de cartório português, fez-se silêncio. Assim, o som da multidão voltou a impor-se e a marchinha de carnaval pode se fazer presente, mesmo que ao longe. O vulto que se pronunciava através da réstia do espelho entrou de costas no enquadramento da câmara, deitou-se na cama e lá, enrolado em uma colcha de chenil, aninhou-se, esboçando adormecimento. Indo até quase o final das quatro horas de fita, pude ouvir o som de um despertador. Então levanta da cama de soslaio movendo-se em direção à câmara. É possível ouvir sua voz mais uma vez: “Maldita troca de fitas... assim perderei muito de minha vida, ó pá!”. A imagem se apaga, indicando o final das quatro horas de gravação.

Tratava-se de uma autobiografia. E, ao que parece, procurava moldar-se ao estilo do realismo, pois o veículo escolhido era o mais objetivo na intenção de capturar a realidade: uma câmara de filmagem. Procurou suprimir qualquer corte ou montagem, optando por um longo e ininterrupto plano seqüência. Afinal, os cortes imporiam sobre o real de sua vida uma descontinuidade inexistente nos cotidianos. Os cortes só ocorreriam ao fim de cada fita, por um motivo técnico simples: não haveria fita capaz de gravar as quase nove mil horas ininterruptas que formam um ano.

Boa parte dos demônios que me apossavam pareciam também bater à soleira do personagem principal daquelas gravações. Estes demônios costumavam soprar em meus ouvidos uma mesma assertiva: nós somos os grillhões da linguagem. O que imaginas ser teu é soprado em teu ouvido por nós. Nós nos comunicamos entre nós mesmos, através de vós

pobres títeres, sem que vos dêem conta⁶¹. Eram os demônios da linguagem, com suas sintaxes a sibilar entre meus lábios. Vislumbrei em Antão, meu duplo.

Para mim, era freqüente enxergar nos fraseados e contorções da linguagem o mundo em gênese. Não havia dúvida de que antes de tudo ocorrer, de tudo se mostrar à minha frente, havia o verbo. E este verbo não era escrito com maiúscula, não era verbo encarnado. Era verbo vazio e abstrato, desgarrado de qualquer Hábito. Tudo o que há era, em mim, mero epifenômeno dentro do tecido da linguagem⁶².

Vi na árdua missão que ele se impusera, uma estratégia para livrar-se de toda narrativa. Pois, para contar o que em uma vida é vivido, é preciso calar-se. É preferível mostrá-la, ao invés de dizê-la. Pois todo dizer é um conduzir. Todo dizer envolve um ato de seleção, de corte. Há de fato, um fascismo inerente à linguagem e em todo ato de dizer⁶³. Ao dizer, sou

⁶¹ Tomé Cravan pega de empréstimo uma bela e sinistra imagem de Claude Lévi-Strauss. O antropólogo, pai do estruturalismo na antropologia, sugere que antes dos homens particulares há a informação do mito sobre as sociedades. Diz C. Lévi-Strauss que os mitos conversam entre si através dos homens, sem que eles se dêem conta. A ação do mito seria exatamente o da informação, ou seja, ele in-forma (dota de forma) culturas, sociedades e homens. Neste enfoque estruturalista da antropologia, francamente inspirado pela lingüística de R. Jakobson, os fenômenos individuais e particulares tornam-se secundários, para entrar em foco as regências sistêmicas. (PAZ, Octavio. **Claude Lévi-Strauss ou o Novo Festim de Esopo**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1977. p. 33)

⁶² Vê-se que Tomé incorporou para si um amplo repertório de análises das relações travadas entre linguagem e mundo. É peremptória a sua inadmissão em aceitar qualquer vínculo entre os sistemas de referência e os objetos referidos. É possível enxergar na sua afirmação de que tudo é um “epifenômeno dentro do tecido da linguagem” algo da desilusão do austríaco Ludwig Wittgenstein, aquele que se auto-intitulava de “um santo infeliz”. E parece ser ele quem guia os passos de Tomé, quando afirma: “A gramática não tem contas a prestar a nenhuma realidade. As regras gramaticais determinam a significação, que ainda não é uma significação (são elas que a constituem), e não se tornam, por isso, responsáveis em relação a nenhuma significação, sendo nesta medida, arbitrarias.” Portanto, para Wittgenstein, só é possível referir-se a fatos e experiências, dentro dos usos impostos pela regra gramatical. E sendo elas mesmas as condições de significação, as regras não possuiriam quaisquer condições de verdade. (WITTGENSTEIN, Ludwig. *apud* CHAUVIRÉ, Cristiane. *In Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991. p. 88)

⁶³ A mesma querela estruturalista segue nas deambulações de nosso autor. Desta vez, Tomé nos deixa entrever algo dito por Roland Barthes que, em sua aula inaugural no Colégio de França, assevera: “Mas a língua como desempenho de toda linguagem não é nem reacionária nem progressista; ela é simplesmente: fascista; pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer”. (BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Ed. Cultrix, s.d. p. 14)

obrigado a dizer de certa forma. Pois todos os meus dizeres sofrem o peso de uma herança: o espólio da sintaxe. As tramas da linguagem encobrem o mundo ao qual aparentemente se referem. Todo dizer é um afastar-se.

Houve um dia em que evocar algo do mundo através de seu nome era possível. Neste dia, verbo e carne co-habitavam um só corpo. E ali podia-se afirmar sem receio: entre o nome e aquilo que o nome indica não se poderia introduzir sequer a lâmina de uma navalha⁶⁴.

Antes de devorar-se em círculos, como um cão que corre atrás do próprio rabo, em triste autofagia, a linguagem não apenas se colava ao mundo, mas perambulava ativa em seu interior, disseminando seus poderes de transubstanciação. Transubstanciava invisivelmente, instantaneamente, os corpos reclamados por ela. A palavra “corpo” ao esfregar-se e contaminar a massa de trigo da eucaristia, transmutava o pão em algo além dele. E ao pronunciar-se “sangue” algo a mais passava a ser sorvido, mesmo que o sabor fosse o acre do vinho. Neste dia perdido, ao pronunciar-se a frase “eu te amo”, um chamego mundano se revestia de essência e transmutava-se em algo sublime e bem-nascido⁶⁵. Mas este dia

⁶⁴ As relações de homologia entre nome e coisa nomeada, são vista com clareza na tradição oriental do cristianismo, o cristianismo ortodoxo. O pronunciar perpétuo do nome de Jesus Cristo, através da repetição ininterrupta da frase grega “kyrie, eléison”, pretende ser não um chamado da divindade, mas a acusação da Sua presença no corpo daquele que a repete. Não é demais recordar que uma das formas de referir-se à figura do Cristo, no cristianismo em geral, e na ortodoxia em particular, é pelo atributo de “Verbo de Deus” ou “Verbo encarnado”. Aqui, nesta frase, é difícil não reparar que Tomé Cravan parafraseia o grande teólogo russo do século XX, Paul Florensky, que diz em um de seus cadernos de reflexões, postos a público apenas em versões mimeografadas: “O nome de Jesus implica a sua presença. Entre o Nome e aquele que o Nome invoca não se poderia introduzir sequer uma lâmina de barbear.”(FLORENSKY, Paul. *apud* SAROV, Serafim. **Instruções Espirituais. Diálogos com Motovilov**. São Paulo: Edições Paulinas, 1989. p. 22)

⁶⁵ A idéia do poder transubstancial da palavra, é tema de Gilles Deleuze e Felix Guattari no volume 2 do livro “Mil Platôs”. Nele, os autores procuram criticar a lingüística estrutural que se detém na análise dos elementos formais que compõem a sintaxe de uma língua. Na trilha da lingüística de Bakhtin, e nas análises das interações comunicacionais de Gregory Bateson, os autores procuram analisar a linguagem como algo aberto e externo, cujo sentido só se verificaria na prática intersubjetiva dos falantes ou seja, em uma pragmática. Alhures, Deleuze e Guattari dizem: “a lingüística não é nada fora da pragmática (semiótica ou política) que define a efetuação da *condição* da linguagem e o **uso** dos elementos da língua.” [grifo dos autores] (DELEUZE, Gilles e Félix Guattari. **Mil Platôs. Vol. 2** Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. p. 26)

sumiu com os verões e invernos da história⁶⁶. E o que sobrou foram os demônios das estruturas ressecadas, das formas ocas dos dizeres: a linguagem olhando para si mesma.

Antão parecia ter levado às últimas conseqüências o seu desagravo à voz dos nossos demônios. E procurando driblá-los, oferecia à sua possível platéia uma imagem integral e pura, como a única narrativa possível para o desenrolar de um ano de sua vida.

A idéia de negar-se a dizer, a narrar, para que a realidade pudesse ser mostrada, em sua íntegra, pareceu-me abismal. Meu desejo era, evidentemente, ver cada uma das fitas e acompanhar a epopéia daquele homem que não queria fechar mais os olhos. Assim, inclusive, poderia assegurar-me de que não haveriam de fato quaisquer cortes ou trechos em branco. Mas logo meus demônios voltaram a cochichar na soleira de meus ouvidos.

Dei-me conta que a integridade daquela realidade vivida por Antão, nunca poderia ser mostrada em sua inteireza. Percebi que se resolvesse deflagrar tal campanha, seria obrigado a gastar, no mínimo um ano de minha vida. Teria de passar um ano de minha vida assistindo o desenrolar de um ano da vida de Antão. Não poderia sequer cochilar. Meu presente passaria a ser a recepção passiva do passado de um homem que eu não conhecia. Um passado que procurava fazer-se presente em sua insuportável íntegra.

Novamente, a impossibilidade do real em revelar-se retornou a mim. E num instante, pensei que o esforço de Antão antes de tudo era nobre. Afinal, não haveria nobreza em tamanho esforço e dedicação? Mas era também, lamentavelmente malgrado. Lembrei-me de Simeão, o estilista e de sua famosa coluna, onde permaneceu de pé, por quarenta e sete anos

⁶⁶ Este tempo e espaço, perdido “entre os verões e invernos dos anos”, lugar idílico onde ainda havia cópula e homologia entre linguagem e real, ao qual se refere Tomé Cravan, bem poderia ser aquele descrito por Michel Foucault como sendo o dos poetas gregos até o séc. VI. Foucault sugere que até aquele momento, o discurso se amparava numa hierarquia e numa ritualística: “(...) era o discurso pronunciado por quem era de direito e conforme o ritual requerido; (...) era o discurso que, profetizando o futuro, não somente anunciava o que ia se passar, mas contribuía para sua realização, suscitava a adesão dos homens e se tramava assim o destino”. E mais adiante, “(...) chegou um dia em que a verdade se deslocou do ato ritualizado, eficaz e justo, da enunciação para o próprio enunciado: para seu sentido, sua forma, seu objeto, sua relação de referência”. (FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 1996. p. 15)

e de tantos homens que levaram às últimas conseqüências um sonho⁶⁷. Mesmo que este sonho lhes exigisse o consumo do corpo e a perdição da razão.

O que Clément Vaché me enviara, apareceu para mim como o maior dos presentes. Senti o sangue vibrar em meu corpo. Ele havia me retirado para sempre do alto de meu décimo quinto andar. Uma ansiedade juvenil parecia me agulhar as costelas. Era preciso fazer alguma coisa. Era preciso encontrar aquele homem e pousar meus olhos sobre os dele.

Assim, naquela manhã de verão tropical, tirei o gorro de listras da cabeça e abri o guarda-roupas. Dele, retirei meu velho chapéu panamá. Eu iria sair do Recife. Iria ao sertão, seguindo a direção oeste. Iria a São José do Egito. E entregaria em mãos aquela carta que nunca chegara ao seu destino: a “casa dos cegos”.

⁶⁷ Simeão, o estilita é um dos personagens que compõem o rico cenário dos primórdios do cristianismo. Ao lado de figuras como João, o pequeno, Macário, o confessor, e tantos outros, Simeão irá fornecer as bases do que vieram a ser as estruturas monásticas cristãs. Estes primeiros cristãos, os chamados “padres do deserto”, com suas ações aparentemente *nonsense*, de busca dos limites da suportação corporal, irão manter-se como verdadeiros faróis de referência e admiração para vários pensadores e artistas. É o caso da fascinação do poeta T. S. Elliot por Simeão, o estilita, ou da artista performática Marina Abramovik, envolvida pela beleza contida nas ações de desgaste físico da tradição hesicasta da ortodoxia.

Parte 3

As Portas se Abrem

I. O Sentido é o Deserto

Recordo com nitidez quando entrei naquele ônibus, tendo como destino São José do Egito. Na rodoviária, o sol iniciava seu ocaso costumeiro atrás da densa floresta tropical do bairro do Curado e a boca da noite esboçava seu primeiro bocejo. Os acessos ao sertão deveriam ser percorridos preferencialmente nos finais de tarde, quando era verão. Assim, homens abstratos como eu, cuja pele esquecera o sol, poderiam chegar ao seu destino sem receio de evaporar em meio ao caminho empoeirado.

Sentado sobre uma poltrona cujo odor indicava o acúmulo de vários suores anônimos, não era capaz de suportar a transformação que se daria em mim, a partir do sertão. O ônibus deu partida, e arrastou-se lentamente como um boi, em direção ao interior muito profundo do Brasil. Através da vidraça da janela, a luz do dia ganhara tons róseos claros. Lembrei-me da cor do envelope contendo a carta que eu entregaria à “casa dos cegos”. O papel envelhecido e o céu exibiam uma só cor.

Era algo doído o que sentia se remexer em mim. Sabia que não eram males do corpo ou, ao menos, era certo que aquela dor não se resumia a desarranjos orgânicos puros. Mas algo plácido e aquietado acompanhava este mal-estar. Talvez a palavra mais próxima para descrever aquilo que se processava entre meu peito e minha garganta fosse “melancolia”. Em breve a luz caiu e a escuridão apropriou-se de tudo o que era externo ao ônibus. Apenas uma fraca lâmpada de leitura oferecia um estreito halo sobre meu ventre.

Estava dentro de um casulo. Neste tipo de construção, tecida com os fios de suas salivas, as lagartas costumam esquecer-se do mundo. Lá dentro, elas iniciam um longo processo de autodestruição de seus corpos. Apenas seus sistemas nervosos mantêm-se intactos. Ao mesmo tempo em que decompõem suas antigas carcaças, tramam suas futuras pernas e asas. Lancei meus olhos para a janela, em busca de algo que estivesse fora de meu casulo de metal. Com o escuro lá fora, a vidraça não era mais transparente e agora apenas espelhava. Tudo o que ela ofereceu-me de paisagem foi o reflexo do meu próprio rosto. Cerrei os olhos e continuei pensando em crisálidas e lagartas, em casulos metálicos e borboletas, até que algo em mim adormeceu.

Abri os olhos já em São José do Egito. Um senhor de chapéu de feltro escuro gentilmente me despertou com um sorriso generoso entre os dentes. Levantei ainda trôpego, inalando o odor quente do motor e da gasolina queimada ao longo dos quatrocentos quilômetros de viagem. Da porta do ônibus, respirei o ar seco do sertão e desci o último degrau, entrando no frescor da noite. Em regiões áridas, as noites sempre são um período de armistício. É o período de descanso dos couros, antes que os ferros do sol reiniciem a impressão de sua marca.

No guichê, uma moça cochilava na cadeira, embalada pela voz fanhosa de um rádio. Retirei-a do sono e lhe perguntei sobre um hotel que pudesse acomodar a mim e minha mala. Desculpou-se do cansaço que havia lhe arriado e transpondo o vidro do guichê, solícita, conduziu-me até à calçada. Reparei em seus olhos muito azuis, em seus cabelos crespos cor de ouro e na pele cor de mestiçagem. Devia ter mais de vinte e menos de trinta anos. As curvas de seu corpo não eram mais tão arriscadas, porém, ainda provocavam alguma vertigem. Com o dedo, indicou-me o Hotel Central, que ao seu ver, parecia ser o mais apropriado para mim e para a suposta dignidade emanada de meu chapéu panamá. Antes, porém de tomar o rumo, lembrei-me de minha missão epistolar e lhe perguntei:

- A senhorita, porventura, conheceria um educandário, próprio para deficientes visuais, conhecido pela alcunha de “casa dos cegos”?

Ela fitou-me com certo espanto, quem sabe, encantada pelo belo panamá que adornava o cimo de minha figura esguia e respondeu-me:

- O senhor é do exterior, não é?

- Não, não. Sou pernambucano, do Recife.

E, entre risos, disse-me:

- Mas a fala do senhor é diferente... Parece de outro país...

Nem bem firmara os pés nas terras de São José do Egito, eu já havia sido reconhecido, pensei. Não quis dar de comer àquela conversa, pois novamente sentia as pressões de minha estrangeirice endêmica. Só poderia lhe dizer aquilo que meu amigo Clément um dia me

dissera: eu não era um estrangeiro específico, era sim, um estrangeiro do mundo. Teria de lhe falar que aquele sotaque era próprio aos homens despossuídos de carne, de mortos vivos, que perambulam soltos entre os viventes. Precisaria lhe dizer que aquele era o sotaque adquirido em um lugar chamado solidão ou inadaptação. Lá, não há contextos nos quais a língua pode deixar-se passear, escorrer, contaminar, trocando sons e novas figuras de linguagem. Sotaques são como bromélias, violetas e orquídeas: brotam em climas e regiões específicas, como resultado do enlace de pássaros polinizadores, umidades, temperaturas, húmus e alturas. Sem este enlace, não há orquídeas amarelas ou azuis. Tampouco pronúncias específicas. Procurei repetir a mesma pergunta, substituindo as palavras bolorentas e mofadas por outras, quem sabe, mais lustradas:

- Procuro aqui em São José do Egito um lugar chamado “casa dos cegos” . Provavelmente é uma escola ou um instituto onde crianças cegas estudam.

- Olhe... eu nunca ouvi falar de nada parecido aqui. Mas venha cá...

Puxou-me pelo braço e levou-me até à mercearia ao lado, vizinha ao guichê. Atrás do balcão, um senhor amorenado, de meia idade, mascava um palito no canto da boca e limpava o balcão com um pano muito alvo. A garota, então, lhe argüiu com uma voz ondulante e doce:

- Pai... esse moço de Recife está atrás de uma escola de cegos aqui em São José. A ““casa dos cegos” ”. Eu penso que não existe não.

O homem encarou-me e pude ver incrustados em seu rosto os mesmos olhos da filha. Eram dois olhos de um azul intenso, capazes de amolecer as fendas profundas de suas rugas e a rudeza de seu semblante. Conferiam-lhe um ar amável, mesmo que todo o resto de sua fisionomia não indicasse qualquer afabilidade. Com a mesma ondulação da filha, apresentou-se como sendo Mateus, e falou-me pausadamente, sem nenhuma pressa:

- Não tenho notícia de escola de cegos aqui. Temos cegos. Mas escola não, não temos não. Quer dizer... até ontem não tinha. O senhor estava procurando escola mesmo, não é? Por que eu sei de um lugar que não é escola não.

A garota então, interveio, parecendo retirar de algum lugar da memória uma rua e uma casa:

- A “casa dos cegos” daqui é aquela de Mariano Belarmino, não é pai?

“Pronto, lá na rua de baixo, no arranco”, inteirou o homem, que apresentou-se como sendo “Mateus da mercearia”. A confiar no que me diziam os olhos azuis do homem e de sua filha, “casa dos cegos” era como a cidade de São José do Egito acabara por apelidar a residência de um pecuarista da região. Lá moraria a família Belarmino, cujos filhos eram cegos. O patriarca morrera há anos e parte dos filhos cegos, enviados à capital para o estudo, não haviam mais regressado à cidade. Disse seu Mateus:

- Mas a casa está vazia. Ninguém mora mais lá não. Os meninos todos moram hoje lá pras bandas da Paraíba, na capital. Seu Mariano é que vinha sempre, olhar os bois e os negócios. Vivia metade do ano aqui, outra por lá. Mas depois que dona Gessy morreu lá na cidade, seu Mariano vendeu a fazenda e ficou por lá. Ficou só a casa aqui na rua de baixo. Até uns anos atrás a família vinha aqui pro natal, pro São João. O São João daqui é muito afamado, sabe? Eu penso que a casa vai tá vazia.

Já era alguma coisa. Certamente a casa ainda era da família e indo até lá, eu poderia encontrar algum vizinho que me fornecesse algum paradeiro da família.

Mesmo cansado dos tormentos de seis horas de viagem, estava radiante. Despedi-me de Seu Mateus, agradecendo sua cordialidade. Sua filha, sorridente, apertou-me a mão com os olhos fixos nos meus e ofertou-me seu nome:

- Me chamo Anastácia...

- Me chamam Tomé. Muito prazer.

Baixei os olhos, para não naufragar no azul de seu olhar, segurei firme a mala e despedi-me, dirigindo-me para o Hotel Central, que ficava na “rua de cima”.

Lá chegando, deitei-me sobre o colchão mole e lá adormeci pesadamente. Naquela noite nenhuma imagem me visitou. E é bem possível que um sorriso ralo tenha sido impresso em

meus lábios enquanto dormia. Eu havia descoberto o remetente e achado o destinatário da carta.

II. A Casa dos Cegos

Aquela quinta-feira, com seus inumeráveis ruídos, não tardou a entrar em meu quarto exíguo. E entrou sem solicitar qualquer obséquio. As cortinas estavam fechadas e o ar condicionado roncava a toda força. O frio havia me modelado sobre a cama na forma de uma cobra que se enrosca sobre si mesma. O relógio indicava sete horas. Naquele dia, havia um bom motivo para mover-me.

Era como uma boca aberta o que encontrei ao abrir a porta de meu quarto frio. O deserto estava ali, além da porta, pulsando e bafejando o calor de seu hálito. Após uma sequência de espirros, eu e a respiração seca do sertão iniciamos um acordo cujas negociações durariam dias. Desci até a recepção do hotel e de lá ganhei a rua em busca de algo para comer.

“O sol é um martelo e minha pele, a bigorna”, dissera Clément referindo-se ao calor do sertão. Talvez por isso, as ruas de comércio da cidade fossem tão estreitas. Entre elas o sol pensava duas vezes em entrar. Foi em um destes becos cobertos por lonas de caminhão, em meio ao burburinho de fregueses e os pregões dos vendedores, que bebi café com leite e comi bolo de milho. Lá estava eu, envolvido pela sobreposição de vozes incompletas que, juntas tal qual um palimpsesto, pareciam apontar inumeráveis geografias. “Marrocos... Istambul... Cairo... São José do Egito”, pensei enquanto buscava em meio à massa do bolo o sabor do milho.

Ao pagar pelo desjejum, perguntei à gorda, dona da banca de café, como poderia encontrar a ““casa dos cegos” ”. Para minha surpresa, ela disse sem titubear:

- A casa de dona Gessy Belarmino? Mas a casa não tá desocupada?

E prosseguiu falando, como se algo houvesse destampado em sua cabeça e algumas memórias começassem a escorrer:

- Conheci muito dona Gessy... E os filhinho, coitadinho? Tudo sem vista, não é? Mas meu senhor, aqueles menino eram danado!! Eram cego mas eram fogo na roupa!! Meu filho mais velho, Geraldinho, brincava com eles. Ele nasceu com problema numa perna, sabe? É manco. E nas brincadeira os meninos de seu Belarmino acabavam sempre indo atrás de Geraldinho. Geraldinho chegava em casa triste e me perguntava: “Ô mãe... por quê os meninos de seu Belarmino sempre me escolhem para correr atrás no pega-pega?” Hoje, meu filho é padre. Como o tempo passa...

Eu ficaria ali por mais tempo, ouvindo sobre seu filho manco, cuja carreira deu em padre. Mas brandiam em mim urgências incontornáveis. Ela então apressou o passo da conversa e me deu as indicações do caminho:

- Olhe... meu filho vai em frente e dobra à esquerda no catavento de Pedro Chicó. De lá meu filho segue reto toda vida e vai encontrar um pátio cheio de casas. É lá na “rua de baixo”.

Nos apresentamos e simultaneamente nos despedimos. Fiz o trajeto indicado e logo encontrei o catavento de Pedro Chicó. O que chamavam de catavento era, na verdade, uma bomba que extraia do subsolo o mineral mais precioso da região: água. Em torno dela formava-se uma longuíssima procissão, de mulheres e crianças, com latas e baldes empoleirados sobre a cabeça.

Logo adiante, estava o pátio. Era difícil não ver naquela arquitetura, algo mediterrâneo. As casas, coladas umas às outras pelas paredes laterais, formavam um grande quadrado. Apenas um portal em um dos vértices, dava acesso ao centro vazio do conjunto. Nesta arena central, o piso era de terra batida e algumas crianças corriam atrás umas das outras, traçando no pó do chão novos trajetos sobre os muitos outros que ali já haviam adormecido.

Todas as casas eram muito semelhantes. Mas havia uma entre elas que, ao longe, enlaçou minha atenção. Era entre todas as residências daquele átrio, a mais adornada. Ao contrário do que haviam me alertado, a casa não parecia desocupada. A porta estava aberta e, na

calçada, sentada em uma cadeira de balanços, sob a sombra de um juazeiro, repousava uma mulher. Aproximei-me e perguntei, pedindo desculpas pela amolação:

- Bom dia, minha senhora, procuro pela “casa dos cegos”. Uma casa de propriedade da família Belarmino.

A mulher então ergueu a face e, com um sorriso preso entre os dentes, lançou seus olhos vagos sobre os meus. Era a primeira vez que meus olhos viam de perto os olhos da cegueira.

- Bom dia, o senhor acabou de achá-la. Teve sorte de encontrar alguém aqui. Eu sou Joana. Joana Belarmino.

Ela levantou-se da cadeira e ofereceu a mão como sinal de boas vindas. Apertou a minha muito levemente, com sua pele fina e macia. A magreza dos dedos se distribuía por todo seu corpo: no rosto, esculpira duas salientes maçãs que emolduravam os olhos muito pequenos e de profundo negro. A raiz de seus cabelos muito finos, revelava que outrora deveriam ter sido de um castanho escuro. Com o passar dos anos haviam ganho os tons mais claros de alguma tintura.

Tomei sua mão entre as minhas e me mantive em silêncio por alguns instantes, olhando para a paisagem de seu rosto, procurando algum norte. Não é, pois, no atrito entre os olhos que duas pessoas iniciam suas mútuas perscrutações? Nos enlaces sempre silenciosos, tramados pelos olhos que se encostam, muitos horizontes se abrem ou se fecham. É sempre na vastidão, nas sobras de olhares remetidos e recebidos, que algo pode ser entrevisto, para além e aquém dos discursos proferidos. Assassínios, amores, volúpias carnavais, loucuras e invejas se deixam entrever nestas clareiras tão espaçosas, abertas pelo encontro de dois pares de olhos. E, ali diante de Joana, eu não possuía este ponto de apoio, a partir do qual iniciar meus diagnósticos. Desviei-me de sua face e falei-lhe de minha missão auto-imposta:

- Trouxe-lhe uma carta. Uma carta que, na verdade, deveria ter chegado às mãos de sua família há alguns meses.

Joana mostrou-se surpresa com a carta. Ela e a família estavam de passagem na cidade. Em poucos dias retornariam a João Pessoa. Resolveram visitar São José do Egito depois de anos para “rever” a cidade aonde haviam nascido. E algo deste passado havia, através de mim, se apresentado na forma de uma correspondência atrasada. Passei para as mãos de Joana o envelope amarrotado e, com algum pudor completei:

- Antão Belarmino é seu parente, não é?

Joana projetou seu corpo esguio e bem torneado para frente, abriu um largo sorriso e, como se dotasse de som uma frase interna, destas que nós proferimos para nós mesmos, falou em tom vivaz:

- Antão?! Meu irmão... Deus do céu, aonde você anda? Como pôde sumir assim?

E prosseguiu, com a carta encrespada entre os dedos, voltando-se para a porta da “casa dos cegos” :

- Maria! Notícias do maluco do teu irmão!!

As casas do pátio, coladas umas às outras, não deixavam que a luz áspera do sertão entrasse em seus intestinos. O portal para o qual Joana bradava sua surpresa, enquadrava, por tanto, o escuro. Foi deste escuro, emoldurado pela porta entreaberta, que saiu Maria, lentamente. Desceu cuidadosamente o único degrau que separava a intimidade da casa e a publicidade da rua, e lá parou, dizendo com placidez e distância:

- Antão? Este idiota está vivo?

- Não seja severa, Maria. É nosso irmão. O pequeno Tantã...

Mantive-me ali, em silêncio, assistindo a intimidade dos tratos familiares, se desenrolar na calçada. Parada de onde estava, Maria dirigiu-se para mim e perguntou à irmã:

- Quem está aí com você, Joana?

Maria também era cega. Devia ter trinta e poucos anos. Seus cabelos eram longos e ondulados e eram constantemente afagados, arrumados e re-arrumados, numa eterna troca de lados. Os olhos eram negros e miúdos como os da irmã. Porém nela, esta pequinhês lhe

conferia os ares leves da infância. E ela não apenas pôs os olhos em minha direção. Todo seu corpo apontava para mim. Para mim, que ela havia detectado e pinçado de dentro do silêncio. O que havia denunciado ali minha presença? Apresentei-me, com a mão estendida.

Seus olhos eram inquietos. Não permaneciam fixos em um só lugar, se lançando em todas as direções. Não permaneciam pousados sobre um mesmo assunto e pareciam querer sorver todo o mundo. Eram como o tatear frenético de mãos que procuram agarrar uma panela quente.

Não era fácil manter-me relaxado frente à cegueira. Passa-se toda uma vida modelando-se, redesenhando-se para o espelho do quarto e para o espelho que há nos olhos alheios. Muito tempo é gasto escondendo-se e revelando-se os demônios e os anjos de nossas carcaças. E ali, diante da “casa dos cegos” , todo este labor caíra por terra. Por onde recomeçar a composição desta imagem? Para homens vaidosos, os olhos de um cego são como uma sepultura.

Maria atravessou o portal escuro de volta aos intestinos da casa, para logo retornar com duas cadeiras. Repousou-as delicadamente sobre a calçada e ofereceu-me assento. Nos sentamos sob a sombra do juazeiro que prometia em vão abrandar o calor. Como a carta não havia sido escrita com o alfabeto Braille, ofereci-me então para lê-la. Mesmo sabendo que seu teor não indicava nenhum sentimento de enlace, como saudade ou macias lembranças de infância. Era uma carta de despedida.

Após a leitura, um denso silêncio se instalou. Entre nós, apenas o vazio formado pelas três cadeiras. Passamos a falar sobre a ausência de Antão.

Mariano Belarmino e Dona Gessy, disseram, haviam seguido à risca uma tradição genealógica do sertão. Gostavam de árvores frondosas e por isso, haviam gerado uma imensa prole. Ao todo, somava quatorze o número de rebentos que puseram no mundo. Porém, mesmo que Mariano e Gessy fossem um casal de olhos perfeitos, entre os quatorze filhos, haviam dado à luz sete cegos. Se uma metade via, a outra metade era cega.

A realidade freqüentemente parece suplantar em fertilidade e surpresas os absurdos de qualquer poesia ou literatura. E as duas irmãs procuravam relatar esta realidade como um

repórter de guerra, muito cioso de suas descrições. A cada momento, elas descortinavam para mim inúmeras filigranas e arabescos que davam contornos cada vez mais incomuns à “casa dos cegos” .

Sete dos quatorze filhos, a metade dotada de visão, morreu de diversas maneiras. Alguns despencaram de lajedos. Outros se dissolveram em traiçoeiras diarreias, enquanto que os restantes, apressados, anteciparam suas saídas do ventre materno e, prematuros, não tiveram forças para suportar as pressões do ambiente. Apenas a metade cega sobreviveu. Apenas os sete cegos que restaram viveram para relatar o que a vida exibia à frente de seus olhos.

A história da família Belarmino era rara e não parou de proliferar surpresas. Após a série de filhos cegos, Mariano e Gessy Belarmino, já idosos, geraram um último. Este rebento tardio, filho do descuido e do inesperado, nasceu com um aparelho visual intacto. Deram à criança o nome de Antão.

Único a ver, crescera em um ambiente adverso. Se na rua, para além do portal da “casa dos cegos” , a regra era a visão, em seu interior, a norma era a cegueira. Na família, o desvio, o ponto fora da curva, a exceção, possuía em Antão seu representante.

Antão cresceu menino silencioso. Apoucado, costumava sentar-se naquele único batente, entre a casa e a rua. Era ali que costumava montar seu curral, com bois feitos de osso. Lá, largava-se por tardes inteiras, gerenciando suas posses em miniatura. Segundo Maria, que afastava constantemente os cabelos finos que caíam sobre os olhos enquanto narrava, houve uma tarde ensolarada, na qual o abismo entre Antão e seus irmãos se fez mostrar com nitidez. Resolveram os filhos de Dona Gessy empreender uma caminhada na direção das pedreiras da região. Após longa caminhada, chegaram ao imenso vale. Eram pedras imensas, empilhadas segundo uma caótica ordenação. Entre elas, em seus vácuos, formavam-se estreitos corredores, que desembocavam em grotões e cavernas. E foi numa delas, sob as pedras, que se sentaram os irmãos Belarmino. Uma chuva caiu e a luz da tarde esvaiu-se em seus cântaros. Logo chegou a noite sem lua e com ela, um denso breu. A impaciência cresceu em Antão que logo quis sair do escuro cru da caverna, em direção ao vale aberto. Separou-se dos irmãos e, sem nada enxergar, tomou a vereda errada, perdendo-

se em um dos vários salões de pedra. Foi retirado de lá depois de algumas horas, por seu irmão Manuel e guiado até longe da pedreira, onde já estavam os outros cinco. E prosseguiu Maria:

- Lembro-me quando, ainda cataléptico de terror por perder-se no escuro, Antão perguntou como o havia encontrado no meio da escuridão. E Manuel lhe disse, meio sorridente, “eu não sei o que é escuridão”.

De fato, Manuel parecia-me ter descortinado algo de grande importância. A escuridão era um conceito incompreensível para um cego. Efetivamente só existe escuridão para aqueles que vêem. Os conceitos de luz e escuridão mantidos sempre separados, dentro do contexto da cegueira, mostravam-se claramente interdependentes. Pois para obter uma definição de escuro é preciso que tenhamos uma concepção de luz. Maria continuou:

- Recordo que declamei para Antão, em tom de galhofa, um velho ditado de forma invertida: “em terra de cego quem tem olhos nada vê”. E ainda sou capaz de vê-lo se perguntando, surpreso, “você não vê a escuridão?”.

Perder-se entre os escuros labirintos dos grotões de pedra e ter como guia o irmão cego, teria sido uma experiência síntese do que vivia o pequeno Antão. Segundo Maria, a partir daquele momento o caçula tornou-se crescentemente soturno. Passou a perguntar para os irmãos o que verdadeiramente ocorria à sua frente e que ele, mesmo com os olhos perfeitos, era incapaz de ver. Sentia-se apartado, separado, exilado de um mundo que simplesmente não lhe era acessível. Desconfiava de seus próprios olhos.

Perguntei às irmãs Belarmino que mundo seria este, que Antão não era capaz de ter acesso. Joana tomou a frente e respondeu prontamente:

- Imagine você que éramos sete crianças e adolescentes cegos. Antão, logo que aprendeu a falar, passou a ser nossos olhos. Quando precisávamos de alguma descrição, recorríamos a ele. Porém, entre nós, existiam percepções que fugiam inteiramente da capacidade de percepção de Antão. Não devia ser fácil para ele.

“Antão saiu junto conosco de São José do Egito”, continuou Maria, me retirando de um furacão de pensamentos:

- Fomos todos para a cidade de João Pessoa, na Paraíba, onde havia a melhor escola para cegos da região⁶⁸. Passamos a morar em uma cidade próxima à capital, Bayeux e lá instalamos uma nova “casa dos cegos”. Ainda hoje, se você for a Bayeux, e perguntar onde fica a “casa dos cegos”, as pessoas lhe indicarão o caminho de nossa antiga residência. Não é sempre que se reúnem em uma mesma casa sete crianças cegas...

Agora, outro obstáculo se montava entre o rebento tardio e seu entorno. Além de ser o único irmão a não se dar conta de certos fenômenos e de temer o escuro, era uma criança sertaneja em meio ao que para ele possuía ares de metrópole. Não demorou muito para que os pais se fossem. Morreram mortes prosaicas. Um derrame derrubou Dona Gessy e Seu Mariano, expiou tranqüilo, no tempo que precisou expirar. Longe dos olhos paternos, Antão foi acumulando seus anos, envolto em um silêncio crescente. Perdera seus únicos pares, cúmplices dos mesmos objetos. Mas, também, perdera os únicos pares de olhos que podiam vigiá-lo.

José não era o filho mais velho. Mas era o varão. Tornou-se o arrimo, o herdeiro da lei paterna, e fez-se juiz de direito. E sob sua tutela os irmãos Belarmino seguiram distintos destinos. O ingresso de Antão na escola de medicina deu-se antes do previsto: aos dezesseis anos. Lá, dedicou-se à neurofisiologia. Seu talento logo o levou à Inglaterra, para uma pós-graduação precoce.

Suas pesquisas sobre um acometimento neurológico batizado com seu nome, a famosa “síndrome de Antão”, havia lhe dado um lugar confortável entre os maiores pesquisadores da área⁶⁹.

⁶⁸ Maria Belarmino refere-se ao Instituto Adalgisa Cunha, em João Pessoa, capital paraibana. Trata-se de um dos melhores semi-internatos de cegos do Nordeste brasileiro, e é para lá que continuam migrando inúmeras pessoas, de diversas origens sociais, em busca da alfabetização Braille e dos processos re-adaptativos como uso de informática especializada, métodos de locomoção através de bengalas, práticas esportivas, etc.

⁶⁹ “Anton Syndrome”, é o acometimento neuronal ímpar descrito por Antão Belarmino, em sua tese de doutoramento, orientada por Edward Seligman, e publicada parcialmente em um importante periódico da área médica. (**Visual Disorder and Blind Thinking: A Study About V4 and V5 Area**. Journal of Neurology and Developmental Disorder. n. 45. Londres: 1986). Oliver Sacks nos oferece uma boa descrição da síndrome que tornou célebre Antão Belarmino, comparando-a ao caso de um de seus pacientes, acometido de daltonismo súbito. Este paciente perdera, junto com a

Foi neste momento de sua carreira que, junto com outros pesquisadores, transferiu-se para a cidade de Vila Nova de Gaia, em Portugal. Lá, eles encontraram fartos financiamentos da recém montada comunidade européia. Com apenas vinte e três anos, suas pesquisas com substâncias neurotransmissoras já lhe renderiam novamente manchetes em importantes revistas especializadas. Antão havia se notabilizado por descobrir a anocitacina, substância capaz de retirar pessoas de estados agnósicos⁷⁰.

Manteve-se em Portugal por anos, longe da “casa dos cegos” e de seus irmãos, envolvido com seu novo laboratório⁷¹. Durante mais de cinco anos, telefonara apenas quando o ano findava e surgia o natal. Parecia crescentemente adaptado às terras de Portugal, tanto que se imprimira em sua voz um certo sotaque lusitano, disse Joana.

experiência da cor, o próprio conceito e a memória, de amarelo, azul ou vermelho. Mas mesmo assim, mantinha a capacidade de comparar a atual situação com a anterior. Sentia uma nostalgia qualquer, de uma experiência a qual não era capaz mais de recordar, mas sabia ter perdido. Sacks nos diz: “Esta comparação não é possível se houver uma completa destruição do córtex visual primário dos dois lados, no caso de um derrame, por exemplo, como na síndrome de Anton. Pacientes com esta síndrome tornam-se totalmente cegos, mas não se queixam ou fazem relatos de suas cegueiras. Não sabem que estão cegos; toda a estrutura da consciência é reorganizada por completo – instantaneamente – no momento em que é atingida.” (SACKS, Oliver. **Um Antropólogo em Marte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 30)

⁷⁰ “Agnose” é o termo usado pela neurofisiologia para definir o curioso estado de alguns pacientes cujo sistema visual está intacto, porém não são capazes de ver o que se passa diante de seus olhos. Oliver Sacks, descreve bem o fenômeno através de um paciente que, num caso já célebre, confundira sua mulher com um chapéu: “Era, antes, o comportamento de alguém *mentalmente cego*, ou agnósico – capaz de ver, mas não de decifrar o que estava vendo [grifo do autor].” E mais adiante: “(...) ao me receber, em vez de olhar para mim de uma maneira normal, tinha de repente estranhas fixações – pelo meu nariz, minha orelha direita, descendo até meu queixo, e de volta ao meu olho direito – sem conseguir ‘apreender’ meu rosto como um todo.” (Idem. p. 131)

⁷¹ Em nossa visita à cidade do Porto, em Portugal, na qual procuramos os exemplares de “Antão, o Insone”, estivemos em Vila Nova de Gaia. O laboratório ao qual se refere Tomé é o IIPFPM (Instituto Internacional Psico-farmacológico de Pesquisas da Mente) que reúne em seu corpo de pesquisadores nomes ilustres de diversos países, como é o caso dos neurofisiologistas E. T. Amadeus Hoffmann, da Alemanha, e Flann O’Brien, da Irlanda. É financiado por verbas de vários laboratórios farmacêuticos europeus como o LHOOQ Ltda da Suíça, o BRETONPharm, da França, e o Winnie-Willie Corp. da Irlanda. Foi criado como uma das iniciativas da Comunidade Comum Européia de reintegrar economicamente Portugal aos demais países do bloco.

Os contatos com a família tornavam-se cada vez mais escassos. Até que um dia cessaram completamente. Lembro-me de Maria dizendo, sem esconder o cenho franzido de sua mágoa:

- Antão devia ter vinte oito anos, quando soubemos que havia voltado ao Brasil. Soubemos que ele tinha aparecido, perambulando sujo e barbado como um mendigo, pelo “Ponto Cem Réis”, no centro de João Pessoa. Tentamos achá-lo. José, que é juiz, acessou a polícia. Nunca o achamos. E ele nunca mais fez qualquer contato.

Nos mantivemos em silêncio, de frente para o vazio formado pelas cadeiras. Eu pensava em Antão percorrendo as estreitas ruas de Vila Nova, no auge de sua carreira. Pensei em seu sotaque nordestino, se contaminando e ganhando a melodia doce, típica do português falado “trás dos montes”. Depois, perambulando em trapos, qual um mendigo, sujo e barbado. A imagem deste homem repetiu-se em minha cabeça, como as batidas de um martelo. “Eu já conheço esta imagem”, pensava silencioso.

E este silêncio teria perdurado se da mesma porta, de onde saíra Maria, não houvesse aparecido uma outra mulher:

- Por que vocês não convidam a visita para entrar, tomar um café, comer alguma coisa?

Era Luzia quem nos chamava. A outra filha cega da família Belarmino. Seus cabelos eram muito pretos e curtos, salpicados pelo branco de seus mais de cinquenta anos. Vestia as roupas do conforto caseiro, com seus amarrotados e furos. A todo tempo desculpou-se dos trajes que, ao seu ver, eram impróprios para visitas⁷². Tentei tranquilizá-la dizendo que os trajes não eram inadequados, mas sim o inesperado da visita.

⁷² Parece óbvio que Tomé, nesta frase e em várias outras anteriores e subseqüentes, usa uma construção absolutamente corriqueira: Luzia via seus próprios trajes como impróprios para visitas. Porém, no contexto da cegueira uma frase simples como esta vêm acompanhada de um inevitável contra-senso. Ela nos faz pensar que mesmo sem vista, os cegos possuiriam um padrão de beleza e gosto. Segundo me disse o autor, os cegos detectam a partir do tato as roupas que lhes parecem preferíveis vestir. Eles costumam colar no verso de suas roupas etiquetas em Braille, nas quais estão escritas características como cor e padronagens dos tecidos. (A este respeito, Cravan disse-me que não privilegiou estes temas na escritura de “Antão, o Insonne”, preferindo concentrar-se em questões de espaço, como veremos mais adiante) Tomé parece querer indicar, através da forma corriqueira da frase, como as estruturas de

Logo atrás dela, ainda na soleira da porta, surgiu um outro vulto que saía de dentro da sala escurecida. Era uma senhora pequena, de cabelos inteiramente brancos com um sorriso sempre montado na face. Seus olhos eram também negros e pequenos, brilhando em suas órbitas. Apenas seu movimento errante, destituído de um ponto fixo, denunciava que algo neles não enxergava. Tratava-se de Lourdes, a irmã mais velha.

Cumprimentou-me alegremente mantendo-se em silêncio, ao lado da irmã Luzia. Levantamos das cadeiras e atendendo ao chamado, ultrapassamos o degrau, entreposto de calçada e porta, e entramos na casa.

As paredes eram pintadas com um branco já sem a alvura original. O tempo o havia tornado levemente acinzentado. Lisas, elas mostravam aqui e acolá, em meio ao cinzento, uma mancha clara sobre os móveis: sinal de alguma moldura, quem sabe de algum quadro, que repousara ali por muito tempo, marcando a geometria de sua falta.

Na sala, os sofás eram postos um frente ao outro, prometendo conversas face-a-face, sem qualquer anteparo, como mesas de centro, entre os interlocutores que por ventura ali sentassem. Pensei em Antão, naquela casa, cercado por seus irmãos cegos. Eu me encontrava em uma situação semelhante. Olhei atentamente para detalhes que antes eram insignificantes para mim. O tecido dos sofás era quadriculado em cor de vinho e amarelo, e o piso ladrilhado, possuía desenhos em forma de arabescos e folhas de parreira. O móvel, encostado na parede frontal, tinha linhas art déco e sua madeira, escura, fazia com que os puxadores, dourados, se salientassem. No encontro entre o chão ladrilhado e a parede de branco encardido, havia um rodapé de madeira escura como o móvel, o que dotava de certa unidade cromática o conjunto da sala. Olhei para Joana e por um segundo me veio a idéia de que tudo aquilo simplesmente não existia.

Certamente, todos aqueles detalhes, envolvidos pela luz que entrava pela janela não possuíam nenhuma concretude para os Belarmino. Estes dados, que meus sentidos extraíam

narração são montadas a partir do ponto de vista do vidente e nunca do cego. Quando introduzidas em um outro contexto estas formas de referir-se ao mundo perdem seu sentido. No contexto da cegueira percebemos que uma frase simples como “não vejo propriedade em sua argumentação” na verdade quer dizer “não encontro, não sou capaz de perceber ou extrair propriedade em sua argumentação”.

do ambiente, simplesmente não existiam para eles. O que existiria então naquele espaço? Tendo em vista o exemplo de Antão, solitário em suas percepções, minoritário dentro de um contexto aonde a cegueira era predominante, havia outras configurações do real, perceptíveis apenas por aqueles que não vêem. Quais seriam os objetos aos quais os irmãos Belarmino se refeririam? Naquela sala, nós estávamos dentro de um mesmo espaço e, paradoxalmente, em dois ambientes distintos.

Estava fascinado, passeando meus olhos sobre os detalhes da sala de estar, supondo quantas salas distintas se acomodavam entre aquelas mesmas quatro paredes. Eu precisava ter alguma informação sobre aquelas outras salas possíveis e assim, procurei retomar o tema de Antão:

- Viver entre deficientes visuais...

Joana cortou-me, mesmo antes de qualquer conclusão:

- A propósito, Tomé, não tenha receio de usar a palavra “cego” ou “cegueira”. Nós nos referimos a nós mesmos como cegos.

A palavra “cegueira”, pensei, era um substantivo, era algo pleno de identidade. Já a palavra “deficiência” indicava um adjetivo. Um adjetivo capaz de romper, quebrar a carga identitária do fenômeno ao qual se refere. O adjetivo tenderia a desapropriar, desautorizar outras conformações perceptivas. A cegueira, em uma sociedade de videntes, possui o lugar incômodo do engano. Quando o senso comum se refere a qualidades como “ignorância”, “visão estreita de mundo”, usa como metáfora a cegueira. Mesmo o discurso científico possui este estranho vício. Costumeiramente usa-se a cegueira como analogia para o limite, o obstáculo e a debilidade. Fala-se por exemplo do obscurantismo da Idade Média, período de trevas e cegueiras da fé. E o mesmo princípio metafórico é usado para referir-se às Luzes, quando se fala de uma “cegueira da razão”.

Mas Joana era senhora de sua cegueira e dali, falava tranqüila:

- Talvez para vocês videntes seja difícil imaginar. A cegueira não é escura.

E continuou:

- Posso supor o que vocês chamam de escuro. Temos descrições da escuridão, assim como relatos sobre o mundo visual. Nós temos inúmeras definições fornecidas pela literatura. Do mundo infantil de Monteiro Lobato às mazelas sociais de Balzac, do mundo subjetivo de Proust, aos mundos espaciais de Isaac Asimov.

Os cegos estão mais a par do mundo em que vivemos do que nós acerca do mundo em que vivem. Porém, pensei, por mais que eles tivessem acesso aos relatos literários e familiares do mundo visual, nunca teriam os objetos aos quais estes relatos se referem. E foi o que lhe falei. Ela parou um pouco e me respondeu, batendo uma das mãos na coxa direita, sinalizando empolgação:

- Temos uma idéia do lugar onde vocês vivem. É uma idéia. Talvez uma vaga idéia. Podemos formar nossas imagens acerca do que vocês vêem e assim, podemos nos referir a alguma coisa que existe em comum entre eu e você. Mas, quanto a vocês? Que notícias vocês têm do mundo em que vivemos?

Resolvi manter-me ouvindo. Definitivamente, eu tinha muito mais a escutar do que a falar. Em minha memória, proliferavam as imagens de mundos impossíveis aos olhos. Górgonas, centauros e faunos da mitologia grega; querubins de seis asas e olhos inumeráveis da mitologia cristã; atmosferas de longínquos planetas criados pela ficção científica, povoados de desmesuráveis criaturas; espaços curvos, berços de estrelas recém-nascidas, densidades capazes de furar o espaço. Mesmo que não pudesse ver tais fenômenos e criaturas, elas participavam do mundo como objetos possíveis de serem mencionados. Era possível referir-se a estes objetos e estabelecer, assim, algum platô no qual podíamos nos comunicar.

Mesmo que, para Joana e Maria, não existissem alguns dos objetos ou fatos que participam de meu ambiente, elas possuíam descrições e assim, podiam se referir a eles e estabelecer um diálogo. Quanto a mim, chamado de “vidente”, era impossível se quer referir-me ao que era por elas experimentado. Pois não havia descrições. E ali, a linguagem, instrumento primeiro da comunicação, mostrava-se um canal obstruído. Antes de ser uma *high-way*, por

onde fluía a informação, possuía a fisionomia de uma ponte capenga, uma pinguela, prestes a desmanchar-se⁷³.

Chegou por fim o café, trazido da cozinha pelas mãos de Luzia, que era seguida logo de perto pelos passos curtos e arrastados de Lourdes. Ali sentado, eu as escutava, animando memórias e opiniões. Das três, Luzia era quem demonstrava mais intimidade com o assento do sofá. Maria e Joana repousavam seus corpos em um sentar tenso, como se estivessem à espera de algo. Placidamente, Luzia cruzava as pernas e falava, encarando-me com seus olhos muito negros. Se avistada à distância, pouco denunciaria sua cegueira.

Também fui adquirindo alguma intimidade com os usos de meu corpo em meio aos irmãos Belarmino. Aos poucos, sentia-me crescentemente confortável na “casa dos cegos” .

Nós, chamados por eles de “videntes”, costumamos deter ou calar, muitos outros meios expressivos, nos concentrando apenas na leitura e na voz dos olhos que se cruzam. Para demonstrarmos interesse pelo que dizem nossos interlocutores costumamos desviar minimamente nossos olhos. Nos fixamos, frente àquele que nos fala para que fique nítido nosso total envolvimento. Aos poucos, me dei conta que entre meus anfitriões, meu olhar poderia escapar sem culpa, e pousar sobre a janela que emoldurava a paisagem, ou passear pelas reentrâncias da pele enrugada dos cotovelos de Luzia. Podia deixar-me levar pela pele clara de seu rosto, já marcada pelo tempo e perceber como os mesmos traços de família que haviam sido impressos de formas tão diversas em cada um dos irmãos. Nenhuma dessas derivas me comprometeria frente a elas. Minha atenção no que era dito se deixava entrever

⁷³ Nesta passagem podemos vislumbrar um tema que provocará o nascimento de uma Teoria da Informação e da Comunicação. Trata-se do modelo comunicacional clássico, o “canal comunicativo”, erigido por Claude Shannon nos anos 40 do século que passou. Foi a necessidade de decodificar criptografias inimigas, e de montar códigos traduzíveis apenas para soldados aliados, que moveu Shannon a pensar nos meios de comunicação como um “canal”, ou um “tubo”, por onde escoaria a informação. Este canal deveria estar “blindado” contra qualquer desvio e perda da informação a ser transmitida. Neste modelo bipolar, a mensagem deveria sair do emissor e chegar ao receptor de forma íntegra, livre de qualquer “ruído comunicativo”. Inúmeros livros de história da teoria da comunicação fornecem maiores detalhes sobre o modelo do “canal shannoniano”. Indicamos de nossa parte um escrito nos anos 60 pelo poeta Décio Pignatari. (PIGNATARI, Décio. **Informação. Linguagem. Comunicação.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 1968) Sobre as implicações transdisciplinares do modelo, e mesmo sobre sua atual obsolescência, torna-se imprescindível a leitura de Edgar Morin. (MORIN, Edgar. **O Método I- A Natureza da Natureza.** Porto Alegre: Ed. Sulina, 2002)

pelo ritmo impresso em nossa conversa e pelos tons de nossas vozes. Ao mesmo tempo, eu me certificava do interesse de minhas parceiras naquilo que eu dizia através das circunvoluções de nossas vozes.

O amplo gesticular de mãos, o cruzar e descruzar de pernas, o balançar pendular de pescoços que costumamos encenar para melhor explicitar uma idéia, não existia naquela sala. Era por entre as sonoridades, em seus silêncios, compassos e ênfases, que se vislumbravam entusiasmo, incredulidade, veemência, desprezo. O som, e sua capacidade de inferir dramaticidade ao que é narrado, era o suporte primeiro e parecia substituir a mise-en-scène própria ao corpo. E ali, entre Maria, Luzia, Lourdes e Joana, a comunicação entre nossos corpos parecia fluir e escorrer por outros precipícios, para mim, até então, bem desconhecidos e ainda selvagens.

Passamos, os cinco, a trocar as referências e os pontos cardeais referentes a quem éramos. Cidades, bairros onde morávamos, profissões, sobrenomes, possíveis conhecidos em comum. Estas informações também faziam parte do processo de modelagem de nossas imagens.

Lourdes, filha mais velha de Dona Gessy e Seu Mariano, crescera na fazenda da família. Só saiu de lá já moça, quando os pais resolveram educar os mais jovens na escola especial, em João Pessoa. Não se alfabetizara no Braille. Grande parte de sua vida e a maior parte de suas referências pareciam ligar-se ao sertão. Sempre morara com a família, desempenhando tarefas domésticas. Depois que seus pais se foram, permaneceu com os irmãos. Depois que cada um construiu em suas próprias casas as suas vidas, Lourdes passou a morar com a irmã Luzia, na cidade de Bayeux.

Joana entrara para a academia, e era doutora na área de comunicação. Seguiu o fluxo de uma vida corriqueira. Casou-se com um “vidente”, com quem gerou duas lindas meninas de olhos perfeitos. Depois, separou-se com todas as dores próprias das separações. Maria também possuía gosto pela ciência. Era mestre em educação especial e lecionava para cegos no mesmo instituto em que havia estudado. Casara-se com um cego. Com ele, deu a luz a uma menina e um menino, ambos dotados de visão. Hoje, estava separada e além da educação, dedicava-se paralelamente à música.

Já Luzia manteve-se namorando. Sua preferência era por homens altos. Mesmo que não fossem bonitos, a altura para ela, era sinal suficiente de beleza. Olhos e cabelos negros, ou castanhos escuros, lhe fascinavam. Estes traços se formavam em sua imaginação, disse-me. Mas era comum descrever com estas características alguém por quem tinha se interessado e acertar. Quem sabe a voz indicasse algo? Não era certo para Luzia. Porém, falou-me que, de alguma forma, a voz possuía cor e raça. Um negro e um branco possuíam vozes muito distintas.

Deixei-me ficar ali, largado, esquecido de mim sob o teto da “casa dos cegos” . Ouvia com interesse a história de Antão e de sua família. Havia conseguido sair inteiramente de mim e do relicário onde costumava pendurar minha coleção de agruras. Não me via polindo com a mesma obstinação minhas percepções tão raras e os desgostos que insistiam em sair delas. Podia deixar chegar até à soleira de meus ouvidos e deixar entrar a vida de Luzia, Joana e Maria.

III. As Bordas da Casa

No meu pulso, o ponteiro menor do relógio escondeu-se sob o maior. As horas quando bem vividas correm despercebidas como a brisa. Do interior da cozinha, apontou a empregada, uma senhora muito branca de seios fartos e avental florido. Com ela chegou o cheiro de feijão e carne grelhada. O almoço estava posto e eu era convidado.

Estávamos bem instalados em nossas cadeiras postas à mesa quando Maria alertou: “Manuel chegou”. Para mim, nada indicava qualquer sinal da chegada de alguém. Da calçada, entrava apenas um zunido indefinido do qual eu era incapaz de retirar qualquer traço específico. Poucos instantes depois, pude ouvir alguns murmúrios, mesclados a passos arrastados que invadiam em crescente o ambiente da casa. De fato, alguém havia chegado. E era óbvio: comparados aos ouvidos de Maria, Joana, Luzia e Lourdes, os meus eram praticamente surdos.

Foi a primeira vez que me dei conta de algo aparentemente banal, mas que ali aonde me encontrava, ganhava um ar renovado e um peso desmedido. Dei-me conta que, sob a primazia da audição, as pessoas chegam aos lugares antes que seus corpos lá estejam.

Manuel entrou na cozinha, em meio à sua voz forte e cheia de ânimo. Foi logo avisado de que existia uma visita. Lavou as mãos na pia da cozinha, sentou-se à cabeceira da mesa e ouviu um breve retrospecto sobre os propósitos de minha presença ali. Silenciou e pegou a jarra de suco de laranja. Introduziu o dedo indicador dentro do copo e encheu-o até que a ponta do dedo lhe indicasse um limite adequado de líquido.

Seus cabelos e barba eram grisalhos e indicavam que a barra dos quarenta já havia sido rompida. Era moreno como Joana. Pequeno em estatura, possuía uma voz forte, capaz de suplantar qualquer outra na disputa por espaço. Ao contrário das irmãs, sempre tinha próximo de si a bengala branca desdobrável sobre a qual tamborilava com a ponta dos dedos enquanto falava. Era o filho do meio. Descrevia-se como o “miolo” dos filhos cegos de seu Belarmino. Era também o irmão mais próximo de Antão e referiu-se à sua ausência com um saudoso pesar.

- Comigo ele se mostrava próximo. Ficou indignado quando soube das peças que meu pai me pregava quando eu era menino.

Contou que seu pai era um colecionador de canivetes. Um dia, seu Mariano amarrou vários deles em um arbusto através de barbantes. Inúmeros canivetes passaram a balançar ao vento, pendendo dos galhos do pé de muçambê. Disse Manuel:

- Ele me pegou pela mão, me levou para junto do arbusto e disse: “Olha aí, tá vendo? Nasceu um pé de canivete”.

Manuel apalpou os galhos do arbusto e ficou encantado com o fato de possuir um pé de canivete em seu quintal. E continuou, soltando uma sonora gargalhada:

- Eu quis puxar do galho um dos canivetes. Mas meu pai disse: “Não meu filho. Ainda estão verdes. Quando existir um maduro eu colho para você”.

Era um menino imaginativo e, portanto, especialmente sensível para cair nas “peças” pregadas por seus familiares. Um dia, um dos irmãos mais velhos quis dar prosseguimento à estranha plantação, variando o tipo de fruto. Pendurou em outro pé de muçambê vários montículos de esterco de vaca. Manuel, entre risos fartos, contou a história desta outra estranha plantação.

- Meu irmão chegou para mim e disse: “Manuel ainda não visse? Nasceu no quintal um pé de bosta de vaca”. Quando meu pai chegou, falei da nova plantação. Ele ficou furioso e castigou meu irmão. Falou que não existiam pés de bosta, tampouco pés de canivete. Eram brincadeiras carinhosas de pai para filho. Fiquei decepcionado com os limites da botânica.

Antão não entendia que outros humores e outras intimidades, nascidas destes humores, eram possíveis de se estabelecer naquele ambiente. Não conseguia aceitar, por exemplo, que Luzia tenha pego nos braços um de seus irmãos mais novos e o largado sozinho em um dos aposentos da casa. José ficara perdido por horas dentro da própria casa.

Lourdes que até então permanecera em silêncio, apenas se divertindo com a conversa, resolveu intervir. Não seria a última vez nesta tarde que ela sairia de dentro do seu silêncio intervindo na conversa com um pedaço de suas lembranças. Recordou também algo de sua infância na fazenda, narrando esta recordação de forma rápida e seca, própria a aridez do sertão:

- Eu passei os primeiros 4 anos sem andar. Minha mãe dizia que eu só vivia sentada no chão. Ai ela me pegava lá do canto e botava na rede. Comecei a andar pegando nessa mesa aqui. Meu pai disse que eu comecei a andar com as pernas tortas.

A partir daí, descreveu como o problema de suas pernas tortas foi solucionado, ao menos parcialmente. Tratava-se de um método um tanto incomum:

- Aí minha mãe disse que fizeram a fogueira de São João e o povo disse: “Dá uma pisa de fogueira no joelho de Maria que ela anda”. Ela passou cinza em mim, e disse: “anda Maria até a porta”. Eu saí com as pernas tortas e cheguei na porta. Ainda hoje eu ando com as pernas pra dentro.

Ela retornou ao seu silêncio mantendo o sorriso que nunca lhe abandonava. Luzia procurou retomar a trilha da conversa e não tardou em falar sobre o irmão mais novo, dirigindo-se à Manuel:

- Antão está vivo, Manuel. Deve estar escondido em algum buraco. Ele adorava buracos. Um dia, no terreiro de casa, atrás do galinheiro, ele encontrou um buraco de tatu. Pois não é que o menino aumentou o buraco para que pudesse entrar? Escondeu-se lá durante um dia inteiro. Ninguém achava o moleque.

Ao contrário das outras irmãs, Luzia não se curvava aos enlevos próprios às questões abstratas, das letras e das ciências. Maria e Joana eram professoras. Havia se envolvido em carreiras acadêmicas. Joana, inclusive, havia publicado vários artigos e mesmo um livro, nos quais abordava o tema da cegueira⁷⁴. Enquanto que Manuel formara-se fisioterapeuta, profissão que exercia já havia muitos anos. Já Luzia se dedicara aos serviços de organização interna do mesmo instituto em que estudara, em João Pessoa. Era, assim, ligada ao que a vida possuía de mais corpóreo:

- Era uma família numerosa. Para nós, crianças, esta casa era muito grande. A cozinha bem comprida, semelhante a um corredor, com a diferença de ser muito larga. E ainda existia o sótão, com uma janelinha lá em cima. Hoje está vazio. Já não existe mais quase nada nele. Era muita correria nestas salas amplas. A gente entrava no corredor e dentro dele, estavam os quartos.

Num ambiente estranho, onde não dominava todos os códigos, eu tendia a dispensar uma grande atenção aos mais ínfimos detalhes. Era como se ali, cada gesto, cada palavra, fosse

⁷⁴ Não sem dificuldade, encontrei o livro citado por Tomé, escrito por Joana Belarmino na biblioteca da Universidade Federal da Paraíba. Trata-se de sua tese de mestrado, publicada por uma editora da capital paraibana. Nele, Joana faz uma análise sociológica do estigma da cegueira, do tratamento cultural dado ao fenômeno, e dos espaços sociais destinados aos cegos ao longo da história. Logo depois, analisa o que seriam estes espaços em contexto contemporâneo. Interessante reparar que durante quase toda a análise feita por Joana é difícil reparar que se trata de uma escritora cega. (BELARMINO, Joana. **Associativismo e Política: A Luta dos Grupos Estigmatizados pela Cidadania Plena**. João Pessoa: Idéia, 1997)

repleto de mensagens a serem decifradas⁷⁵. Tudo era virginal e poderia revelar outras formas de percepção. Enquanto Luzia descrevia a casa, eu pensava: se eu descrevesse uma casa, com seus cômodos, trataria o corredor como um lugar de passagem. Sua função era dar acesso aos quartos, às salas, aos banheiros. Para mim, o corredor era algo externo aos ambientes. Porém, Luzia invertia o sentido. Dizia que os quartos estavam “dentro dos corredores”.

Seria possível pensar que eu, vidente, tratava os trajetos como intervalos brancos. Digamos que eu estivesse em uma sala e quisesse ir ao quarto. Ao partir da sala, eu precisava entrar em um corredor, em direção ao ponto de chegada, o quarto. O corredor, portanto, parecia perder sua dimensão espacial. Ele passava a ser apenas uma dimensão temporal. Uma

⁷⁵ O próprio Claude Shannon transfere para o campo da comunicação e informação o conceito de entropia, vindo da física termodinâmica. Aplicada aos fenômenos calóricos, entropia significa a medida estatística da perda de energia nos processos físicos. Ela indica que todo esforço (trabalho, movimento), para que ocorra, demanda um desgaste e uma perda de energia. Este processo de degradação e perda no esforço original é irreversível. Shannon chama de “entropia de informação” o processo de degradação e perda que ocorre em uma informação quando é submetida a um processo de comunicação, transmitida de um emissor a um receptor, através de um “meio” ou “canal” comunicativo. Chega a montar uma fórmula matemática análoga àquela criada pelo físico Ludwig Boltzmann, com a qual procura medir os níveis de perda e desgaste da informação. Nesta transferência, diz que os códigos e linguagens, para que comuniquem, montam-se sobre redundâncias, ou seja, a uma baixa temperatura informacional. As mensagens a serem transmitidas, movem-se dentro de regras e *patterns* que impõem sobre elas periódicas repetições de uma mesma informação. Comunicamos a mesma informação mais do que uma única vez sem nos darmos conta, para salvaguardá-la ao máximo de “erros” e “desvios”. Um destes níveis de redundância da comunicação se mostra claro no caso do plural na língua portuguesa. Ao contrário do inglês, em nosso *pattern* gramatical, inferimos “s” no sujeito, no verbo e no predicado. Mesmo que eliminemos um dos plurais a informação se manterá íntegra. A informação, portanto, precisa resguardar-se do elemento novo, da originalidade, do inesperado. Elemento este que tenderia a escapar da redundância e incluir um ruído, um desvio, uma alta temperatura informacional, desestabilizando assim o sistema. (MORIN, Edgar. *Op. Cit.* 2002: 364-383) Porém, caso se possa prever tudo o que alguém irá nos dizer, caso a redundância seja máxima, mantendo-se em uma baixa temperatura informacional, a comunicação seria impossível: não haveria nada a ser comunicado. Paradoxalmente, só o elemento que escapa da redundância, a informação nova, é capaz de informar. Seguindo a trilha da entropia aplicada à informação e à comunicação, dirá Norbert Wiener, pai da cibernética: “(...) quanto mais provável é a mensagem, menor é a informação fornecida. Lugares-comuns, por exemplo, são menos esclarecedores do que grandes poemas”. (WIENER, Norbert. *apud* PIGNATARI, Décio. PIGNATARI, Décio. **Informação. Linguagem. Comunicação.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 1968. p. 54-60)

seqüência de passos, uma suspensão espacial, que se impunha entre o lugar de partida e o lugar de chegada.

Entretanto para Luzia, o trajeto se impunha como um espaço em si mesmo. O tempo e o espaço possuíam um entrelaçamento impossível de ser rompido. Sem os olhos, os espaços brotam de dentro de outros espaços. Cada passo dado, parecia instaurar um outro lugar, que por sua vez, quando percorrido, descortinaria um outro.

Olhando para o corredor, que continha dentro si inúmeros quartos, falei sobre monge João, cego de nascença, que possuía uma diferente forma de localizar-se. Para ir de sua cela até à capela do mosteiro, no mesmo prédio do claustro, ele visualizava o movimento do trajeto de forma invertida. Ao invés de ser ele a mover-se, concebia que era o edifício que possuía movimento, dando voltas e fazendo curvas em torno de seu corpo que permanecia parado, até que surgia à sua frente a porta da capela⁷⁶. E Joana retrucou:

⁷⁶ Tomé refere-se a João, o Desterrado, monge e teólogo do mosteiro de Ligugé, primeiro claustro cristão construído na região da Gália, no século IV. João, cego de nascença, desenvolveu sua teologia em forma de centúria espiritual, do qual é um dos fundadores estilísticos, ao lado de Evágrio, o Pôntico e Gregório, o Sinaíta. João, envolvido pela ética de exaustão física própria à prática estilista, não costumava parar de andar. Os escritos cristãos tradicionais dizem que ele andou sem cessar por 45 anos. Foi durante o percurso que fez a pé, entre Tour, na Gália, e Damasco, no Oriente Médio, que escreveu seus principais poemas extáticos. João descreve o estranho sentimento de estar sempre parado, conduzindo as movências do mundo ao seu redor: “sou como lápide sobre minhas solas” enquanto montanhas, pradarias e florestas “voam qual albatrozes, batendo suas asas, se despedindo a todo instante”. João descreve o demônio e suas tentações de forma incomum. Para ele, satã se manifestava como algo que procurava “paralisar os nômades e andarilhos”, impedindo assim “o movimento do mundo”. Era freqüente que em momentos de cansaço, satã aparecesse para João, bocejando e solfejando uma doce canção de ninar. (Jean, L'Exilé. **Le Saint Esprit Habite Chez Mon Pieds**. In. **Ouvres Completes de Jean, L'Exilé**. Paris: Éditions du Résistance, 1964. p. 135) A vida de João, o Desterrado, não encantou apenas Tomé. O filósofo e cineasta Guy Debord, com seu grupo de artistas e arquitetos, os “situacionistas”, eram especialmente atentos à poesia contida nas práticas nômades, em suas andanças sem destino, e consideravam João uma espécie de padroeiro. Diz Debord, acerca de João: “O verdadeiro nômade é como o cego João: sua peregrinação se inicia dentro de si, desgarrando-se de si”. (DEBORD, Guy. *Restes de Marche*. In. SELAVY, R. [org]. **Allons Marcher un Peu**. Paris: tintamarre, 1986) O neurofisiologista Heinz von Foerster fala de uma percepção similar àquela de João, por parte de um aluno seu, Peter, matemático de grande talento, nascido cego. Quando ia de sua sala até a de von Foerster, no prédio da mesma universidade, Peter procedia mentalmente da seguinte forma: “Em vez de caminhar pelo corredor deste edifício, faço com que o edifício gire ao meu redor. Para vir a seu gabinete, faço-o dar uma volta completa, depois retrocedo uns passos, faço-o dar outra volta, e já estou aqui.” (FOERSTER, Heinz von. *Visão e*

- Nunca pensei sobre isso. Mas é curioso. Quando estou andando sozinha sinto que participo do ambiente. O ambiente, os eventos, os obstáculos, tudo é muito presente, tudo pode desviar. Eu e o espaço, estamos... como posso dizer... Digamos que eu e o espaço, somos profundamente dependentes um do outro.

Joana falava de uma sensação de extensão. Entre corpo e espaço não havia amplos vazios ou largas distâncias.

- Na fazenda, minha mãe às vezes saía com os filhos para um passeio. Ela me pegava no colo, e eu ouvia o som dos seus passos. Mas sentia como se estivesse parada em algum lugar. Eu estava parada e simultaneamente andava e isso me incomodava profundamente. Estava parada. Completamente parada, sabendo que estava me deslocando. Toda aquela longa caminhada sem sair do lugar.

Joana continuou falando sobre as sensações que brotavam quando seu corpo percorria um espaço. O ambiente passava a ser parte do corpo.

- Sinto, quando estou andando, que o espaço se abre e se fecha, a cada passo que dou. O espaço parece se encolher atrás de mim, e se desdobrar à minha frente. É como se eu vivesse numa posta de espaço. O meu caminhar cria o espaço percorrido⁷⁷.

Conhecimento: Disfunções de Segunda Ordem. In SCHNITMAN, Dora Fried [org]. **Novos Paradigmas em Cultura e Subjetividade**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1996. p. 68)

⁷⁷ É interessante, e diria mesmo **espantoso**, reparar que a frase dita por Joana Belarmino aponta na direção de uma idéia central para a chamada “nova biologia”. O biólogo Francisco Varela, aliás, possui um ensaio - preparado especialmente para os célebres encontros da Lindsfarne Fellows, organizados por W. Irwin Thompson - cujo título é justamente “O Caminhar Faz a Trilha”. (VARELA, Francisco. O Caminhar Faz a trilha. In THOMPSON, Irwin William [org]. **Gaia- Uma Teoria do Conhecimento**. São Paulo: Ed. Gaia, 1990) O que está em questão para esta nova abordagem dos fenômenos vivos, cujos arautos são Humberto Maturana e Francisco Varela, é a falência do modelo representacionista do mundo. Este modelo considera que os organismos recebem as informações vindas do meio em que vivem através de seus órgãos sensoriais, acoplados aos seus sistemas nervosos. Em “A Árvore do Conhecimento”, livro escrito à quatro mãos, os dois biólogos dizem: “Em geral, pensamos na percepção visual como uma determinada operação sobre a imagem retiniana, cuja representação será em seguida transformada no interior do sistema nervoso. Esta é a abordagem representacionista”. Mas, esta abordagem torna-se frágil e insustentável, quando o trânsito de neurônios, vindos de inúmeras outras partes do córtex passou a ser observado mais de perto. Não há, nos diz os

Interrompeu bruscamente o que falava e um silêncio profundo se instalou. Eu ouvia atentamente e pensava o que seria viver em uma “posta de espaço”. Uma fatia, um quinhão, uma porção, quem sabe uma bolha de ambiente cujos limites são dados pelo alcance dos sentidos. Ela retomou de onde havia parado, desconfiando de suas próprias palavras e percepções:

- Mas tudo isso eu posso ter construído a partir de minhas leituras.

Joana falava de seu gosto pelos universos paradoxais da física contemporânea. E titubeava, recuando nas descrições dos fenômenos que experimentava, pensando que antes de narrar a verdade do que sentia, narrava as narrações que já possuía. Por mais que eles se imprimissem na carne e nos nervos de seu próprio corpo. Mas, afinal, o que não era contaminado de leituras? Que descrição somos capazes de extrair do mundo que seja pura, limpa e desinfetada das imagens que já possuímos? Mesmos aqueles dotados de olhos agudos como os de um lince, não me pareciam capazes de separar o que viam daquilo já visto. Quando algo nos afeta, não seria por já fazer parte de nossos afetos?

Ao descrever o sabor da carne assada com a qual me deliciava, eu apreciava junto com seu sumo, inúmeras impurezas. Elas vinham de inúmeros outros lugares, além de sua gordura e de seu sal, que se concentravam no fundo de minha garganta. Eu punha em movimento todas as histórias de refeições vividas por mim. Todas as carnes comidas, solitariamente ou em família; todos os relatos de preparo e tempero; todos os modos de abate que conhecia. Trinchar e sorver um pedaço de carne assada era rememorar e atualizar todas as refeições já

biólogos, uma seqüência linear, um passo a passo, de entrada do que está fora, para um sistema que está dentro, como um suporte inerte onde o mundo se imprimiria. O sistema cortical lança-se adiante da imagem recebida, se “superpõem à ação retiniana”. Logo adiante dizem Maturana e Varela: “(...) o efeito de projetar uma imagem sobre a retina não é como ligar de uma linha telefônica para um receptor. É mais como uma voz (uma perturbação), que se soma às muitas vozes de uma agitada sessão de transações na bolsa de valores (relações de atividade interna entre todas as projeções convergentes), na qual cada participante ouve o que lhe interessa.”. Para a abordagem não representacionista dos autores, os organismos não estão **diante** do mundo porém, **dentro de seus mundos**. Por isso Varela diz que “o caminhar faz a trilha” e Joana Belarmino sente que seu “caminhar cria o espaço percorrido” [grifo dos autores]. (MATURANA, Humberto R. e Francisco J. Varela. **A Árvore do Conhecimento**. São Paulo: Ed. Palas Athena, 2001. p. 180 -181)

feitas. E além destas, todas aquelas outras, sem gordura ou sal, lidas nos livros ou relatadas por outrem. E foi o que segui falando para Joana:

- Penso que não há como referir-nos ao mundo sem que carreguemos em nossas descrições os mundos que já possuímos, Joana. Só somos capazes de ver o que já vimos⁷⁸.

Ouvi-los falar e descrever de forma tão incomum os mesmos espaços em que eu também estava imerso, obrigava-me a rever tudo. Tudo voltava a cintilar, recobrando algo de novidadeiro que pela força do hábito havia desbotado, tornando-se transparente, invisível, inexistente: o vidro dos copos que funcionava como lente e distorcendo a superfície dos líquidos que neles descansavam; os pequenos sulcos impressos no gume da faca e na ponta dos garfos que revelavam um uso contínuo; as manchas de sopa e molho de macarrão, de outras refeições, impregnados na toalha de mesa. Tudo parecia recobrir lentamente a sua presença e o seu acomodar-se.

Ao meu redor, estavam as paredes que, juntas, formavam nichos, contendo dentro si os móveis e seus volumes, marcando o espaço e oferecendo certos trajetos para meu olhar e para o meu possível deslocar. O teto sobre nossas cabeças era alto como é próprio das antigas residências e eu via, de onde estava sentado, a cumeeira, onde os telhados se encontravam. E isso causava ao meu corpo certas reações. Certamente eu teria outras, caso ao invés de um telhado, eu visse uma laje reta, como era aquela de meu apartamento. Não era necessário tocar com a ponta de meus dedos para certificar-me desta dimensão⁷⁹. Estes

⁷⁸ Na literatura, Marcel Proust fala sobre o sabor dos *madaleines*, e indica que algo mínimo como este biscoito era capaz de trazer ao presente um passado longínquo, refazendo cenários e ambiências perdidas, instalando-o em um lugar de suspensão entre o agora e ontem. (PROUST, Marcel. *Op. cit.*) O axioma dito por Tomé, encontra de fato grande eco em uma constatação surpreendente da neurobiologia. Francisco Varela, como vimos em nota anterior, estudou de perto o mecanismo de *in-put* e *out-put* informacional do cérebro. Descobriu que nossa fisiologia cortical só é capaz de receber menos de 20 % de informação nova. Toda a informação restante (mais de 80%) é produzida e recebida pelo próprio sistema interno, que reposiciona as informações já existentes. (VARELA, Francisco. *Op. cit.* p. 56)

⁷⁹ Seria pelo fato de certas alturas não se permitirem ser tocadas que o cego entrevistado por Diderot, em sua célebre Carta sobre os Cegos, ao ser perguntado se gostaria de ter olhos capazes de ver respondeu: “se a curiosidade não me dominasse eu preferiria muito mais ter longos braços.” (DIDEROT. Carta sobre os Cegos. *In - Obras I – Filosofia e Política*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2000. p. 101)

obstáculos apareceram para mim como sendo bordas com as quais eu, sem me dar conta, interagia.

Mas, as irmãs Belarmino não poderiam apalpar previamente todos os novos ambientes em que entravam. Como qualquer um, elas entravam em lugares novos a todo tempo, e seus mapas eram desconhecidos. “Sem o acesso à imagem destes obstáculos, como poderiam supor tais bordas?” perguntei a Joana.

- Se houver conversas dentro da sala, alguma coisa me informa sobre o seu tamanho, se está vazia, se há muitos objetos. Ou mesmo objetos específicos como muitos livros. O eco: isto modifica toda a imagem de uma sala.

- O som talvez seja uma borda...

- Sim. O som de um pássaro é um obstáculo. Ou, como você disse, uma “borda”.

Os sons deixavam de ser invisíveis. Demarcavam fronteiras e modelavam a forma de penetração dos sujeitos nos lugares e dos lugares nos sujeitos. Agora eles podiam ser agudos e de fato, cortar o vento, suspender os corpos, ferir o ar como uma faca sem cabo, apenas lâmina⁸⁰. Ou graves e afundar tudo sob a terra. Quando constantes, como um motor de geladeira, eles eram sólidos como um muro. Quando irregulares e desprovidos de ritmo, eram pesados e abriam clareiras no ar:

- Quando uma fruta cai, abre-se um buraco no espaço. É como se ela me dissesse: “estou aqui”. Este buraco é para mim uma presença.

⁸⁰ A frase “uma faca só lâmina” foi criada pelo poeta pernambucano João Cabral de Mello Neto. Cabral não aparece nas entrelinhas da prosa de Tomé Cravan por acaso. O poeta, inspirador do movimento da poesia concreta, era mestre na criação de imagens poéticas muito substantivas, distantes de qualquer lirismo. Construtivo por natureza, neste procedimento de economia e enxugamento, Cabral freqüentemente acaba por evocar imagens próprias ao tato. É o caso de versos como: “A cana cortada é uma foice / Cortada num ângulo muito agudo, / ganha o gume afiado da foice / que a corta em foice, um dar-se mútuo”. Referir-se ao sertão como “sertão-osso”, e à expansão das margens de um rio como algo que deixou de ser “fiapo” e passou a ser “quase barbante”, são freqüentes na obra do poeta. (NETO, João Cabral de Mello. Uma Faca só Lâmina ou Serventia das Idéias Fixas. In. **Serial e Antes**. Rio: Nova Fronteira, 1997. p. 181-195)

As vozes de seus interlocutores escavavam o ar como o cinzel de um escultor que fere o mármore, retirando de dentro da pedra uma forma. Elas modelavam o vazio, formavam espirais, qual fumaça de cigarro, modeladas pelo torno dos lábios que se abrem e se fecham em círculos.

- Sua voz cria um buraco, uma concha, um lugar de onde eu posso monitorá-lo.

Maria, do outro lado da mesa, tomou para si o rumo da conversa. Atrás dela, cerca de quatro passos, havia um abajur de pé. De costas para ele, disse:

- Este abajur, por exemplo. Ele me dá a idéia de um limite. Se eu entrasse neste ambiente e nele caminhasse calmamente, não me chocaria com o abajur. Mesmo que ele estivesse em um lugar não costumeiro. A sombra dele reverbera em meu corpo. Você, por exemplo, emana uma sombra aqui, bem na minha frente. Bom, eu sei que você está aqui, falando comigo. Mas se eu chegasse nessa sala, e você estivesse aqui sem que eu soubesse, iria sentir sua presença.

Joana entrevistou:

- Vocês videntes não se dão conta da sombra que certos objetos projetam, não é?

“Como assim?”, perguntei intrigado, procurando restabelecer algum conforto no assento duro da cadeira. Joana então se pôs a falar sobre um fenômeno muito próprio à cegueira. E, de alguma forma, o que ela descreveu naquele momento, desencadeou em mim uma sensação vizinha da vertigem.

- Quase todos os cegos são capazes de perceber certos objetos à distância, sem que precisemos tocá-los. Alguma coisa é irradiada do objeto e chega até nós. É como se uma sombra se anunciasse. Sempre pensei que isto mereceria algum estudo. Com alguns objetos isso não acontece. Já com outros é bastante nítido⁸¹.

⁸¹ Acerca deste tipo de percepção à distância, devo aqui lembrar do eminente matemático inglês, cego de nascença, Nicholas Saunderson, nascido em 1682. Saunderson, além de cego, não possuía os órgãos da visão. Mesmo assim, dizia perceber objetos à distância. O matemático costumava freqüentar sessões de observação astronômica, junto aos outros professores da universidade de Cambridge, na qual lecionava, e da Royal Society, da qual era membro. Conta-se que nestas sessões, Saunderson indicava os melhores momentos para a observação dos astros. De alguma forma, ele

Vasculhei no meio do emaranhado de meus argumentos, alguma versão plausível para tal percepção:

- Bem... as coisas exalam aromas e, além do mais, elas emanam temperaturas. Vocês podem supor a presença de algo que está à distância através do olfato ou do calor... Ou quem sabe o deslocamento de ar, provocado pelo movimento dos corpos?

- Uma escada ou um poste não podem se deslocar no espaço, não é?

- Mas as correntes de ar podem mudar de direção ao se depararem com um poste ou uma escada. Seu corpo pode perceber que o fluxo de ar mudou de direção...

- Não creio que haja muitas variações de correntes de ar dentro de um quarto fechado...

Não havia argumentos. Então Joana pôs as mãos pequenas na testa para depois deslizá-las lentamente até as fronteiras, e disse:

- Sinto os objetos nas laterais da cabeça. Nas têmporas. Outros cegos sentem isso em outras áreas do corpo.

Manuel reforçou a fala da irmã:

- É uma percepção corporal que nós temos, principalmente aqui na área facial. Em mim, a sombra se manifesta também no plexo solar, próximo ao estômago. É como um ímã me atraindo, me ligando àquela coisa.

Levantou-se de onde estava sentado, dirigiu-se à cadeira que descansava ao seu lado e apalpando uma área entre o peito e o estômago disse:

sabia quando as nuvens abriam-se, oferecendo aos telescópios uma melhor visão. Vale a pena assinalar que este matemático criou, no séc. XVII, a máquina de cálculos algébricos. Esta máquina incomum fornecia, simultaneamente aos cálculos, formas geométricas. Muito pouco foi escrito sobre Saunderson e sobre a própria máquina. Sabe-se, entretanto, que montava-se de forma semelhante às tramas dos teares das fábricas de tecidos. Funcionava em sistema binário de 0 e 1, seguindo portanto a história das máquinas de calcular e dos nossos atuais computadores. (DIDEROT. *Op. cit.* p. 109 -118)

- Por exemplo, um objeto baixo como essa cadeira eu não consigo sentir. Mas o balcão da cozinha, o abajur, o móvel de guardar pratos, ou um carro, que possuem uma altura maior, eu os sinto claramente. É como se fosse uma... Alguma coisa vibra aqui o plexo solar.

Eram percepções como estas com as quais Antão convivera durante toda sua infância e parte de sua juventude. E destas percepções, brotavam relatos obscuros, apenas acessíveis àqueles que de alguma forma já as experimentaram. Como compreender que um objeto projetaria um tipo outro de efeito, só detectável através das têmporas? As minhas têmporas apenas serviam para latejar, de tempos em tempos, como prenúncio de costumeiras enxaquecas.

Se estivessem caminhando em um lugar e se deparassem com uma escada, eles conseguiam senti-la, disseram. “Quando estou nos primeiros degraus, consigo pressentir o último”, disse Joana. De alguma forma, ela sabia qual era a altura de uma escada na qual subia.

Em um contato apressado, nas ruas de uma cidade, não era possível saber se a sombra indicava a presença de algo vivo ou inanimado. Mas ela, a sombra, indicava a existência de uma borda. Era, portanto, muito comum para um cego pedir informações para um poste, disse Maria, que girava apressada os anéis de prata de seus dedos, enquanto sua fala ganhava empolgação:

- Quem sabe seja o que chamam de sinergia⁸². Você, por exemplo, aqui na minha frente: existe o ritmo de sua respiração, o seu cheiro, o seu calor. Há muitas sutilezas que vocês videntes não precisam se dar conta.

E continuou:

- Porém, às vezes, estou em minha casa, sozinha durante a madrugada, e sinto uma sombra se projetar. Vez por outra, já saí correndo de meu quarto, estando calçada ou não, de roupa ou despida. Ninguém havia entrado, mas eu sentia uma presença. Me dava medo, e eu tinha que sair correndo.

⁸² A fisiologia define “sinergia” como um esforço coordenado de vários órgãos sensórios na realização de uma dada função. A palavra indica uma ação simultânea de várias competências perceptivas que procuram juntas fazer emergir um construto cognoscível.

Amparando-se em sua experiência como fisioterapeuta, Manuel continuou:

- Creio que a maioria das pessoas teria essa sensibilidade corporal. Mas, as pessoas que têm visão, acabam se tornando muito limitadas. Outros órgãos ficam muito diminuídos. O tato, a audição, o olfato e até a coordenação motora fica limitada. Vocês se adaptam aos seus campos de visão.

Havia na sala em que estávamos, pensei, muito mais do que meus olhos podiam capturar. Haveria inúmeros outros rastros, outros sinais emitidos pelo mundo. E uma boa porção dele não podia chegar até mim. Peneira cuja trama era grossa demais para deter certas farinhas muito finas.

Eu nunca seria capaz de perceber aquela sombra a qual eles se referiam. Se alguém me perguntasse o que era uma sombra me viria à mente o fenômeno captado pelos limites de meus sentidos. A partir desta experiência prévia, eu era capaz de evocar um conceito. Diria que sombra é uma área escura, sem luz, que surge quando um corpo se coloca como obstáculo para uma fonte de luz. Este seria um conceito. Um conceito de sombra. Podia me referir a ele e descrever para alguém que também a visse como eu a via: era esguia e parecia acariciar a pele das coisas aonde se projetava. O conceito era algo absolutamente dependente daquilo para o que apontava. Ele só se completava quando se ligava ao fato que o originou.

Eu poderia conceituar algo que não existia em meu repertório sensorial? Nem eles próprios haviam dotado tal experiência de uma conceituação. Referiam-se a tais acometimentos com dificuldade. Até mesmo o ponto aonde as tais sombras se projetavam em seus corpos, variava de lugar para lugar. E de indivíduo para indivíduo. Em alguns, nas têmporas, em outros, no plexo solar.

Olhei para o abajur ao nosso lado. Entre eu e ele, havia apenas um vazio. Éramos dois corpos separados por uma distância de cerca de dez passos. Se, de alguma forma, ele “tocava” o plexo solar de Manuel e as têmporas de Joana, então este espaço não era assim tão vazio como se apresentava para mim. Mas, como descrever esta íntima reciprocidade entre os objetos e seus corpos? Referir-se a tais percepções e vertê-las para as grades da linguagem era um trabalho tortuoso para eles. As regras de nossas estruturas sintáticas eram

por demais rígidas. Ali entre os cegos elas precisariam ser entortadas, pensei. As relações entre sujeito, verbo e predicado, não caminhavam em uma mão única. Os sujeitos não apenas praticavam uma ação sobre os objetos inertes de um certo espaço. Eles também sofriam as ações destes objetos sobre seus próprios corpos.

Que descrições seria possível eu ter deste outro mundo se as palavras não poderiam nunca ser exatas? Como eles poderiam me contar sobre o que eu não era capaz de ver? Era claro para mim: nós trocávamos notícias vagas de nossos mundos, uns para os outros. E delas seria possível extrair não mais que vagos relatos de viagem. Como aqueles que recebemos nos versos dos cartões postais.

Falei sobre a distância que existia entre os mundos em que estávamos metidos. Tínhamos diante de nós, uma realidade múltipla. Mas, para descrevê-la e comunicá-la, tínhamos uma mesma linguagem⁸³. Uma mesma estrutura, anódina e indiferente às dores e aos suspiros particulares. Joana me recordou do óbvio:

- Nunca se deu ao habitante do universo tátil a possibilidade de falar sobre seu próprio mundo. Às vezes penso sobre isso. Quando estou escrevendo, vejo como a cultura, a universidade, a literatura, podaram em mim um modo tátil de ser. Eu precisaria deixar transbordar em mim essa outra experiência que há em minhas vivências.

Tratava-se, de fato, de duas culturas, já que seriam dois os mundos. E a cegueira havia sofrido, disse Joana, uma espécie de aculturação da visão. Nós videntes, falávamos sobre

⁸³ O caráter linear da linguagem, frente a uma realidade múltipla, foi tema de vários autores estruturalistas. Todos eles apontavam para o processo de assujeitamento do indivíduo, anulado pelas estruturas herdadas seja da cultura, seja da linguagem. Não será outra a acusação de Roland Barthes quando, em sua aula inaugural no Colégio de França, descreve todo ato de linguagem como ação inerentemente fascista: "Mas a língua como desempenho de toda linguagem não é nem reacionária nem progressista; ela é simplesmente: fascista; pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer". E mais adiante, comenta sobre o desacordo fundador entre linguagem e real: "Que o real não seja representável - mas somente demonstrável - pode ser dito de vários modos: quer o definamos como Lacan, como o impossível, o que não pode ser atingido e escapa ao discurso, quer se verifique, em termos topológicos, que não se pode fazer coincidir uma ordem pluridimensional (o real) e uma ordem unidimensional (a linguagem)". (BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Ed. Cultrix, s.d. p. 14 -22)

um mundo que se abria para os olhos e não possuíamos relatos sobre um mundo que se toca. Os próprios cegos quando seguravam um copo entre as mãos diziam para seu interlocutor: “você viu este copo?”. E completou Joana:

- Às vezes a pessoa cega também foi tão aculturada pela visualidade que ela sente dificuldade de falar sobre o toque, sobre o tátil, sobre...

- Curioso... É como se os cegos geralmente construíssem as descrições de seu ambiente sob o ponto de vista de quem vê...

“Sob o ponto de vista de quem vê. Exatamente!!”, disse Joana empolgada, dando um sonoro tapa no tampo da mesa. E continuou:

- A pessoa cega tem um tipo de percepção diferenciada. E desde cedo recebe uma formação montada sobre a visualidade. Então ele se pergunta constantemente: “Isso que sinto é muito estranho. É uma loucura. Quem vai entender isso?”. Na dúvida, acaba jogando todo seu mundo no fundo de um baú.

Maria pôs uma das mãos no queixo e disse pensativa:

- Será que vocês visualizaram a gente?

A cultura da visualidade construíra astrolábios, lunetas e telescópios e lançara os olhos para muito além de janelas, telhados ou torres. Ela extraiu nossos olhos de suas órbitas e os arrastou para fora do planeta. Toda uma história, montada ao passo arrastado de milênios, tinha nos retirado os pés do chão. Passamos a flutuar, pensei, longe de qualquer roçar e esfregar, entre a superfície do mundo e de nossos corpos. Que medonha assepsia teria sido essa, que nos levou a nos apartarmos de nosso tato?

Era um procedimento que parecia querer manter à distância tudo o que nos cerca. E este princípio da distância havia impregnado até mesmo as estruturas da língua, pré-modelando a maneira como os indivíduos poderiam referir-se ao mundo à sua frente. Digamos que eu precisasse contar para alguém que me perdi em uma caverna escura e que lá senti medo. Teria de construir uma frase com uma forma específica. Diria algo como: eu entrei em uma caverna escura, me perdi e senti medo. Toda a ação está concentrada em mim, sujeito da

frase, que percorri um espaço fixo e penetrei em uma caverna inanimada. Mas, se eu dissesse que o caminho levou-me até uma caverna, me lançando em seu escuro, e em sua perdição? Ou ainda, se dissesse que o meu medo se encontrara, no meio do caminho, com a escuridão perdida da caverna? Eu transmitiria uma mesma informação? Eu comunicaria um mundo com a mesma aparência?⁸⁴

Lembrei-me de Antão, perdido na escuridão dos grotões de pedra e olhei através da janela, de onde entrevia lá fora os castigos do sol. Em noites sem lua, a escuridão era sempre mais profunda, pensei. Manuel, retirando Antão do miolo do breu, afirmara não saber o que era escuridão. “Não haveria de fato escuridão na cegueira”, disse em voz alta. Joana retrucou:

- E pra você, como é o escuro? Ele tem corpo?

Eu nunca havia parado para observar o escuro. Resolvi fechar os olhos, coisa que fiz repetidas vezes no correr do tempo que passamos juntos. E fiquei atrás deles, a espreita da escuridão. Vários pontos de luz cintilaram, compondo padrões geométricos. Era minha

⁸⁴ É intrigante reparar que as inversões no lugar do sujeito na frase, propostas por Tomé Cravan, são capazes de reposicionar coordenadas e orientações espaciais. Além disso, tendemos a ver nestas sintaxes algo mais próximo de uma descrição poética do que de uma descrição científica, objetiva. Porém, Claude Lévi-Strauss nos alerta: o que nos parece ser uma descrição objetiva só possui valor objetivo para nossas línguas ocidentais. O sentido de uma construção frasal só possui teor comunicativo dentro dos contextos culturais que as criaram. L. Strauss cita o exemplo do *chinuque*, língua falada no noroeste da América do Norte. Diz o antropólogo: “O enunciado: ‘O homem mau matou a pobre criança’, em chinuque torna-se: ‘A maldade do homem matou a pobreza da criança’; e para dizer que uma mulher usa uma cesta muito pequena: ‘Ela coloca raízes de potentilha na pequenez de um cesto para conchas’.” (LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem**. Campinas, SP: Ed. Papirus, 1997. p. 15) Na mesma trilha, o físico David Bohm nos alerta para o caráter fragmentário de nossa visão de mundo. E nos fala que esta visão condiciona a própria estrutura e a sintaxe das línguas modernas ocidentais. Trata-se de um processo circular e retroativo: a visão de mundo fragmentada cria uma estrutura lingüística que conduz nossos dizeres e descrições. Estes dizeres narram os fenômenos do mundo cindindo-o na forma sujeito-verbo-objeto, retro-alimentando assim a visão de mundo fragmentado. Diz Bohm: “Essa estrutura implica que toda a ação surge numa entidade separada, o sujeito, e que, em casos descritos por um verbo transitivo, esta ação atravessa o espaço entre eles até uma outra entidade separada, o objeto.” E mais adiante, se pergunta o físico: “Não seria possível mudar a forma sintática e gramatical da linguagem, de modo a dar ao verbo, e não ao substantivo, um papel fundamental? Isto ajudaria a acabar com aquele tipo de fragmentação acima indicado, pois o verbo descreve ações e movimentos, que fluem uns nos outros, fundindo-se, sem separações ou rupturas bem-definidas.” (BOHM, David. *Op. cit.* p. 53 -54)

retina se adaptando à nova situação luminosa. Frações de instantes depois, inúmeras imagens surgiram. Mesmo de olhos fechados, eu continuava “vendo” o rosto de meus interlocutores e o ambiente onde estávamos mantinha-se em minha mente. Não me era possível ver qualquer escuridão. Era preciso que eu calasse um pouco meu espírito e procurasse estancar o buraco de onde tantas imagens escorriam.

Disse para eles que estava de olhos fechados e passei a relatar o que se passava comigo. Todos riram entre si, mas me acompanharam naquela pequena brincadeira, não sem que Luzia me advertisse dizendo para não me iludir. Aquela escuridão nunca seria a dela. Seria sempre povoada de objetos, de minha experiência visual, de minhas impressões. Não tinha nenhuma ilusão quanto a isso. Mas de qualquer forma, me pareceu uma maneira tangível de buscar a minha imagem da escuridão.

Internamente, não havia forma de estancar o fluxo desgovernado de imagens. Eu produzia imagens a todo tempo, incontrolavelmente. Via todas as imagens de meu dia até aquele momento, e ia além delas, caso me deixasse levar por sua correnteza. Certamente veria montanhas cobertas de neve, anões, girafas e pradarias verdejantes. Porém, nada de escuridão.

Uma escuridão completa é rara de se conseguir. Lembrei-me das quedas de energias, que acometiam freqüentemente o bairro de Casa Forte, onde morava. Nestas ocasiões, de olhos bem abertos, o escuro se impunha sobre mim de fora para dentro. Lembrei-me de minha biblioteca, de suas paredes cobertas de livros e de como era incômoda a queda da luz, quando tudo sumia. Eu já tinha a resposta para Joana: o escuro não tinha corpo. Para mim era um sinônimo de vazio. Mas para Joana não era bem assim. A escuridão possuía um corpo:

- Quando falta luz, é como se uma parede colidisse comigo. É como se surgisse uma coluna na minha frente. É uma presença quase sólida. Já os ambientes claros são bem diferentes. Um ambiente claro é mais neutro.

Era uma surpresa para mim, saber que os cegos sentiam diferenças entre claro e escuro. Perguntei então se outros cegos sentiam as diferenças impostas ao espaço, pela presença ou ausência da luz. “Sentem, sentem”, disse calmamente Joana:

- Um dia nós estávamos viajando de carro e entramos em uma área da estrada onde senti a presença desta densidade. Comentei com uma amiga também cega que estava comigo e ela disse que também sentia algo. Após algum tempo reparamos que a presença havia se dissipado. Ficamos sabendo depois, através do motorista, que havíamos passado por um trecho de estrada onde havia uma mata muito cerrada.

Para os irmãos Belarmino, os cegos tinham receio de localizar, descrever, dar relevância e mesmo nomear tais sutilezas só detectáveis por eles. Tudo poderia ser um engano, uma ilusão. Pois, para eles sempre existiria, antes que qualquer coisa, uma certeza: eles eram cegos. Era como se a palavra final sobre o “real” não lhes pertencesse. Alinhando os cabelos que caíam sobre a testa, Joana disse:

- Mas, posso garantir: se uma parede é uma referência, se ela se apresenta como uma marcação no espaço para você, para mim o escuro é uma quase-parede. Um ambiente claro eu posso atravessar facilmente com o meu corpo. Já o escuro, não.

Como se não fosse pouco para uma só tarde, Maria ainda falou-me sobre o efeito que os olhares alheios causavam sobre ela própria.

- É curioso... Mas eu sinto quando uma pessoa está me encarando. Não sei explicar como, mas eu sinto. Às vezes isso me incomoda. Nunca fiz nenhuma experiência com isso. Mas o fato é que eu tenho esta sensação.

- Mesmo que a pessoa esteja em silêncio?

- Sim. Em silêncio⁸⁵.

⁸⁵ O controvertido biólogo Rupert Sheldrake, dedicou-se a estudar fenômenos periféricos, longe dos grandes temas consagrados na história da ciência. Para ele, a ciência clássica procura fazer “vistas grossas” para tais fenômenos, recusando-se até mesmo a inferir sobre estes os mesmos métodos de controle experimental e de estatística, por vê-los preconceituosamente como sendo “místicos” ou “delirantes”. A sensação de estar sendo observado é um deles. Trata-se exatamente do que Maria se refere: sentir-se tatilmente, fisicamente, atingida pelo olhar de alguém. A percepção de ser observado pelas costas possui um imenso histórico em inúmeras culturas e se mantém presente mesmo em nosso contexto pós-industrial. Segundo Sheldrake “Pesquisas informais na Europa e América revelaram-me que cerca de 80% das pessoas interrogadas alegavam ter tido pessoalmente a experiência”. Sheldrake defende a tese da “mente expandida”. A mente estender-se-ia para além do corpo, possuindo algum tipo de materialidade e, conseqüentemente,

Manuel entrevistou neste momento. Lembrou-se de uma percepção muito específica que ocorria em seus olhos. Passou a descrever algo que, para mim, era inconcebível e cheio de mistério. Desta vez, sua voz sempre alta tornou-se leve e cândida:

- Sabe como uma pessoa cega sente o sorriso de uma pessoa de quem gosta? Não é preciso que a pessoa fale. Basta que ela sorria. Você sente o calor dos olhos. Meus olhos não vêem, mas conseguem captar o calor dos olhos de minha mulher, quando ela está sorrindo. Por mais incrível que pareça, isso acontece. É o que eu sinto.

Os olhos cegos de Manuel não captavam imagens. Captavam temperaturas. Apenas na poesia eu havia encontrado tal descrição de um olhar que sorri. Para a poesia, os sorrisos podiam ser quentes. E o som de certas vozes podia ser comparado à frieza dos túmulos. Porém, Manuel era categórico: o que ocorria em seu corpo não eram os efeitos de poesia mas, sim, de empiria.

- Eu já tive várias namoradas. E esta sensação ocorreu poucas vezes. Mas com minha mulher, isso era comum. O sorriso dela ainda hoje é muito especial. Nunca digo isso pra ela, mas é muito especial.

A cegueira, quando vista de perto como eu podia vê-la entre os irmãos Belarmino, me retirava de meu pequeno mundo. Revelava para mim que a realidade podia ser múltipla. Cada corpo que andava, cheirava e tocava possuía dela um pedaço.

Olhando através da janela, podia ver a correria das crianças e o movimento dos transeuntes entre o verde dos juazeiros. Meus olhos tinham a capacidade de estender-me até àquela cena. Se por um lado eu tinha acesso àquela paisagem, a um só tempo, eu me via externo a ela. A consciência de sua existência a apenas alguns passos de mim, me introduzia e me extrai simultaneamente. Sentia que a visão, de alguma forma, me distanciava.

Fechei os olhos por alguns segundos, tentando ausentar-me novamente deles. Segurei a toalha da mesa entre meus dedos e disse para mim mesmo: ela está aqui e eu também estou aqui. Estamos entrelaçados, eu e esta toalha. Abri-os e pensei: o tato, prescreve uma

possuiria algum nível de ação material, sendo capaz de “tocar” aquilo que vemos. (SHELDRAKE, Rupert. **Sete Experimentos que Podem Mudar o Mundo**. São Paulo: Ed. Cultrix, p. 92 - 104)

aproximação para que a existência se pronuncie. O tato me dá acesso ao tempo presente. Ele é a morada do agora.

Mesmo que o almoço já houvesse acabado, continuamos na mesa, falando sobre o que percebíamos ao nosso redor. Olhei para a parede que separava a sala de jantar em que estávamos e a sala vizinha, onde havíamos nos sentado há pouco. Eu olhava para o branco encardido da parede e verificava que dali não conseguia enxergar os sofás. Veio-me uma questão um tanto paradoxal: os obstáculos visuais só existiriam para aqueles que vêem. Os cegos não possuiriam impedimentos para os olhos e poderiam, dali de onde estávamos, vislumbrar o ambiente ao lado. Surpreso com minha própria constatação, pensei alto: “Os cegos vêem através das paredes”. Joana virou-se para mim rindo:

- Daqui a pouco você dirá que nós somos feiticeiros. Ou profetas, capazes de adivinhar o futuro⁸⁶.

Eu, como um Édipo, e eles como um Tirésias quintuplicado, nos levantamos da mesa e nos encaminhamos para fora da casa, de volta à sombra do juazeiro.

Sugeriram que fizéssemos um passeio pela cidade. Precisavam fazer as compras para o almoço de domingo, quando a família inteira se reuniria. Luzia ficaria em casa, aprontando a casa para seus outros irmãos, José e Inácia, que chegariam naquela noite.

Luzia, sentada à mesa ao lado de Lourdes, gerenciava a casa de sua cadeira. De lá gritou alto o nome de alguém, com uma música muito própria do sertão:

⁸⁶ A cegueira parece normalmente causar entre aqueles dotados de visão, uma dupla reação. Ou consideram o cego como um pária, algo menor e defeituoso, ou passam a colocá-lo no extremo oposto, como o sujeito acima dos outros, dotado de talentos sobrenaturais. Em Esparta e Atenas, os cegos eram lançados do alto do monte Taigetto, junto com os aleijados ou metidos dentro de vasos de barro e abandonados a armo nas margens das estradas. O livro tradicional do judaísmo, o Talmud, prescreve que ao se cruzar com um cego “se deve pronunciar a mesma bênção que se profere na morte de um parente próximo”, por que o “homem cego é como o morto”. Em Roma, eram vendidos como remadores de galés. No outro extremo a mitologia da mesma Grécia, construiu Tirésias como a figura que conhecia o segredo dos deuses e que foi capaz de prever todo o drama edipiano, além da decadência de Tebas. Na Coréia, a partir da dinastia Koryeo, entre 918 e 1392, o prestígio do cego era tão grande que processos adivinhatórios, apenas executados por indivíduos cegos, chegou a ser sistematizado, dotado de provas e exames, aos moldes do que seria uma academia. (BELARMINO, Joana. *Op. cit.* p. 30)

- Serafim!! Ô Serafim!!

Logo entrou na sala um rapazote, mulato solícito e sorridente. Era o “faz tudo”, trazido de João Pessoa para ajudar na “casa dos cegos”. Luzia lhe passou a lista de compras e lhe deu a chave do carro.

O carro era um velho chevrolet preto. Imponente, com suas quatro portas, um dia havia sido belo. Era este tipo de automóvel que costumava transportar autoridades durante os anos setenta. Entramos os cinco no carro, e ganhamos a rua, guiados por Serafim. Paramos na porta de uma mercearia e o rapazote saiu apressado. Comprou o que era necessário para um típico almoço familiar de domingo: carnes, linguiças para o feijão e muitas cervejas.

Perguntei se a caverna aonde Antão havia se perdido ficava próximo dali. Os quatro irmãos resolveram me mostrar o caminho e pediram que Serafim nos levasse para a área rural de São José do Egito.

O chevrolet nos distanciou rapidamente do centro comercial. Manuel puxou do bolso uma fita cassete e passou-a para as mãos de Serafim. O mulato ligou o aparelho de som do carro e introduziu nele a fita. Logo uma voz abafada surgiu. Era Frank Sinatra, cantando Cole Porter. E música era “Tea For Two”. Embalados pela canção, conversávamos amenidades e, aos poucos, entramos no sertão aberto que sitiava de perto a cidade.

IV. As Bordas do Deserto

Serafim parou o carro ao largo da estrada de terra batida. Estávamos cerca de um quilômetro longe da cidade. Abrimos as portas do carro e nos pusemos a andar. Eu, de braços dados a Joana e Maria. Logo mais a frente, ia Manuel de braços com Lourdes, consultando a cada passo dado com sua bengala, os obstáculos mais próximos.

Lourdes andava com dificuldade e reclamava baixinho do ritmo das passadas de Manuel. Veio à tona novamente e falou sobre algo recorrente em suas poucas intervenções:

- Eu não ando só não. O pessoal tem que andar comigo. Não aprendi a andar só.

Lourdes se referia a algo importante no processo de educação dos cegos. Nas escolas especializadas, não se aprende apenas o código Braille. Aprende-se também a como se locomover usando bengalas. Sem ter se exposto a este processo educacional, Lourdes precisava de companhia para locomover-se em espaços abertos.

Mais adiante, eu via as enormes pedras empilhadas do sertão. Eram inúmeros os agrupamentos de pedras roliças, equilibradas caoticamente umas sobre as outras, pontuando o vazio do deserto.

Os quatro irmãos passaram a reconstruir, para mim o trajeto que um dia os levou até um destes amontoados. Descreviam as cercas ao longo do caminho, as matas espinhosas e os restos da coivara, ao longo da estrada. Todos os irmãos cegos juntos, seguidos pelo pequeno Antão.

No correr da caminhada, senti-me instalado simultaneamente em vários espaços. Havia aquele no qual meus pés pisavam a terra seca e socada, capaz de transferir para minhas solas o calor acumulado do dia. Era um espaço instaurado no absoluto presente, no qual a brisa soprava em meu rosto seu hálito morno. Aquele espaço, entrava em minha pele de forma aguda e fina como se fossem os espinhos da palma. Sobreposto e entrelaçado a este lugar concreto havia um outro, mais diáfano, porém não menos presente. Era aquele que surgia em minha mente, enquanto meus companheiros de caminhada reconstruíam as ambiências daquela tarde, perdida no passado. Via, a um só tempo, o caminho que percorríamos e aquele outro, descrito por eles.

Eu me reparava construindo em minha mente cercas, matas, crianças e coivaras. No instante em que cada uma das palavras era pronunciada, surgia uma imagem correspondente, por mais que não houvesse percorrido aquele caminho cercado, visto aquelas crianças e aquela coivara. Para cada palavra, surgia uma imagem e para cada frase, um cenário.

Aquele passado vivido por eles era possível de ser comunicado para mim. Eles me induziam a ver o desenrolar daquela tarde. A narrativa que ouvia provocava o surgimento

de inúmeras cenas em minha mente. Porém, pensei, o que se formava diante de mim não era aquele passeio originário. Existia um vácuo entre o que eles descreviam como sendo o que viveram e os substratos que eu era capaz de extrair do relato. Tudo ecoava de forma absolutamente desgarrada daquilo a que se referiam: eu paria as minhas próprias crianças e a minha própria coivara.

Nós nos comunicávamos exatamente quando eu evocava para meu corpo, até o caroço de meu espírito, as minhas próprias experiências. Ao ouvi-las, eu me transportava para uma outra estrada, segurava as mãos de outras crianças, e sentia o cheiro de outro mato queimado. Era portanto na desposseção, na perda, no desvio inevitável dos conteúdos, que uma comunicação entre nós se estabelecia⁸⁷.

Para que alguém de fato comunique algo para outrem é preciso que não tenha sentimento de posse sobre o que irá dizer. É preciso que perca antecipadamente o desejo de controle sobre o que diz. Pois aquilo dito só chegará a alguém se for capaz de se desviar, de se perder nas peculiaridades dos outros corpos. Não há in-formação sem com-formação, pensei.

Mas... que imagem viria à mente de meus interlocutores, ao evocarem as marcas de uma vivência passada? Pois, para que uma lembrança surja é preciso que algum fato tenha cravado suas garras, deixado alguma cicatriz, alguma marca, em algum lugar do espírito.

⁸⁷ O modelo de canal comunicativo criado por Shannon, (citado em notas anteriores) caiu por terra com os avanços da cibernética e das ciências da computação. O criador do computador, Alan Turing, define computação como sendo o “tratamento de signos”, portanto, uma ação de transformação da informação recebida. Sob este ponto de vista, o receptor, anteriormente visto como suporte passivo para a mensagem de um emissor, ganha outros contornos. Na trilha deixada pela cibernética, Edgar Morin, usa o termo “computação” para referir-se a toda atividade de troca entre indivíduo e meio. O indivíduo “computa”, “trata”, “re-elabora” aquilo que lhe chega, a partir das estruturas biológicas, lingüísticas, psíquicas, sociais, todas pré-existentes ao indivíduo. Para Morin, o indivíduo seria uma ação computacional, pois ele não é passivo sequer para as estruturas das quais é herdeiro. Ele, o indivíduo, reposiciona a informação genética, reposiciona a língua, reposiciona tradições culturais. Neste sentido, o indivíduo nunca seria um emissor ou um receptor puro. É o que parece ficar claro quando Tomé diz que era “na desposseção” no “desvio inevitável dos conteúdos”, que se dava a comunicação entre ele e seus companheiros cegos. (MORIN, Edgar. **O Método III- O Conhecimento do Conhecimento**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 1999. p. 50 -79)

Como o mundo teria cravado suas garras, como teria deixado seus vestígios em Maria e Manuel, em Luzia e Joana?⁸⁸

Ao longe, eu ouvia o cantar de um pássaro e o roçar de galhos ressecados balançando ao ritmo da brisa rala e inconstante. Cruzamos, então, a cerca que separava a estrada das amplas planícies abertas. Havia, aqui e acolá, pontuando o grande vazio, grupos de árvores muito baixas e ressecadas, sem qualquer folhagem, assemelhadas a arbustos. Cortando o raso, delimitando supostas propriedades, corriam longuíssimos muros de pedra, da altura de meu joelho. Joana rompeu o silêncio:

- Veja, Tomé... aqui o espaço é tão amplo, não é?

- Sim... não há paredes, tetos ou qualquer tipo de borda.

- Mas eu acabei de criar algumas. Já tenho as minhas bordas, os meus anteparos. Aqui, há um lugar de vento, uma trilha de vento na qual eu estou sintonizada. É um lugar, um espaço definido.

Novamente fechei os olhos. Desta vez os manteria fechados até quando não mais suportasse. Para orientar-me em meio àquela vastidão que acabara de abandonar-me, meu corpo se encrespava de tensão. O tropeço era eminente e minha atenção passou a amparar-se no som. Não me parecia existir muitos sons. Senti-me isolado. A brisa envolvia tudo em um uníssonos. Porém, para Joana não havia uníssonos. Tudo possuía vozes específicas ao nosso redor:

⁸⁸ Tomé constrói uma imagem próxima daquilo que de fato ocorre a nível neurofisiológico. Não se trata de uma imagem integral, o que se imprime em nosso sistema cortical quando vivemos algo. Não memorizamos a percepção em seu conjunto. Apenas gravamos “certas marcas”, nos diz Edgar Morin. A partir destas marcas, reconstruímos uma certa vivência. Estas “marcas mnésicas” não possuem localidade, não estão estocadas em algum ponto do espaço cerebral. O que gravamos não são as representações do mundo. Gravamos, porém, a **ação**, o **ato** instantâneo de nossa computação. Recuperando o **processo** computacional, nos advém o aparecimento da lembrança. Temos aqui, portanto, um exemplo claro da supremacia da criação sobre a representação, nas relações que travamos com nosso ambiente. Pois guardamos não as imagens, mas as operações que desenvolvemos para construí-la. (MORIN, Edgar. *Op. cit.* 1999. p.127-131)

- Sim, é verdade. O som da brisa é um isolante mesmo. Mas não totalmente pra mim. Estou ouvindo algum barulho, que vem lá de cima. Não sei se é algum chuveiro aberto.

Abri os olhos e conferi do que se tratava. De fato, acima de onde estávamos, próximo ao imenso lajedo, havia uma casinha e uma cacimba. Lá, uma mulher retirava água e depositava-a em uma lata. Ela estava longe. Muito longe. Não apenas para meus ouvidos, mas também para meus olhos. Manuel mais adiante, continuou o mapeamento do território:

- Acho que existe alguma coisa logo ali na frente, não é Tomé? O que é?

- Lá bem longe, existe um monte de pedras. Acho que são de uma antiga cerca.

- Ah, sim. Eu sinto uma sombra. Acho que é a altura deste monte. Não dá para perceber que são pedras.

Manuel falou sobre mapas, enquanto pisava firme o chão do deserto sertanejo. Nossos mapas, disse ele, eram coloridos e através da cor, nós videntes podíamos diferenciar o que era Piauí do que era Pernambuco; podíamos supor através de traços e fronteiras, aonde findava a terra e se iniciava o mar. Mas para ele, nossas cartografias eram muito pouco eloqüentes. Elas não ofereciam nada ao tato, e nada para apalpar. E, por fim, eram inodoras.

Ao contrário dos nossos mapas, lisos e abstratos, os mapas construídos para cegos eram estriados. E as matérias utilizadas para se referir às geografias eram mais próximas, senão as mesmas, dos referentes. A terra era areia, fixada com cola em uma superfície. As fronteiras, uma linha de costura. Já o mar, era representado através de uma negativa: o mar era o que não era areia e o que não era linha. Não havia, definitivamente, no mundo da cegueira, como confundir os mapas com os territórios, pensei.

Estava inebriado com o volume de informações que éramos capazes de extrair diretamente daquela geografia arrasada em que plantávamos nossos pés. A brisa, por exemplo, soprava em meu rosto e circulava entre as minhas pernas, a cada passo que eu dava. Ao arremessar-se contra meu corpo, um obstáculo para seu fluir, eu me sentia filtrando-o, modelando-o. A brisa parecia ganhar uma forma, foi o que disse para meus amigos. Maria manteve o passo, ouvindo-me falar sobre modelações do vento e segurando em meu braço disse:

- Engraçado, pra mim ele é só vento.

Retirado abruptamente de meu idílio, respondi com algum desapontamento:

- É... Acho que estou vendo coisas...

V. O Mar, Visto do Sertão

A tarde já esmaecia e nós havíamos chegado a um dos grandes lajedos. Sua superfície começava a emanar as porções do sol que aprisionara durante o dia. Joana, Lourdes e Manuel resolveram sentar em sua base. Eu e Maria, continuamos a subida sobre os enormes agrupamentos de pedras. Lá de cima, eu via Serafim e o chevrolet negro. Mais adiante, a pequena São José do Egito.

Andamos em silêncio, vagarosamente, de braços entrelaçados, até que Maria sugeriu que nos sentássemos. Escolhi um trecho plano da grande pedra e lá nos acomodamos, de frente para a terra ressecada que jazia lá embaixo. Foi ela quem rompeu a densidade do silêncio:

- Um avião voa dentro das nuvens ou acima das nuvens?

- Dentro das nuvens e acima das nuvens.

- Então as nuvens seriam camadas nas quais o avião entra e as rompe?

- Sim, sim. A imagem que nós temos das nuvens é de algo que possui uma forma concreta palpável. Mas não é palpável.

- Elas seriam gases?

- Exatamente.

- Eu tenho a imagem das nuvens como sendo várias montanhas soltas, infláveis.

- Uma cadeia de montanhas?

- Não, elas estão lá em cima, soltas. Nunca poderiam ser uma cadeia de montanhas, já que montanhas estão bem plantadas no chão. Refiro-me a montanhas no sentido de serem algo compacto. Não me refiro ao sentido de uma altura a ser percorrida.

- Uma cadeia de montanhas sem base?

- Sim, uma cadeia de montanhas sem base. Então, eu penso que o avião ficaria todo impregnado de nuvens, embaçado.

- Quando se olha pela janela do avião vê-se um denso branco. Não se vê absolutamente nada. Nenhuma paisagem há lá em baixo. Pois estamos dentro da nuvem.

- Mas, na medida em que o avião rompe essa camada, isso não se derramaria?

- Isso o quê?

- O que estava dentro desta camada que acabou de ser rompida quando o avião a penetrou, ora bolas!

- Bem... as nuvens não possuem bordas definidas, Maria. Elas nada contêm dentro delas...

- As nuvens são separadas, ou elas são juntas?

- Separadas, e estão sempre em movimento. Elas andam na direção do soprar dos ventos. E às vezes elas se fundem umas nas outras.

- Eu pensava que elas formariam um tapete em cima da nossa cabeça. Algo que não sei bem definir. E o sol? Ele ficaria acima delas?

- Acima, acima. Porém, às vezes a sensação visual é que ele está abaixo delas. E as nuvens um pouco acima.

- Eu não consigo imaginar que exista alguma coisa lá em cima. Eu sei cientificamente que há alguma coisa. Mas não posso me certificar. Eu não saberia dizer, por exemplo, se primeiro existem as nuvens, e logo atrás delas, as estrelas.

Maria falava de estrelas, movida por algum fervor. Suas perguntas diziam respeito a questões fundadoras. Eram questões primevas que ela evocava, sem qualquer pudor. Mas

não são estas as questões que oferecem norte e oriente para as mais básicas e enraizadas relações entre sujeito e mundo? Talvez por isso, senti durante todo este nosso diálogo um frescor próprio da infância. Pois só recorremos às questões fundadoras quando ainda somos crianças. Depois de certo tempo, esquecemos de refazê-las, embrutecidos por um senso comum que tudo apaga em uma mortífera consonância. Assim, prosseguiu Maria seu inquérito, com olhos brilhando como faíscas:

- Você acha que a água do mar chega a tocar nas nuvens?

- Não. Definitivamente, não.

- Nem no mais alto mar?

- Nem no mais alto mar.

- Mas visualmente vocês enxergam o encontro deles ou não?

- Sim.

- Se, na realidade, não há o encontro do céu com o mar, por que vocês o vêem?

- Quer dizer, o horizonte está muito distante de meus olhos... Portanto, a linha do mar acaba tocando na linha do céu.

- Mas na realidade não se fundem...

- Na realidade não se fundem.

- Será que não?

Silenciei por alguns minutos, olhando para o horizonte. Era claro para meus olhos que em algum ponto muito distante, a terra rasa e as alturas celestes fundiam-se. Havia algo de verdadeiro na Cruz de Santo André⁸⁹. Porém, mesmo que diante de mim eu verificasse a

⁸⁹ A Cruz de Santo André, muito usada no cristianismo oriental, possui a haste vertical e horizontal com a mesma medida e proporção. Este desenho de cruz simboliza algo crucial para o cristianismo ortodoxo: a imbricação paradoxal entre a divindade (a verticalidade dos céus) e a humanidade (a horizontalidade da terra). Nela está montado o esquema de equidade entre o inefável e o tangível, capazes de co-habitar. Uma co-habitação paradoxal, pois uma não se reduz à outra. Ela se contrapõe a cruz latina, onde a vertical é maior que a horizontal. Estes dois desenhos de cruzes

fusão entre céu e terra, algo desautorizava esta experiência. Eu pré-sabia, através de uma física básica, estudada no início da vida que a terra estava solta no vazio. E mesmo que minha experiência visual me indicasse algo, eu sempre veria, antes de mais nada, este conhecimento previamente dado. Eu confiaria sempre mais em uma imagem sobre a qual jamais pousaria meus olhos.

Maria, com suas perguntas primevas, alertava que eu, dotado de olhos, antes de ver o mundo, enxergava esquemas conceituais. E era através destes esquemas que eu filtrava o fluxo do mundo. Nosso diálogo seguiu adiante e o que tínhamos agora, no horizonte de nossas divagações, não era mais o deserto. Agora era o mar, o tema de Maria.

- Quando você está na praia, de frente para o mar, consegue de uma só vez enxergar a lua, as nuvens, e as estrelas?

- De uma vez só? Como assim?

- Estas três coisas estão em uma mesma posição, em um mesmo lugar? Os três a um só tempo?

- Como assim?

- A lua, as nuvens, as estrelas... Existe alguma ordem? Ou elas se misturam?

Noções como profundidade, muito caras aos esquemas perspécticos, não possuíam qualquer solidez para Maria. A seqüência de objetos no espaço só seria percebida por um cego através do som, mais ou menos audível ou, por exemplo, através de um deslocamento corporal. Deslocando-se no espaço, ela poderia perceber que um certo objeto localiza-se

incorporam, portanto, duas concepções diversas de metafísica, montadas pelo oriente e pelo ocidente cristãos. A versão latina do cristianismo teria se fixado no dualismo platônico-aristotélico, através de São Tomás de Aquino e Santo Agostinho. Já o cristianismo oriental teria apostado em uma postura de superação do dualismo. A interpretação oriental do cristianismo foi fortemente influenciada por escolas gregas como o estoicismo, para a qual não há corte dual e sim imbricação paradoxal entre divindade e natureza (*théos e physis*) e entre corpo e alma (*sôma e psyché*). As relações de São Clemente de Alexandria com as idéias estoicas de Zenão de Cicio podem ser vistas através da filósofa Rachel Gazolla. (GAZOLLA, Rachel. **O Ofício do Filósofo Estóico: O Duplo Registro do Discurso da Stoa**. São Paulo: Ed. Loyola, 1999)

antes ou depois de outro objeto. Quando Maria me perguntava sobre a possibilidade de enxergar a um só tempo três coisas diferentes, ela parecia referir-se ao olhar como uma ação que ocorre passo a passo, em uma seqüência. Logo reparei que o que ela possuía como referência para referir-se à visão era o que o seus sentidos já possuíam como base muito afinada para a leitura do mundo: o tato. Pois o tato sim, trás para nossos corpos o mundo de forma seqüenciada. Primeiro, os dedos encontram um corpo, para logo depois, encontrar outro. Já os olhos nos trás uma imagem simultânea do mundo. Podemos nos dar conta de dois corpos a um só tempo. Falei para Maria que o tato seria como a música ou a poesia, artes cujas mensagens só ocorrem como frutos de uma seqüência de sons ou palavras. Enquanto os olhos seriam mais próximos da pintura ou da fotografia, artes das mensagens sincrônicas, para sempre retiradas do escorrer do tempo. Ela prosseguiu:

- É como se as nuvens fossem um berço, não é? E as estrelas vão aparecendo ali, aqueles pontinhos de luz dentro das nuvens. Ou seria fora?

- Normalmente você as vê mais facilmente fora das nuvens.

- Então eu acho que as estrelas.... as nuvens são camadas posicionadas mais em baixo, e as estrelas estariam ao lado da nuvem?

Eu não tocara o mundo com a intimidade que Maria o havia tocado. Para mim, distanciado do tato pelos olhos, tornava-se penoso extrair do que via alguma descrição. Mas era o tecido da língua a única superfície de contato possível entre o meu mundo e o dela. Procurei tecer com esta malha, os melhores enodamentos que era capaz:

- Imagine um tecido sobre o qual estão bordadas pequenas flores. Entre uma flor e outra, existe um vazio. As estrelas seriam as flores e o céu o tecido. Entre uma nuvem e outra existe este imenso pano. E é neste pano, com esse fundo imenso, que as estrelas aparecem.

- Cada nuvem?

- Cada nuvem.

- No vazio?

- Em um vazio muito profundo.

- Ah! Entre uma nuvem e outra existe um vazio?

- Exatamente.

- Você diz que há um vazio... que há um vazio, preenchido pelas estrelas.

- Este vazio não é completamente preenchido. Existe muito mais vazio do que estrelas. É difícil falar como enxergo o vazio... falar da presença do vazio. Mas, no fundo, é o vazio que permite que vejamos as estrelas. Se não fosse o vazio...

- Você não enxergaria mais as nuvens... tampouco as estrelas...

- Sim.

- Eu só me conformaria se pudesse pegar em uma nuvem, só que é impossível agarrá-las... Elas estão muito altas. A não ser que eles fabricassem algumas em laboratório...

Entre risos, retornamos ao lugar onde repousam as coisas. Logo estávamos novamente olhando de cima do lajedo morno do sertão, a imensidão do mar. Maria continuou descrevendo o mar que tínhamos diante de nossos olhos:

- A superfície da água do mar... Eu sei que há uma grande superfície de água que vai subindo, subindo... Como uma montanha, com uma base, onde se caminha até o topo.

- Eu sempre vi a superfície do mar como algo plano...

- Você não a vê subindo!?

- Não.

- Mas você sabe que em algum ponto esta superfície de água se encontra com o horizonte, ou não? Você sempre a vê em uma determinada altura, na altura dos seus olhos?

- Sempre na altura dos olhos.

- Mas como? Quando entramos no mar, esta massa de água vai subindo, não é?

Subir ou descer é de fato uma questão de ponto de referência. Dei-me conta que Maria falava do mar sob o ponto de referência do sujeito que possui os pés plantados sobre o chão

e que, caminhando, entra em suas águas. Se eu entrasse na água e me mantivesse caminhando, logo estaria submerso. Portanto, o nível da água estaria “subindo”. Maria não experimentara o horizonte. Conhecia dele apenas um conceito visual, esvaziado de carne. Como poderia supô-lo como algo plano, que se estendia para além dos olhos, em uma reta? Sua referência sempre seria o solo sob seus pés e o nível da água que, a cada passo, distanciava-se de sua cabeça. Tive então de admitir:

- Você está certa, Maria. Nós partimos de dois pontos de referência diversos. Ambos estão corretos.

- Mas, o olhar percebe que o mar vai subindo. Não?

- Acho que o senso comum do olhar, não.

Abaixo de nós, ouvimos os outros irmãos. Levantei-me, descii alguns passos e fui na direção de suas vozes. Retornamos ao alto do lajedo e lá sentamos juntos, de frente para o horizonte.

Sentada sobre a pedra, Joana abraçava os joelhos e balançava levemente seu corpo, para frente e para trás. Ficava assim quando estava em silêncio, pensativa. Era como se ninasse a si mesma. Passou as mãos nos cabelos e disse, olhando para o céu:

- Havia uma coisa que me preocupava muito na minha infância: o que é o céu? E o espaço, a terra, o que são? Então às vezes eu sentia umas fobias. À noite, eu não gostava de erguer o rosto e olhar pra cima. Embora eu não enxergasse nada, eu achava que podia cair alguma coisa lá de cima.

Ao contrário de Manuel, Joana era econômica com relação a risadas. Esboçou um sorriso entre os dentes e continuou a descrever suas imagens de infância:

- Quando pensava no céu e no espaço, pensava em alguma coisa como o sopé de uma montanha. Ele ia subindo, subindo, subindo. E lá em cima havia inúmeras gavetas. Gavetas para chuva, gavetas para o sol, gavetas para vento.

Logo o sorriso lhe abandonava para surgir em seu rosto os traços de expressões tensos, próprios da análise e do raciocínio:

- O que eram estas imagens senão uma tentativa de dominar aquele espaço, aquela amplidão misteriosa que sabemos existir mas que não conhecemos? Era necessário criar “lugares” para as coisas. Lugares com os quais eu pudesse dominar aquilo, com os quais eu pudesse dominar aqueles elementos, aquele inexplicável.

Enquanto eu pensava no que ouvira, Manuel se adiantou e disse de lá:

- Não consigo descrever como é o céu. Eu sei o que ele é: um firmamento cheio de corpos celestes e de estrelas. Eu li a respeito. Mas para mim o céu é como se fosse um vaso. Um grande vaso.

Lourdes, sentada com as mãos postas no colo, também balançava seu corpo de forma semelhante a Joana. E disse de lá suas poucas e repentinas observações:

- Vocês tão falando do céu? O céu é um negócio dumas nuvenzinhas, não é? Um clarinho com umas nuvenzinhas?

Ao contrário dos outros irmãos, Lourdes não tecia muitos comentários sobre suas percepções, vindas da cegueira. Para ela, a cegueira se definia como “uma coisa normal”. Ao contrário dos outros irmãos, preferia falar de lembranças do que sobre o que ocorria consigo em tempo presente. Ela me pareceu estar tranqüilamente instalada do lado de dentro da linguagem. Não lhe preocupava o fato de não tocar as nuvens para saber que forma possuíam. Tampouco era um problema saber quais seriam as diferenças entre a palavra verde ou azul. Lourdes completou de lá sua imagem do céu:

- Quando tá bonito pra chover aí, fica bem azulzinho.

Manuel se apressou em complementar sua descrição do céu. Talvez tenha sido impelido a isso pelo silêncio no qual eu me meti, tentando enxergar alguma proximidade entre o céu e um vaso:

- O mundo de um cego de nascença, é um mundo criado.

Continuou falando, rápido como uma metralhadora. Se lhe falasse a palavra “banana”, seu cérebro criava uma forma curva. Em seus termos, sua mente não “criava” uma cor, mas sim um tamanho, uma consistência própria da fruta. As cores “verde” ou “amarelo”, se unidas à

palavra banana, lhe informavam se ela estaria “dura” ou “madura”. Para Manuel, tudo se tratava de uma criação:

- Não é a existência de um corpo, o que tenho na minha frente. É uma informação. Só que essa informação é uma criação. Uma criação de meu cérebro.

Para Manuel, era claro que sua relação com o mundo não se estabelecia de forma direta. Entre ele e o mundo, havia um processo de criação desenvolvido por seu corpo. Ele dizia isso sem qualquer pudor. Sabia-se cego e esta condição lhe dotava de uma sólida consciência de que ele próprio criava e manipulava informações.

Havia na cegueira uma consciência profunda dos limites da percepção. Ela era o saber incorporado de que conviviam com um mundo criado a partir destes limites. Os cegos eram atravessados em seus próprios corpos pela certeza de que nunca estariam completamente certos. Eram certos de sua incerteza. E incertos de suas certezas. Nós videntes pensamos que temos à nossa frente um mundo pronto e acabado. Só precisamos abrir bem os olhos e deixá-lo entrar em sua indiferente integridade. Já os cegos, por saberem-se cegos, se dão conta que a realidade é montada aos pedaços.

Com o fim da tarde, resolvemos descer do lajedo. No percurso da descida, me veio à mente uma pergunta. Como os irmãos Belarmino se deram conta que eram cegos? Quem, vindo de fora, lhes contou que algo lhes faltava? O que havia acontecido para que um dia, fossem extraídos da solidez e da maciez, dos calores e friagens dos toques, e da gravidade e agudeza dos sons? Quem havia lhes dito que a realidade possuía uma outra face, inacessível para eles? Afinal, se nunca houvesse chegado esta informação, vinda de fora do universo da cegueira, eles teriam conformado o mundo à sua maneira. Era necessário que algo externo houvesse lhes sussurrado: o mundo não cabe inteiro na palma de tuas mãos.

Para os quatro, logo cedo, ainda muito meninos, este elemento externo éramos nós, videntes. Eles eram “os filhos cegos de seu Belarmino”. Mas nesta idade não “ter vista” ou “ser cego”, não possuía concretude alguma para eles. Além do mais, viviam em uma família aonde a cegueira predominava. Para Joana, o sussurro foi proferido por uma pedra:

- Eu devia ter uns quatro anos. Não tinha incorporado a cegueira como uma diferença. Brincava no quintal da casa, onde havia muitas pedras. De repente, comecei a sentir a presença das pedras em minha face. Era a “sombra” delas roçando em minha testa. Comecei a pular e correr, alegre com aquela sensação, dizendo “eu vejo”, “eu vejo”. Então bati a cabeça em uma pedra mais alta que cortou a minha testa. Aquilo foi um choque muito grande pra mim. Eu saí do quintal, e a partir de então, tomei consciência da minha cegueira.

Para Lourdes, a cegueira foi anunciada por um velho que, entrando em sua casa certo dia, a viu sentada na rede. Ela balançava a cabeça ininterruptamente para frente e para trás, como um pêndulo.

- O velho perguntou pra minha mãe por quê eu tava balançando a cabeça. Ela disse: “Ela é cega. Ela passa o dia todinho balançando, balançando”. E o velho disse: “Dê chá de folha de bunina branca”.

Lourdes parou sua história por aí. Não falou mais nenhum detalhe sobre o chá ou de suas serventias. Deu-se conta que era incomum embalar o próprio corpo por muito tempo.

Manuel passou a contar a história de como se deu conta que era cego. Por volta dos quatro anos, era apaixonado pelo som de chocalhos e deu início a uma coleção. Um dia, ouviu ao longe o tilintar de um deles, vindo do curral da fazenda. Eram as ovelhas e as cabras de seu pai. Mas Manuel não sabia ao certo o que eram ovelhas ou cabras. Pensava que eram alguma coisa semelhante a meninos como ele, que andavam correndo com um chocalho na mão.

- Então eu dizia: “ô cabra, dá teu chocalho pra eu brincar”. E a cabra saía, e eu saía atrás dela, tentando convencer os bichos: “Ovelha, me dá teu chocalho pra eu brincar”. Eles corriam e eu corria atrás do som dos chocalhos.

Na perseguição, Manuel distanciou-se cada vez mais da casa e perdeu-se em meio às cinzas de uma coivara. Foi encontrado pelo proprietário da fazenda vizinha que lhe perguntou o que fazia ali tão longe de casa. E continuou Manuel:

- Disse para seu Zacarias que tinha ido atrás da ovelha que se recusava a me dar seu chocalho. Ela tinha ido embora com as outras e me deixado lá sozinho entre as cinzas. Eram umas seis da tarde quando este homem me pôs no braço e me levou para casa.

Em casa, entregue a seu Mariano, Manuel tomou conhecimento das diferenças entre ovelhas e meninos e sentiu então que “era especial”.

Maria, até então calada, disse:

- Você não teve pedras ou ovelhas para te avisar que o mundo não cabia inteiro dentro de teus olhos, não é Tomé?

Não. Não existiram pedras ou ovelhas. Tampouco houve algo semelhante ao que para eles éramos nós, videntes, este elemento externo, que me alertasse sobre minha cegueira. Mas agora eu ouvira também um sussurro. E este sussurro vinha deles, os irmãos Belarmino. E de sua casa, repleta de tantos espaços e obstáculos invisíveis para mim.

Chegamos ao sopé do lajedo e cruzamos o caminho de volta até o chevrolet. Os últimos raios de sol sumiram no horizonte. Serafim deu partida no motor, ligou o aparelho de som e Sinatra voltou a cantar. Era novamente “Tea For Two”. Seguimos o curso retilíneo da estrada ressecada do sertão em ritmo de fox-trot, de volta a São José do Egito.

VI. A Pedra Furada

Do banco traseiro do chevrolet eu olhava o sol em seu ocaso, mergulhando os agrupamentos de pedras numa densa sombra. Lá longe, ele desceu e escondeu-se atrás de uma grandiosa pedra que exibía um furo em seu centro. Foi então que, embalado por Tea For Two, me recordei do pacote que recebera de Clément. Recordei das mais de duas mil fitas gravadas em vídeo. Surgiu em minha mente aquela, em especial, etiquetada com o dia 05 de dezembro de 1989. Minha respiração se acelerou e um sentimento de urgência passou a correr em minhas veias, invadindo todo meu corpo. Era aquela mesma pedra furada que havia aparecido nas filmagens de Antão.

Tentando domar minha ansiedade, pedi que Serafim parasse o carro. Eu precisava saltar e ir até àquela pedra. Estávamos no mês de abril. Apenas quatro meses nos separava do momento em que aquelas imagens foram filmadas. Quem sabe Antão não estivesse ainda ali? Quem sabe não pudesse encontrá-lo?

- O que houve, Tomé? Você parece nervoso...

Não quis entrar em detalhes com Joana. Tampouco com nenhum dos irmãos. E se Antão não estivesse mais ali? Se tivesse continuado sua caminhada para além do lajedo da pedra furada, para além do sertão? Não. Era preciso que eu conferisse pessoalmente.

Disse para meus amigos que preferia voltar a pé para São José. A cidade estava próxima e a noite parecia fresca, propícia para caminhadas e reflexões. Desci do carro sob os protestos e preocupações de Joana e Manuel. Consegui engolir minha tensão, aparentando mansidão e calma, enquanto falava sobre as benesses trazidas às artérias e ao coração pelas caminhadas. Logo se resignaram, convencidos de que eu estava tranqüilo e mantinha o juízo sob as rédeas. Convidaram-me para o almoço do dia seguinte, onde toda a família se reuniria.

Antes de partirem, Maria puxou da bolsa uma sombrinha. Da janela, me entregou e disse:

- Talvez precise disso, é bom que leve com você. Os pássaros estão pesados.

Serafim olhou para mim através da janela, acompanhando meio incrédulo, o início do rumo que eu tomava. Deu partida no velho chevrolet e sumiu rápido atrás da poeira da estrada. Ali, sozinho, me dirigi a passos largos para a grande pedra furada. Segurando uma sombrinha cor de rosa, olhei para o céu escuro, tentando localizar os “pássaros pesados”.

Parte 4

Entram o Vento e a Chuva

I. O Deserto Febril

Estávamos sós, eu e o deserto. Meus passos eram amplos, cheios de certeza e atropelavam tudo o que repousava em seu caminho. Segurando firme a sombrinha cor de rosa e pisando forte o chão, eu ouvia o estalar das pedras e dos restos de palma ressecada sob as solas de meu sapato. A noite de lua minguante oferecia apenas uma luz rala. E tornava cada passo uma aventura. Só existia um sentido: a pedra furada.

A cada passada, pensava sobre o dia sem par que passara com os irmãos cegos da família Belarmino. Entre eles, reparei que aquilo que chamamos de realidade não era uma instância independente, separada de nós. A realidade com a qual conviviam e que me descreveram, era inapreensível para mim, que possuía visão. Eu nunca conheceria a consistência rígida dos espaços escuros ou a maior penetrabilidade dos espaços claros. Nunca perceberia a temperatura e o calor emitidos pelos olhos de alguém. Tampouco o espaço se contrairia e se expandiria, abrindo-se e fechando-se a cada passo que eu desse. Para estes fenômenos, eu era invariavelmente cego.

Olhei para as rochas que se interpunham ao filete esguio de luar e detive-me na linha do horizonte, que se estendia para muito além de mim. Era algo inacessível ao agarrar dos dedos. Ele nunca se deixaria acariciar por Maria ou por Lourdes. Também seria para sempre insuspeitado para os Belarmino que a altura infinitamente vertical do céu, fosse capaz de encostar-se à horizontalidade do mar e, ao mesmo tempo, nunca tocá-lo. Esta face do real era possível apenas para nós videntes.

Cada estrutura sensorial criava, a partir de suas peculiaridades, os espaços nos quais deambulava e os objetos para os quais apontava. O que percebíamos descansar à nossa frente, era o mundo possível de se apresentar em nossos corpos. Suas cores e tons surgiam quando sobre ele eu pousava minhas retinas. Seu aroma era acre, adocicado, apodrecido ou perfumado apenas quando eu o inalava. A aspereza da terra e a polidez de uma pedra, estavam nas minhas mãos que os tocava. De alguma forma eu podia afirmar: eu sou o meu mundo.

Não sei bem se o peso que senti neste momento vinha da carga de meus pensamentos, intensos e acelerados, ou se da caminhada que deflagrara. O fato é que aos poucos minhas passadas, antes largas e firmes, afrouxaram e perderam o ritmo. Os pés ganharam peso. Cada encontro com o solo reverberava em minha cabeça. O lajedo parecia distanciar-se. Mas ele parecia tão próximo visto da estrada... A minha ansiedade em escalá-lo teria o aproximado? É possível que não tenha sabido medir distâncias nem esforços. E agora, depois de meia hora num caminho reto e pedregoso, sentia meu corpo vergar.

Parei por um instante. Curvei-me, levando a mão até o chão e dele retirei uma pedra lisa. Segurei o pequeno seixo entre minhas mãos e apertei-o, sentindo de sua solidez um resto de seu calor. Aproximei-o de meu rosto, observando sua polidez. Não havia nenhum ângulo agudo que maculasse aquele arredondado. As ações do tempo haviam retirado dela qualquer aresta. Retomei o rosário de meus pensamentos segurando o seixo entre os dedos.

A realidade brotava do encontro de nossos corpos com o meio que o circundava. Só no espaço estreito, nas bordas limítrofes, entre nós e nosso entorno é que a face de nossas realidades surgia. E elas dependiam intimamente das estruturas de nossos organismos e de suas peculiares grades sensoriais. Era fato que nossas diversas características definiam o tipo de contato estabelecido com o meio com o qual nos relacionávamos. Nele, nós operávamos cortes e seleções, usando os instrumentos que tínhamos ao nosso alcance: moléculas, sinapses, neurônios, cones, bastonetes, retinas, nervos óticos, fibras musculares, sensores epidérmicos, córtex, cérebro. Era a partir da peculiaridade destes instrumentos que estabilizávamos um fluxo caótico de fenômenos⁹⁰.

⁹⁰ Vemos nesta longa passagem que Tomé, após a experiência que viveu entre os irmãos Belarmino, re-processa o primeiro abalo que sua noção de realidade havia sofrido. Arrisco dizer que sua saga solipsista se encerra com esta outra definição de realidade. Tomé se dá conta claramente que a realidade, antes de ser algo pronto e pré-dado, é o fruto de uma ação, de um processo. Digo de passagem que definir a realidade não como um substantivo, porém como um verbo, é o que fazem os biólogos Humberto Maturana e Francisco Varela. Seu conceito de **acoplamento estrutural** indica exatamente isso. Entre indivíduo e meio existiria para os biólogos um eterno processo de interação. Tratar-se-ia de um processo montado de forma circular: o meio ambiente “perturba” as estruturas do indivíduo e este, por sua vez, “perturba” seu meio. Se estas trocas entre indivíduo e meio com o tempo se tornam recorrentes, se daria uma dupla modelação de estruturas. Dizem os biólogos: “Nessas interações, a estrutura do meio apenas desencadeia as modificações estruturais das unidades autopoieticas (não as determina nem as informam)”. Logo depois asseveram: “A

Porém, estes instrumentos, próprios aos nossos corpos de homens, haviam sido produzidos pelo mundo assim como as pedras, as samambaias, os melros, e os grãos da areia. Tratava-se de um paradoxo circular. Tão circular quanto o seixo entre minhas mãos: nós produzíamos, através de nossos instrumentos, um mundo que, por sua vez, havia produzido tais instrumentos.

Estes instrumentos eram como aquele seixo: possuíam uma longa história. A história de um acordo entre nossos corpos e o meio em que surgiram, no qual estão incluídos. Um acordo fisiológico tramado lentamente, ao longo de nossa história. Uma história que ia além de mim e se perdia no passado de minha espécie. Cada realidade, a um só tempo, era e continha a história dos corpos que a produziram⁹¹.

Toda alteração, mesmo que mínima, neste acordo fisiológico, fazia brotar uma nova configuração, uma nova realidade. Uma modificação nas estruturas de um corpo obrigava a elaboração de novos acordos. E deste acordo, um outro estrato de realidade eclodia. Era o que a cegueira havia me revelado⁹².

recíproca é verdadeira em relação ao meio. O resultado será uma história de mudanças estruturais mútuas e concordantes até que a unidade e o meio se desintegram: haverá *acoplamento estrutural* [grifo dos autores].” (MATURANA H. e F. Varela. *Op. cit.* p. 87)

⁹¹ Na trilha reflexiva de Tomé Cravan, ainda é possível vislumbrar em paralelo, as idéias de Maturana e Varela. Como indicado na nota anterior, indivíduo e mundo interagem e trocam reciprocamente perturbações, numa modelagem mútua de suas estruturas. A recorrência destes acoplamentos estruturais estabelece um histórico cujo ponto inicial é insondável. A esta história das relações estabelecidas entre indivíduo e mundo é dado o nome de **ontogenia**. Sucintamente, os autores definem **ontogenia** como sendo a “história de transformações de uma unidade, como resultado de uma história de interações, a partir de sua estrutura inicial.” Quando Tomé fala da “história de um acordo”, poderia se pensar portanto em ontogenia (MATURANA e VARELA. *Op. cit.* p. 277)

⁹² Vale a pena lembrar que os acoplamentos estruturais, e a ontogenia deles derivada, estabilizam uma dada espécie de organismo vivo em um certo “consenso fisiológico” como indica Tomé Cravan. Porém, dentro deste consenso, eclodem diferenças, já que cada indivíduo de uma espécie possui peculiaridades e características. Além da ontogenia de uma espécie, há também uma ontogenia de cada membro da espécie. É fato, por exemplo, que há variações drásticas de percepção auditiva dentro de um grupo de indivíduos cuja audição é considerada perfeita. O mesmo valendo para percepção visual ou percepção térmica. Podemos daí concluir que quanto mais nos distanciamos do macro (espécie, genótipo) em direção ao micro (indivíduo, fenótipo), nossos aparelhos de análise e de medição irão crescentemente tornando-se débeis e incapazes de mostrar precisão.

O vento, neste momento, parou de soprar repentinamente e o ar tornou-se uma capa de chumbo sobre meus ombros. À minha esquerda, cerca de vinte passos, o som agudo de um pássaro rompeu o silêncio da noite. Um outro canto surgiu logo depois, à direita. De um arbusto ressecado saiu um vulto, sobrevoando de perto minha cabeça. Agachei-me e ali, parado por alguns instantes, reparei na sucessão de piados.

Levantei-me, larguei o seixo no chão e retomei a caminhada. Outros diferentes cantos surgiram em vários tons, costurando no ar uma teia densa de diferentes fraseados. Logo depois, cigarras começaram a soltar seus gritos roucos. Tudo em um só momento parecia ter despertado de um sono profundo, e passado a berrar suas diminutas resistências. O ar, parado, envolveu pedras e arbustos de marmeleiros em sufocante calor. Os galhos cinzentos estalaram como juntas de um corpo a se espreguiçar e a terra passou a respirar, exalando um cheiro de gavetas e armários fechados. Olhei para o céu e o vi coberto de nuvens. Não houve tempo sequer para baixar meus olhos e concentrar-me na trilha. Uma chuva despencou sobre minha cabeça como guilhotina.

O sertão se desfazia. Para mim, parado e atônito como uma estaca, no olho da tempestade, restou abrir a sombrinha cor de rosa. Com ela em punho, segui a trilha reta do lajedo em uma passada cada vez mais encharcada. Meu corpo em pouco tempo também passou a deitar sobre o solo suas umidades. De meu nariz, escorria o prenúncio de uma gripe. Dali em diante o caminho foi vencido em uma seqüência de espirros.

Não sei ao certo quanto tempo foi necessário para que me visse no sopé da pedra furada. Sei, todavia, que meus ossos tilintavam de frio sob a chuva ininterrupta. Estendi minha mão trêmula e toquei a indiferença da pedra. Ali a água havia construído também seus caminhos e escorria por entre as imensas rochas. Empilhadas umas sobre as outras, elas formavam escadas e terraços protegidos da chuva. Para escalá-los, eu precisaria das duas mãos. Larguei a sombrinha cor de rosa de Maria logo abaixo e iniciei uma hesitante subida. Juntas e justapostas, as pedras formavam portas que indicavam inúmeras veredas. Lá em cima, trêmulo e constipado, já não pensava em Antão ou em “casa dos cegos”. Existia apenas uma urgência: livrar-me da chuva e aquecer-me. Exausto, cheguei ao topo do lajedo.

A pedra furada era a última do monte de rochas empilhadas. Em torno dela, havia uma área plana coberta de terra batida, cercada por rochas menores que formavam pequenas grutas. Aninhei-me ali, dentro de uma delas. Protegido da chuva, esfregava os braços contra o peito em busca de calor, tentando em vão livrar-me da febre que me invadia. Lá fora, a chuva caía sobre a entrada de meu abrigo, formando uma cortina. De meu canto, no fundo da gruta, era possível ver através da luz tênue da lua, um pé de palma que crescera entre os seixos corpulentos. E assim, esgotado, envolvido pelo som da chuva, meus olhos pesaram.

Foi quando vi um movimento brusco balançar o emaranhado verde. Apreensivo, fixei meus olhos no arbusto. Entre seus espinhos, vi surgirem dois dedos finos e encrespados que logo se revelaram como sendo as extensões de duas mãos inteiras. Vagarosamente, elas abriram caminho entre os galhos, para que dois braços pudessem se revelar. Logo depois, uma cabeça inteira surgiu, portando uma barba comprida cujas extremidades, molhadas pela tempestade, ganharam a forma pontuda dos espinhos da palma. Um corpo esquelético, colado a uma bata escura, veio então em minha direção. Na porta do abrigo, em meio à cortina de chuva, esticou os braços, bocejou e entrou.

Fechei meus olhos e retesei todo o corpo como uma ostra, quando vê o predador. Algo molhado se acomodou ao meu lado. Um cheiro de suor, sufocante e enjoado, emanava do tecido sujo e ensopado. Seguiu-se um suspiro profundo e uma voz, cujos contornos possuíam a doçura do falar lusitano de “trás dos montes”, disse:

- Ai, ai... Faz bastante frio por estas plagas, não é mesmo, ó filho?

De olhos ainda cerrados, pensei sobre as alucinações que brotam de certas febres altas. Meus dentes também estavam trincados, mordendo meu medo, quando senti na testa uma pressão macia e morna.

- Trinta e sete e meio. Tua temperatura está um pouco acima da normalidade. Não te afobes: consigo, a saúde encontra-se bem. Um bocadito magricela, é bem verdade. Mas és um gajo forte.

Prendi a respiração e abri os olhos. Esfreguei-os bem com os nós dos dedos e deparei-me com um largo sorriso cujos dentes só ocupavam metade da gengiva. Aquilo que se

apresentava pôs a mão dentro da bata fedorenta e molhada. Dela, retirou um maço amarrotado de Marlboro. Puxou do maço dois cigarros tortos, pôs um na boca e ofereceu-me o outro. Trêmulo, aceitei. Como a lixa de sua caixa de fósforos estava úmida, riscou o palito na pedra e com ele acendeu os dois cigarros. Do seu, tirou um longo trago, soprou círculos no ar e disse, olhando para mim profundamente:

- Humm... Estás febril. Mas não vejo mais bichos mortos em teus olhos, ó filho.

Uma risada nervosa saiu de meu peito, rasgando-me a garganta. A distância entre o medo e a raiva não me pareceu muito grande. E a fronteira entre as duas rompeu-se em mim. O que era aquela miséria que me visitava novamente?

De súbito, pulei sobre aquilo que parecia uma visão. Ela não esboçou qualquer reação, mantendo o sorriso nos lábios, mesmo que eu estivesse sobre seu corpo, segurando forte sua garganta. Puxei sua cabeça pelos cabelos longos e oleosos e meti dois dedos em sua boca. Vasculhei bruscamente a rudeza úmida de sua gengiva desdentada. A figura esguia tossiu, regurgitando um líquido viscoso. Com o dedo, tateei um dos buracos, certificando-me que ali houvera um dente. Neste momento, saiu de sua passividade. Com o que lhe restava de dentadura, cravou-me uma dolorosa mordida no indicador. Num grito, puxei-o rapidamente e saí de cima de seu corpo, voltando para o canto de onde não deveria ter saído. Olhei para meu dedo embebido em uma baba sanguinolenta e pude sentir o cheiro podre de sua boca. Caso aquilo fosse uma visão, possuía os dentes afiados e a boca mais nauseabunda de que ouvira falar. Peguei o cigarro que havia caído no chão e puxei um trago. A mesma risada nervosa e trêmula, misto de susto e vergonha, escapou de meu peito.

Ele levantou-se do chão, elegantemente. Bateu a poeira do tecido de sua bata em trapos, me olhou e sorriu:

- O que me dizes? Vais agora cessar com esta parvoíce para que possamos estabelecer um diálogo civilizado?

A chuva caía sem trégua, porém seu ritmo havia ganho mais lentidão. Resolvi manter-me ali, tendo de um lado a solidez fria da pedra e do outro, o visitante, misto de visão e mal hálito. Fez-se algum silêncio entre nós antes que ele voltasse a provocar um diálogo.

- Olha-se para esta paisagem cinzenta como um cadáver e não se é capaz de suspeitar tantas vidas a emitir seus pequeninos suspiros, não achas? Vês? Bem aqui do nosso lado?

Estendeu o dedo encardido até a parede de pedra e apontou para um longo caminho de formigas. Enfileiradas, elas andavam nervosamente nos dois sentidos da marcha, do chão de terra batida até uma fresta da rocha. Permaneci calado. Sabia que, de onde havia parado sua fala, surgiria algo mais. Ele não tardou a confirmar minhas suspeitas:

- Reparas, ó filho? São as belas *Pheidole Kingi Instabilis*.

Eu esbofetei meu próprio rosto por duas vezes e mordi meu antebraço procurando convencer-me de que estava envolvido pelas imagens infectadas de minha febre. Como delírios não costumam deixar marcas na pele resolvi desarmar-me e aceder ao diálogo.

- Posso estar ficando louco em conversar com uma fantasmagoria produzida por meu juízo que, na verdade, nunca foi grande coisa. Mas, mesmo louco, tenho boa memória. Da última vez que nos vimos em minha varanda, o senhor falou-me de nervos óticos e seus “pontos cegos”. Recordo-me bem. Falou-me de paradigmas e da realidade como um consenso fisiológico de uma dada espécie. E agora? Dissertará sobre botânica e insetos?

- Nunca te demoraste a olhar formigas, criatura? Que tipo de infante foste tu? Não é à toa que acabaste por vir à tona como um adulto, cuja conformação é deveras melancólica... Vamos! Arregaças as mangas e mete-te aqui comigo para ver as formigas!

Não sei bem ao certo por que obedeci prontamente seu comando. Ficamos os dois de quatro, um ao lado do outro, com os narizes no chão. As formigas andavam em grande frisson. Cada uma delas, ao cruzar com a outra, parava e roçava as antenas. Logo depois, seguiam seu trajeto. Por algum tempo ficamos olhando este vai-e-vem até que ele virou o rosto para mim e disse empolgado:

- Cada roçar de antenas é uma troca de informação. A informação circula através da química produzida pelos corpos que se roçam, caríssimo! Estas trocas de substâncias indicam para cada indivíduo da comunidade os lugares para se ir e objetivos a serem cumpridos lá. Caso seja uma movimentação de defesa, há uma informação química. Caso seja comida, há outra informação sendo trocada.

- Elas de fato parecem trocar informações.

- Os biólogos chamam este processo de troca de informação entre insetos que vivem em comunidade de “trofolaxe”.⁹³

Aproximei-me um pouco mais daquele batalhão nervoso e passei a observar suas formas diminutas.

- Vejo que há diferenças entre elas. Algumas são maiores, outras menores e mais claras...

Ele abriu novamente o sorriso assemelhado a um rombo causado por uma bala e disse cheio de comoção:

- Sim, sim... que beleza são as surpreendentes *Pheidoles*!! Sabes, ó filho? Nesta troca de substâncias, transferem-se também informações hormonais. Estes hormônios, circulando sempre em certos níveis nos seus organismos, é que são responsáveis pelo papel que cada formiga ocupa na sociedade. Não desejo estorvar-te, mas sabes como surge entre elas uma rainha?

- Da forma que o senhor parece querer aproximar sociedades de formigas e sociedades humanas, diria que envolveria origens, tradições e sobrenomes nobres. Seria um processo nobiliárquico hereditário, como aquele que se dá na Espanha ou no Reino Unido?

⁹³ Palavra grega, “trofolaxe” significa literalmente “troca de alimento”. A trofolaxe é própria dos chamados “insetos sociais” e, como é descrita na fala do suposto Antão, revela que entre abelhas, cupins e formigas, uma comunicação de fato se estabelece. Se definirmos comunicação como uma troca contínua de informação entre indivíduos que interagem, somos levados inevitavelmente a estender este conceito para outras espécies vivas, além do homem. (MATURANA e VARELA. *Op. cit.* p. 207) A partir das recentes pesquisas sobre a biologia de outros seres vivos, os limites entre natureza e cultura passaram a ser fortemente revistos. Mesmo processos simbólicos - tidos como baliza diferencial entre “animalidade” e “humanidade” - são detectados em inúmeras espécies animais. É o caso dos gansos, descrito por Edgar Morin. Em seu ritual de acasalamento o macho, com o bico, oferece um ramo seco de algum vegetal para a fêmea. O ramo seco surge como um substituto para o ninho, funcionando, portanto, como um “signo”. (MORIN, Edgar. **O Enigma do Homem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979) Entre grandes primatas é bem conhecido o uso de linguagem simbólica. É o caso dos gorilas, capazes de usar o “ameslan”, idioma gestual de surdos-mudos. (MATURANA e VARELA. *Op. cit.* p. 235)

Ele arregalou os olhos e soltou um riso assemelhado a uma gagueira descontrolada. Logo depois, cortou abruptamente a risada com um pigarro, recobrando instantaneamente a voz calma e mansa:

- O formigueiro constrói a rainha através da alimentação. Uma determinada dieta de informação hormonal, transferida por “trofolaxe”, transforma uma larva em rainha. Se a rainha for alimentada de outra forma, que não mantenha certos níveis hormonais, ela perde sua função social.

A comunicação estabelecida entre cada indivíduo do formigueiro condicionava a forma de seus corpos e os papéis sociais executados por cada um deles. Era o que dizia aquilo que aparecera para mim, naquela noite de chuva, por entre os espinhos da palma. A forma com que esta coisa falava era sempre dúbia e escamoteada. Quando em minha varanda falou de nervos óticos e dos limites da visão, escondia por baixo da manga questões de epistemologia e os limites do paradigma. Agora, referia-se a formigas, mas parecia apontar para algo além delas. Procurei arriscar a direção de seu dedo:

- O senhor quer me convencer que homens e insetos estão em um mesmo pé de igualdade?

- Para ser sincero consigo, obrigo-me a dizer-te que não. Os insetos são bem superiores. Já viste alguma vez uma formiga fingir que não viu a outra e desviar o caminho? Ética inigualável esta vivida pelas *Pheidoles*!!

Voltamos a nos sentar de frente para chuva. A visão acendeu outro cigarro torto com a ponta do anterior que já se consumira. Prosseguiu falando, mas agora sua voz tornara-se baixa e monotônica.

- Sabes, ó filho... sua comunicação é muito superior a dos homens. Ela se dá através da química e não de símbolos. Substâncias químicas são exatas: informam precisamente o que precisam informar. Modelam claramente a fisionomia dos corpos e conduzem suas ações.

Já as palavras não. Nossa trofolaxe é imperfeita. O que funda a comunicação humana é o desvio e o engano⁹⁴.

Seu olhar estava perdido e assim, vazio, imprimia uma expressão cada vez mais luminosa em sua face.

- Digamos que um homem veja uma cena. Digamos que assistiu pessoalmente a um assassinio durante um pôr do sol, atrás das pirâmides do Egito. Ele pode contar isso para um segundo homem. Este segundo homem, possui uma descrição do homicídio, sem que nunca tenha visto o sangue espirrar ou escutado o som surdo do corpo a tombar no chão. Este segundo homem pode, por sua vez, narrar para um terceiro uma experiência que nunca teve. E este terceiro também possuirá em sua mente uma cena de morte. Vês em que imbróglio estão metidos os homens?

Ele pousou a mão sobre meu ombro como se cumprimentasse a um antigo conhecido. Abriu o sorriso devastado e perguntou-me em tom animado:

- E então? Já tens a resposta para a pergunta bergsoniana? A matéria do mundo é uma construção de teu cérebro ou o teu cérebro é construído pela matéria do mundo?

- A pergunta que o senhor me faz já contém, em si mesma, a resposta. Meu cérebro é uma construção da matéria do mundo e o mundo é uma construção de meu cérebro. É simples: a conjunção “ou” tende a separar, segregar, opor categorias. Basta que substituamos a conjunção “ou” por “e”. Assim, o que seria uma oposição pode ser vista também como uma complementação.

- Bravo, caríssimo. Trata-se de um falso problema. Falsos problemas geram falsas questões que, por sua vez, geram falsas respostas. Vejas bem... antes de mais é preciso situar as coisas. A linguagem, usada para comunicar-se o que se viu, sempre pressupõe e evoca a própria linguagem. É como um círculo, percebeste? Não há um ponto de partida não

⁹⁴ Chamar a comunicação humana de “desvio e engano” é uma verdade poética. Porém, de nossa parte, preferimos a forma que Tomé se refere aos processos comunicativos, desenvolvida no correr de toda a parte 3 de suas memórias: re-criação.

lingüístico na comunicação. Ela desliza, de um dizer a um outro dizer, na direção de um próximo dizer.

Esqueci-me por completo da improvável solidez daquela imagem que tinha diante de mim, dividindo comigo o mesmo abrigo. Sequer dei-me conta do correr das horas ou do ritmo da chuva que provavelmente indicava uma trégua. Entre nós havia mais convergências que arestas. E assim, deixei-me levar pelo calor da conversa que, além do mais, aquecia-me os ossos trêmulos. Produto ou não de temperaturas febris, entabulei com meu companheiro um longo diálogo. Tentarei aqui transcrevê-lo, procurando preservar dele o sabor:

- Sim, sim. Cada sistema de referência possui suas próprias estruturas. Eu só posso me referir ao mundo a partir destas estruturas. Mas, de alguma forma, somos levados a pensar que estamos sempre do lado de dentro...

- De certa forma estamos, sim, do lado de dentro. Porém, não podemos cair novamente no mesmo ardil dualista. Estaríamos dentro e fora, simultaneamente. Vês como funciona nosso sistema nervoso? Há uma estrutura comum na arquitetura neural de uma espécie. Os nossos neurônios possuem uma determinada forma, uma determinada arquitetura. As interações estabelecidas com o meio ocorrem segundo certos limites, certos cortes, certas seleções. Sob este ponto de vista, estamos irremediavelmente dentro, enclausurados. Somos acossados por nossas próprias estruturas. Porém, é preciso observar de perto o que ocorre com os neurônios. Ali, o que ocorre é escambo, troca, tráfico.

- Me fale sobre este processo de escambo entre indivíduo e mundo...

- Mas, como não?! É um fenômeno deveras gracioso! Nas terminações, nas ramificações é que se dá o contato entre dois neurônios. Este ponto de contato é o que chamamos de “sinapses”. Nestas ramificações é que ocorrem as trocas de informações. Esta área é mínima, porém, é lá que a arquitetura total do sistema possui a maior plasticidade. Ali, é que se dá o tráfico. Nesta área limítrofe, nesta fronteira, é que ocorrem as alterações. Ali, numa perene negociação conosco, o mundo entra.

- Somos reposicionados pelo mundo...

- ... mas como estamos a falar de escambos, reposicionamos em nós, o mundo que nos serve. Nosso sistema nervoso, especifica quais configurações do mundo lhe são possíveis e quais modificações lhe interessam impor à sua arquitetura. Num mercado, só compramos aquilo que precisamos. É certo que hoje em dia as pessoas compram e desejam coisas que de fato não precisam. Mas creio que não cabe a nós entrar agora no mérito desta questão sórdida, não é mesmo, ó filho?

- Mas, e quanto à linguagem? Se eu fizer um paralelo entre as estruturas dos organismos e aquelas da linguagem, não sei se poderei estabelecer a mesma relação dentro-fora. Será que aquilo que narro para alguém não pré-existia para a língua que utilizo? Se não está dentro das estruturas orgânicas de uma serpente esquecer o chão e projetar o vôo, não participa das estruturas de uma língua narrar algo que está fora de seu organismo. As línguas não comunicam aquilo que está fora das fronteiras de seu serpentear⁹⁵.

- Sim, é uma feliz imagem esta que compuseste: o sibilar das serpentes e os dizeres dos homens. Há quem pense que, ao invés de sujeitos da língua, seríamos assujeitados pelos estreitos limites inscritos por suas curvas sinuosas. Para esta lógica, a língua surge como um cárcere escuro e úmido no qual fomos metidos, ao nascer. Todo dizer seria, a um só tempo, a anulação daquele que diz. Toda descrição seria movida por uma restrição expressiva incontornável. Mas a paisagem não é tão medonha quanto estes homens enfadados de vida pintaram, meu caro.

- Haveria como sair destas estruturas?

- Há como perambular, filho!! Podemos perambular por entre os dizeres, qual um nômade, que transpõe fronteiras a todo tempo.

- As fronteiras das linguagens?

⁹⁵ Chamo atenção aqui para este trecho que se segue, onde é traçado um paralelo entre o sibilar das serpentes e os dizeres da linguagem. Em ensaio de minha autoria, publicado recentemente, utilizo-me desta metáfora criada por Tomé Cravan, que muito me encantou. Deixo claro, portanto, minha dívida para com o autor no que tange às análises ali feitas por mim acerca do conceito de fronteira, em contexto contemporâneo. (COUTINHO, Marcelo. **Deambulações Sobre O Contorno: Ensaio Para Ser Lido em Voz Alta, Simultaneamente, Por Três Pessoas**. Rio de Janeiro: Revista Item. N. 6. Ed. Casa da Palavra, 2003)

- Sim, sim. Das linguagens e das lógicas que as conduzem. Por certo, já ouviste falar de “silogismo”, pois não?

- Sim, claro. É um esquema de lógica básica. Duas premissas colocadas uma depois da outra, fazem surgir um terceiro termo: uma conclusão. Se todos os homens são mortais e, sendo Sócrates um homem, Sócrates morrerá.

- Exato. Este é o chamado “silogismo bárbara”, muito caro à lógica de Aristóteles. Mas há outros silogismos que montam outras lógicas. Conheces o “silogismo planta”?

- Não.

- Ele se organiza de forma diversa ao que tu recitaste. Pensa comigo: Se todas as plantas são mortais e, sendo também o homem mortal, os homens são plantas. Estamos diante de outro tipo de relações e conseqüentemente de outro mundo, percebes?⁹⁶

Neste momento, a figura colocou-se de pé. Com as mãos na cintura olhou-me, dizendo:

- Sabes, ó filho, és um tanto albarde. Mas tens bom coração. Farei-te, portanto, uma confiança.

Pela segunda vez, repetiu o gesto que havia encenado em minha varanda. Umedeceu com saliva a ponta do dedo indicador e alinhou os pelos assanhados da sobrancelha. Tirou de

⁹⁶ O silogismo “planta”, demonstrado neste momento do diálogo, é sugerido por Gregory Bateson como demonstração de que outras construções lógicas, também baseadas em premissas e conclusões, fazem surgir um outro platô de realidade. Diz Bateson que do silogismo “bárbara” surge uma lógica de abordagem do mundo baseada na classificação e nas categorizações. Por isso é “muito caro” não só a Aristóteles, como se diz no texto, mas também a Platão, pai das categorias fixas. Já o silogismo “planta” “(...) está interessado na equação dos predicados, não nas classes e sujeitos de sentenças, mas com a identificação dos predicados.” Para Bateson, a lógica diferencial do silogismo planta une, religa aparentes opostos: “... aquele que morre é semelhante àquela outra coisa que morre”. A propósito, para a psiquiatria, a lógica das religações contida neste tipo de silogismo, não é aconselhável. O psiquiatra holandês E. von Domarus diz que tal lógica é própria dos esquizofrênicos e dos poetas e que pessoas saudáveis deveriam evitá-la. Já sob o ponto de vista de Bateson, ela surge como uma estratégia de reforma dos laços entre homem e mundo: “(...) uma contribuição bastante útil para os princípios da vida.” (BATESON, Gregory. *Os Homens São Como Plantas*. In THOMPSON, Irwin. *Op. cit.* p. 41-43)

dentro da bata um pente de osso, penteou os restos de cabelo que possuía, pigarreou para limpar a garganta e disse em tom meio solene:

- Há muito tempo atrás, pensava no corpo e na linguagem não da forma como tu a descreveste agora. Tanto a fisiologia dos corpos com suas informações genéticas, quanto a língua, como uma trama herdada, pareciam dissolver-me, esmagar-me. Não eram estruturas de tradução e criação. Porém, estruturas de limite e encarceramento⁹⁷. Um dia, fui tomado por uma idéia deveras indecente. Esperava meu almoço no tradicional Dom Pedro, em frente à Assembléia. Deliciaria-me com os colesteróis de um bom “prego”. Foi então que, trinchando o pedaço de carne com ovo frito, surgiu-me uma idéia.

Envolvido pela narrativa sedutora, embarquei em sua história buscando detalhes.

- Dom Pedro? Aquele que fica na rua do Imperador, no Recife?

- Não, não... No Porto, caríssimo, no Porto. Não conheces o Dom Pedro original, ora pois.

- Porto, em Portugal? Ao lado de Vila Nova de Gaia?

- Sim, cidade do Porto. Separada de Vila Nova de Gaia por uma ponte. Ambas em Portugal. Aonde haveriam de estar? De minha parte creio que o Porto mantêm-se ainda lá, não é? Afinal, os portos sempre ficam. São os barcos que se vão.

Minha cabeça começou a fervilhar, repleta de desconfianças. Quanto a ele, manteve a postura fleumática. Pigarreou novamente, parecendo indicar que iria retomar sua história após ter sido deselegantemente interrompido. Em seguida, reiniciou em tom bacharelesco:

- Eu desvelaria o mundo integralmente, em toda sua crueza, desviando-me de todo e qualquer limite ou corte.

⁹⁷ Sob o ponto de vista da complexidade, a abordagem estruturalista - que advogava o assujeitamento do indivíduo, que supunha inclusive a morte do autor, esmagado e condicionado pelas estruturas herdadas - não mais se sustenta e aponta para uma meia verdade dos fenômenos humanos. Tampouco se sustenta a abordagem humanista clássica, devedora de René Descartes, que formulava a noção de sujeito individual como o autor e centro do mundo. Para Morin, o indivíduo se montaria na encruzilhada trágica desta incerteza: é a um só tempo a generalidade da espécie – genótipo – e a particularidade do indivíduo – fenótipo. (MORIN, Edgar. **A Noção de Sujeito**. In SCHNITMAN, Dora Fried (org). **Novos Paradigmas em Cultura e Subjetividade**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas. 1996)

Ele fechou os olhos e montou na face um ar de concentração. Ergueu o dedo magro, cujas unhas eram compridas e sujas, e apontou para o vazio:

- Abandonei tudo o que construía até então e larguei-me no mundo como andarilho solitário. Defini para mim uma primeira missão. Estava cansado do açoitamento das palavras. Resolvi calar-me definitivamente. Calei-me por um ano até que resolvi escolher uma outra forma de expressão. Pensei na imagem filmada como alternativa ao crivo e aos cortes próprios à língua. Foi a forma que encontrei de livrar-me de sua tirania. Depois de um ano, percebi que mesmo a imagem possuía limites. Existiam nela insuportáveis enquadramentos, que privilegiavam assuntos e retiravam de cena tudo o mais, além do retângulo de sua lente. Os enquadramentos também fatiavam a realidade, deixando escapar sua preciosa e vasta integridade. As imagens não possuíam tampouco aromas variados e nada ofereciam para o toque. Não. Não era suficiente. Eu não estava inteiramente fora das restrições dos dizeres.

Lembro-me do frio que novamente percorria minha espinha. Eu estava assombrado. Ao que tudo indicava, eu tinha diante de meus olhos aquele que procurara nos últimos três dias. Febril, sentado sobre o lajedo, passei a acompanhar cada gesto daquele homem vestido com uma bata em trapos, assemelhado a um mendigo: era seguramente Antão. Antão, o verdadeiro cego da família Belarmino.

Andando em círculos, com as mãos postas atrás das costas, ele prosseguiu falando, em euforia crescente:

- Resolvi, depois de um ano, abandonar minha missão. Vendi a câmara e com os tostões que consegui, comprei um lote de anocitacina. Uma substância neurotransmissora que, aliás, eu mesmo descobri. Por dias, injetei em minhas veias a minha própria criação. Estava disposto a sair de meu estado agnóstico. Na verdade, passei ver a agnose não como um estado patológico em que alguns de meus pacientes entravam. Ela constituía todo e qualquer homem. Mesmo com um sistema visual intacto, não somos capazes de ver tudo o que há na frente de nossos olhos. Foi então que vi além e aquém dos crivos e dos cortes.

Ele respirou fundo e complementou:

- Vi o que há. Ou, o que é.

Pôs as mãos em forma de concha sobre os olhos. Baixou a cabeça e começou a narrar o que então passou a ver, com sua criação correndo nas veias. Tudo o que disse foi a um só golpe, como que tomado por um vertiginoso frêmito. O que ouvi escapar por entre seus lábios naquela noite é impossível de ser reproduzido. Seu corpo acompanhava o teor de cada palavra, se contorcendo na cadência de cada frase. Por vezes o tom de sua voz tornava-se baixo, rastejante e seu corpo se encolhia, tornando inaudíveis certos conteúdos. Garanto que possuía força e encanto inigualáveis. De sua integridade, sou capaz apenas de recriar certos fragmentos desvirtuados que sobraram aos pedaços em minha mente⁹⁸:

- Todas as partes, disjuntas, imersas em algum tipo de substância. Nenhuma possibilidade de inteireza e solidez. Primeira letra do alfabeto hebraico. Uma substância descontínua. Espessa em algumas áreas, formava esguichos de material fino, de cor imprecisa, aproximava-se do marrom muito escuro, típico da junção de todas as cores específicas. A temperatura era provavelmente muito alta pois é típico das altas temperaturas a grande velocidade das moléculas, a ausência de repouso. Seria aquilo um lugar? Provavelmente sequer seria um lugar. Pois lugares são definidos, possuem fisicalidade. São instâncias anteriores, palcos pré-definidos, onde alguma coisa ou alguma ocorrência se dá. E ali, nenhuma definição, constrição ou prensão se mostrava possível. O próprio espaço-para-as-ocorrências, esta instância geradora de nortes e geografias, era igualmente fusionado no mesmo amálgama fluido. O “aonde ocorre” e a “ocorrência” eram um só. Todas as

⁹⁸ Não entraremos no mérito sobre a solidez desta estranha experiência vivida por Tomé Cravan - que aliás, recusa-se a pronunciar qualquer palavra sobre o fato. Porém, é possível ver na descrição que se segue, feita pelo suposto Antão Belarmino, uma imagem próxima ao conceito que o filósofo Gilles Deleuze faz do caos: “Um puro *Many*, pura multiplicidade disjuntiva”. Deleuze, mais adiante, diz: “De acordo com uma aproximação cosmológica, o caos seria o conjunto dos possíveis, isto é, todas as essências individuais”. (DELEUZE, Gilles. **A Dobra- Leibniz e o Barroco**. Campinas, SP: Ed. Papirus, 2000. p. 132) Vale a pena salientar que o caos surge para Deleuze como uma figura de pensamento, um conceito abstrato, uma baliza ou tábua reguladora, a partir da qual medimos o grau de estruturação no qual estamos inseridos. O caos, para o filósofo - como de resto, para os autores ligados às abordagens de complexidade - é inseparável de seu oposto, o cosmos. Edgar Morin inclusive adota para si o neologismo “caosmos”, criado por James Joyce, para deixar clara a inseparabilidade entre ordem e desordem. Para Morin, como para Deleuze, o caos surge como elemento assistemático e imprevisível, que impõe uma diferença, um corte capaz de romper e reposicionar um processo sistêmico de repetições. (MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. São Paulo: Ed. Bertrand Brasil, 2000. p. 237-241 ; **O Método I- A Natureza da Natureza**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2002. p. 79)

possibilidades, todos os devires de conformação coabitavam aquela substância. No plano das conformações matéricas, era como se mármore, elefante, samambaias, garças imperiais, jericos, pradarias, hominídeos, vermes, babaçus, camundongos, falésias, formassem um só corpo. Uma criatura repleta, plena dos inúmeros e diversos devires. Aquilo que vi também era, em potência, todos os sistemas de medidas e todas as categorias. Fahrenheit, raízes quadradas, centígrados, celsius, decibéis, dólares, horas, nós, centímetros, braços, luas, quilates, dias, gerações, passos, épocas, cordas, matrizes, quantuns, arrobas, cruzeiros. Todos os modelos mentais da geometria, triângulos, quadrados, octaedros, circunferências, paralelepípedos, elipses, estavam lá, em potência de traço. As línguas se entrecruzavam num só jorro constante em camadas interpenetrantes de eslavão, hebraico, sânscrito, tacuch, português, brâmane, inglês, grego, esperanto, zulu, mirandês. E, para além do som das línguas, todos os piados, urros e grunhidos animais, todos os arrastares de móveis, lábios a salivar, baques, roncões e revirares de intestinos, tecidos a se rasgar, escarros, estalares de sementes, rangeres de dentes, bateres de asas, fôlegos e resfôlegos, piscares, sugadouros, pêlos a rebentar, borbulhações, deglutições, bocejos e urros de tédio, o pulsar surdo do sangue, todas as notas musicais e seus harmônicos, todos os acordes e desacordes. E também todos os silêncios. Ouvi todos os diferentes silêncios, emitidos pelos inumeráveis tédios, espantos, comoções, surpresas. Os silêncios das correspondências totais, dos tumultos, dos sustos, do ovo, dos cerrares de olhos, das leituras, das orações, das múltiplas volúpias, das fomes, dos saldos bancários, das nostalgias e saudades, das descobertas e expectativas. Os silêncios entre as palavras. Aquilo que vi, continha em si todas as descrições. Era todos os dedos a apontar. Apontar e alertar tudo que há para alertar: “um trevo”, “acendeu”, “pegadas”, “água”, “está começando”, “um óvulo”, “um avião”, “um ciclope”, “um unicórnio”, “a bomba de Hiroxima”, “a lâmina no ventre”, “está apagando”, “uma fórmula matemática”, “as torres gêmeas”, “lavas escorrendo, formando novas ilhas”, “parou”, “fumaça”, “turbulência dos fluidos”, “as ondulações de pedra e ouro do sacrário”, “alto”, “muito quente”, “contorções orgasmáticas”, “a linha de montagem”, “a robótica”. E havia também todas as adjetivações, que também eram alardeadas em uníssono por aquilo que se apresentava para mim: “não passa de um verão”, “um terrível vento encanado”, “uma boa safra”, “pouca responsabilidade”, “pilar da sociedade”, “bem escrito”, “em Mangureira não existe delator”,

“perdeu-se-lhe o segredo”, “a carreira mais indicada para um jovem”, “dormir demais torna o sangue espesso”, “o que não pode ser dito”, “não é uma prova de coragem”, “deve ser calado”, “ah! como é bela a juventude”, “o homem que diz ‘sou’, não é”, “são terríveis em época de revolução”, “só convém a gente nobre”, “muito elegante”, “sinal de saúde”, “ganham rios de dinheiro mas atiram-no pela janela fora”, “todas as mulheres do oriente são odaliscas”, “tudo quanto é percebido encontra-se na natureza”, “todos os grandes capitães eram bons a jogar xadrez”.

Quanto tempo teria durado este discurso convulsivo? É-me impossível assegurar. Sei que a cada palavra que ecoava por entre as pedras do lajedo e a cada novo serpentear espasmódico daquele homem, eu me apertava mais contra a parede da pequena gruta. O cair da chuva havia desacelerado. Porém, ainda não oferecia qualquer armistício. Mantive-me ali no canto, vibrando de frio e pavor.

Lembro-me como hoje daquele que, ao que tudo indicava era Antão, saindo da pequena gruta, em direção à chuva. Estava possuído por si mesmo, concentrado em suas próprias palavras, procurando dotar cada frase com o peso e as tensões de sua própria carcaça. Foi assim, retorcendo-se, que ele manteve-se a falar, distanciando-se da abertura do abrigo. Ainda cheguei a gritar seu nome, antes que sumisse por completo de meu horizonte. Mas, não houve resposta.

Presumo que, mesmo de olhos cerrados, senti o momento em que um vulto esquelético e alto entrou na gruta e pousou uma mão grande e aquecida sobre a minha testa. Mas tudo naquela altura era em mim enevado. E assim permanece até hoje em minha memória. Névoa de quase nada.

Ouçó ainda a voz saída do vulto:

- Dona Joana me mandou buscar o senhor.

Soube depois que a mão que pousara em minha testa era a de Serafim.

II. Pássaros Pesados e Odaliscas

Abri os olhos com dificuldade, já no dia seguinte. Estava deitado sobre uma cama de lençóis brancos, num dos quartos da “casa dos cegos”. A primeira imagem que vi foi o rosto de Maria. Trazia entre as mãos um copo com suco de laranja. Ela sorriu, e disse:

- Não te avisei? Te falei que os pássaros estavam pesados...

Olhei para a cadeira ao lado da cama que servia de criado mudo e sobre ela encontrei um termômetro e um envelope de aspirinas aberto. Em seu espaldar, estava a sombrinha cor de rosa. Virei-me para Maria e, depois de um espirro, respondi:

- O que você quis dizer com isso?

- Ah, Tomé, eu não te falei de Ícaro, meu filho, não é? Eu achei lindo uma vez que ele disse: vai chover! vai chover! Olha mãe, como os pássaros estão pesados!

- Mas ele não é cego, é?

- Não, não é. Mas isso se tornou entre nós um código. A partir daí, reparei que o canto deles muda quando a chuva está para chegar.

Sentei-me na cama, ainda com o corpo pesado. Soltei um gemido baixo, procurando esticar as juntas doloridas e disse:

- Se eu não possuía a chave para o código, como poderia supor a mensagem?

Na porta do quarto, apareceram Joana e Manuel. Com ar apreensivo, descreveram como se deu meu resgate na pequena gruta. Serafim havia detectado a direção que eu havia tomado, rumo à pedra furada. Por volta da meia noite, telefonaram para o Hotel Central. Como eu não havia regressado, concluíram que eu estaria preso pela chuva. Mandaram então o rapazote em minha busca. Encontrou-me lá em cima, através do som de meus gritos de pavor. Segundo Serafim, eu repetia insistentemente uma só frase, encrespado sobre meu próprio corpo febril. Manuel procurou descrever a cena, cruzando os braços sobre o peito:

- Serafim disse que durante todo o caminho você repetia: “Nem todas as mulheres do oriente são odaliscas”.

Olhei para meu dedo indicador. A unha estava escura, como se tivesse sofrido um amassado forte o suficiente para quebrá-la. Havia também, na polpa do dedo, uma perfuração recoberta por sangue coagulado. Lembrei-me do Antão que avistara entrando em meu abrigo, de seu hálito pútrido e de sua mordida desdentada. Levei o dedo até o nariz em busca de algum cheiro apodrecido. Não havia nada.

Desta vez nenhum precipício se anunciou. Nenhuma lâmina gélida percorreu minha espinha em direção à nuca.

Almocei com todos os irmãos Belarmino naquele domingo, como estava combinado. Além de Luzia, Joana, Maria, Manuel e Lourdes, meus conhecidos, estavam lá José e Inácia. Adoentado, concentrei-me nas lingüiças do feijão. As muitas cervejas foram adiadas para um próximo encontro.

Durante todo o escorrer daquele dia lembrei-me de Antão, o oitavo irmão. Não mencionei qualquer coisa a propósito da chuva ininterrupta sobre o lajedo da pedra furada. Aquilo que lá eu vira ou delirara, guardei comigo. Ao menos até este momento, em que imponho sobre esta história, os relevos do Braille.

III. A Estrada e o Ninho

Embarquei no ônibus noturno de volta para casa. Lá, sentado sobre a poltrona surrada, recordei da tarde na casa dos cegos e de nosso passeio por entre as pedras do lajedo. Revi, de olhos cerrados, os rostos de Joana, Manuel, Maria, Luzia e Lourdes.

Lembrei-me dos corredores que continham dentro de si salas, descritos por Luzia, das sombras dos objetos que atingiam as têmporas e o peito de Joana e Manuel. Recordei também do velho anunciando para Lourdes sua cegueira, do calor dos olhos da esposa de Manuel, dos olhares alheios que tocavam o corpo de Maria.

A linguagem surgiu para mim, naquele momento, como sendo também um organismo. Meu corpo era montado por moléculas, sinapses, neurônios, cones, bastonetes, retinas, nervos óticos, fibras musculares, sensores epidérmicos, córtex, cérebro. A partir de suas características, estes instrumentos modelavam o mundo no qual eu estava. Assim como meu corpo, a linguagem que eu usava também possuía estruturas pré-existentes. Ela possuía substantivos, verbos, adjetivos, pronomes, advérbios, conjunções. Estes instrumentos, a partir de suas características, também cortavam, selecionavam e organizavam o que nos cercava. Juntos, e organizados de uma dada forma, estes instrumentos faziam eclodir o mundo com uma dada aparência. Era este o mundo ao qual eu me referia.

Se a realidade que eu percebia brotava dos acordos travados entre meu corpo e o seu meio, a realidade da linguagem surgia dos acordos travados entre os homens que a usavam. Ambos os acordos transcendiam cada corpo específico e cada usuário da linguagem. A linguagem, assim como meu corpo, também possuía uma história. Uma história cujas origens também eram insondáveis. Mas, em cada corpo individual e em cada falante específico, estes acordos eram revistos. Por isso, as feições dos organismos mudavam ao longo de milênios. E por isso, as línguas também nunca se mantinham íntegras ao longo dos séculos.

“Cegos videntes, videntes cegos”, pensei de olhos ainda fechados, montando nos lábios um sorriso ralo como a lua minguante. Não havia nesta questão, de como o real nos advém, qualquer possibilidade de cogitar perdas ou ganhos, vantagens e desvantagens, encantos e desencantos. Havia sim, apenas diferenças. Incomensuráveis diferenças. Cada corpo, cada grade sensorial específica, fazia aparecer todo um mundo vasto e inesgotável.

Estando instalados em plataformas sensoriais diversas e, a partir delas, compondo paisagens diversas, tínhamos em comum a plataforma da linguagem. Era através deste mesmo sistema que podíamos pôr em contato estas duas paisagens. E comunicá-las.

Eram certamente insuficientes os instrumentos que tínhamos disponíveis para nos comunicar. Era como bater pregos com o cabo, e não com a cabeça de um martelo. Pois a grade da linguagem que tínhamos em comum havia sido produzida por videntes e não por

cegos. Ela reforçava, em sua estrutura, um mundo que se apresentava sobremaneira para os olhos.

Comunicação surgiu para nós como um sinônimo de tradução. Eu traduzia para meu repertório as descrições de suas paisagens e sabia que em mim elas nunca poderiam ter a mesma maciez e mesma consistência. Já eles, transpunham para si os meus relatos e não possuíam qualquer dúvida de que certos horizontes nunca seriam tocados. Traduzíamos uns para os outros as experiências que vivíamos em nossos corpos. Era como um poema, escrito em uma dada língua que, vertido para outra, transforma-se. Ele precisará perder-se por entre as curvas de outra sintaxe. Algo íntegro permanece nele. Porém, irremediavelmente desgarrado do original.

Naquela tarde, tentando relatar o que percebíamos em nosso entorno, eu e os irmãos Belarmino nos demos conta que a linguagem gaguejava. E era preciso aliás que ela, a linguagem, gaguejasse, titubeasse. Era necessário que mostrasse suas brechas, suas fendas e falhas. Pois era exatamente nas falhas da linguagem que um outro mundo poderia eclodir. Só entortando a linguagem, ou arrebentando suas paredes, uma outra realidade deixaria à mostra sua face.

Abri meus olhos. Através da janela, olhei para a face úmida do solo sertanejo, sustentando em suas costas o peso dos lajedos. Uma chuva fina caía lá fora. Mais à frente, estava a lua, continuando a minguar atrás da pedra furada. Lembrei-me da noite anterior e de meu corpo febril dentro da gruta.

Não sei se o que vi dentro dela era de fato Antão. Não que os olhos desmereçam confiança. Mas é preciso não se fiar demasiado neles. De qualquer forma, a tarefa auto-imposta empreendida pelo oitavo filho da família Belarmino, me pareceu cheia de encanto. O encanto próprio ao *nonsense*. Antão procurara afastar-se, desprender-se, de toda e qualquer estrutura narrativa. Assim, fora de todo sistema de referência, imaginava que a realidade, enfim, poderia se apresentar a ele, em toda sua glória, em toda sua totalidade.

Mas, nunca haveria como narrar tudo. Pois, não havia totalidade. Cada forma de referir-se ao que nos cerca, criava um mundo diverso, passível de ser observado. O que havia eram alteridades. Múltiplas e insondáveis alteridades. A narração que penso ter ouvido naquela

noite era um misto de palavras e entranhas a se retorcer. Um amálgama incompreensível: a superposição de todos os dizeres, de todos os sistemas de referência.

Acomodei meus ossos na poltrona e não demorei muito a dormir. É certo que sonhei algo. Mas foi um daqueles sonhos que nos abandonam por inteiro, após despertarmos. Dele, sobrou apenas a sensação de ter sido atravessado por algo vívido e importante.

Na rodoviária, no bairro do Curado, o sol das cinco e meia da manhã tinha dificuldades de rebentar atrás da mata. O Inverno também chegara ao Recife. Sem qualquer bagagem, caminhei nos corredores esvaziados e ainda escuros do edifício, até à porta de um táxi. O percurso do carro correu silencioso, equilibrando-se no fio da faca, entre a noite e o dia que apontava.

Na porta de meu prédio, seu Pedro deu-me as boas vindas costumeiras. Se para mim, muito tempo havia passado, para o porteiro os dias tinham desfilado indiferentes, na frente de sua guarita. Abriu o portão e o elevador, desejando um bom dia. Da soleira de minha porta, recolhi os jornais diários e as correspondências, acumulados sobre o capacho, girei a chave no trinco e entrei.

Sobre o sofá da sala estava o livro, aberto na mesma página que lia antes da viagem. Ao seu lado, o cinzeiro expunha os restos do cigarro que fumara, na mesma posição e com o mesmo amassado. No canto, ao lado da poltrona, repousavam as duas grandes caixas de papelão, contendo um ano da vida de Antão Belarmino. As fitas, reviradas pelo chão, exibiam a pressa com a qual as tinha largado, antes de sair sem olhar para trás, na direção do sertão. O ambiente estava estagnado, gravando todos os meus percursos de três dias atrás. Atravessei a sala, respirei fundo, e me dirigi à varanda. Abri suas portas de vidro, deixando o vento úmido do inverno entrar e desenhar seu trajeto pelos espaços de minha casa. Logo mais adiante, estavam as duas cadeiras de palhinha, viradas na direção da paisagem verde do bairro de Casa Forte.

Sentei-me em uma delas, olhando para a outra que lhe servia de par. Sobre seu assento, próximo ao espaldar de vime, reparei em um emaranhado circular de galhos muito finos. Aproximei-me e constatei que um ninho havia sido construído. Em seu interior pude ver três pequenos ovos. Estavam lá, descansando placidamente, envolvidos pelo calor do

abrigo. Ele era tramado por diversos materiais. Ramas de várias origens, raízes de diferentes calibres e até mesmo filetes de plástico compunham aquela estrutura. Entre as variadas fibras, detectei um tipo em particular que me pareceu incomum. Eram fios de cabelos. Fios de cabelos brancos, muito finos, assemelhados a penugem de pássaros recém-nascidos. E tremulavam freneticamente, acusando a passagem invisível do vento.

Bibliografias

Bibliografia Real

- ALVAREZ, A. **Noite – A Vida Noturna, A Linguagem da Noite, O Sono e os Sonhos.** São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1996.
- ANDREIEV, Leonid. **Riso Vermelho.** Lisboa: Editorial Estampa, 1988.
- ANTUNES, João Lobo. **Mãos que Lêem: Testemunhos a Louis Braille.** Lisboa: Editorial Minerva, 2003.
- ATANÁSIO, Santo. **Vida e Conduta de Santo Antão.** São Paulo: Edições Paulinas, 1991.
- **A Nuvem do Não-Saber.** Anônimo. São Paulo: Ed. Paulus, 1987.
- ATLAN, Henri. **O Livro do Conhecimento: As Centelhas do Acaso e da Vida.** Lisboa: Instituto Piaget.
- AUB, Max. **Crimes Exemplares.** Lisboa: Edições Antígona, 1980.
- AUMONT, Jacques. **A Imagem.** Campinas, SP: Ed. Papyrus, 1995.
- BATESON, Gregory. **Natureza e Espírito: Uma Unidade Necessária.** Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.
- BAKHTIN, Mikhail. **O Freudismo.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001.
- BARTHES, Roland. **Aula.** São Paulo: Ed. Cultrix.
- _____. **Roland Barthes por Roland Barthes.** São Paulo: Ed. Cultrix, 1987.
- _____. **A Câmara Clara.** Lisboa: Edições 70.
- BECKETT, Samuel. **O Primeiro Amor.** Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1987.
- _____. **O Inominável.** Ed. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1989.
- _____. **Companhia.** Ed. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1982.

- _____. **Dante... Bruno. Vico... Joyce.** *In* Ensaio Sobre James Joyce. Arthur Nestrovski (org). Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1992.
- BELARMINO, Joana. **Associativismo e Política: A Luta dos Grupos Estigmatizados pela Cidadania Plena.** João Pessoa: Ed. Idéia, 1997.
- BELARMINO, Maria do Socorro. **Inclusão do Deficiente Visual na Rede Regular de Ensino: Uma Proposta Criativa com o Uso de Metáforas.** Dissertação de Mestrado. Centro de Educação. UFPB, 2000.
- BENEDICT, Ruth. **O Crisântemo e a Espada.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 1988.
- BERGSON, Henry. **Matéria e Memória.** São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1999.
- BORGES, Jorge Luis. **Obras Completas vol. 1.** Rio de Janeiro: Ed. Globo, 2000.
- BOHM, David. **A Totalidade e a Ordem Implicada.** São Paulo: Ed. Cultrix, 1999.
- BOHR, Niels. **Física Atômica e Conhecimento Humano.** Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 1995.
- BRAIT, Beth. (org.) **Bakhtin, Dialogismo e Construção de Sentido.** Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1997.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução a Análise do Discurso.** Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1997.
- BRANDÃO, Saulo Cunha de Serpa. **Aprendendo a Ler o Mundo com Thomas R. Pynchon.** Recife: tese de doutorado em Letras e Linguística, CAC, UFPE, 2001.
- BRETON, André. **Manifestos do Surrealismo.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.
- BUNGE, Mario. **Física e Filosofia.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 2000.
- CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida.** São Paulo: Ed. Cultrix, 1998.
- _____. **O Tao da Física.** São Paulo: Cultrix, 1999.

- CARROLL, Lewis. **Alice: Edição Comentada. (Aventuras de Alice no País das Maravilhas e Através do Espelho).** Introdução e notas de Martin Gardner. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- CASTRO, Gustavo de, Edgard Assis de Carvalho, Maria da Conceição Almeida (orgs). **Ensaio de Complexidade.** Porto Alegre: Ed. Sulina, 1997.
- COUTINHO, Evaldo. **A Subordinação ao Nosso Existir.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 1981.
- _____. **A Artisticidade do Ser.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 1987.
- COUTINHO, Marcelo. **Objetos Desejosos: Uma Entrevista com o Antropólogo Lawrence Jakimo Pokot.** (In. Panorama da Arte Brasileira Atual, Museu de Arte Moderna de São Paulo, SP. 1999.pág. 171.)
- _____. **Deambulações Sobre O Contorno: Ensaio Para Ser Lido em Voz Alta, Simultaneamente, Por Três Pessoas.** Rio de Janeiro: Revista Item. N. 6. Ed. Casa da Palavra, 2003.
- CRAVAN, Arthur, Jacques Rigaut e Jacques Vaché. **3 histórias 3.** Lisboa: Edições Antígona, 1980.
- DA CRUZ, São João. **Obras Completas.** Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2000.
- DELEUZE, Gilles. **A Dobra- Leibniz e o Barroco.** Campinas, SP: Ed. Papyrus, 2000.
- _____. **A Lógica do Sentido.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 1998.
- _____. **Bergsonismo.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.
- _____. **Crítica e Clínica.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles e Félix Guattari. **O que é a Filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.
- _____. **Mil Platôs vol. 2** Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- DERRIDA, Jacques. **A Voz e o Fenômeno.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

- DIDEROT. **Diderot: Obras I – Filosofia e Política.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 2000.
- DE QUINCEY, Thomas. **Os Últimos Dias de Immanuel Kant.** Rio de Janeiro. Ed. Forense Universitária, 1989.
- DIDI-HUBERMAN, George. **O que Vemos, O que nos Olha.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1998.
- DOMINGUES, Diana. **A Arte no Século XXI: A Humanização das Tecnologias.** São Paulo: Ed. Unesp, 1997.
- DORFLES, Gillo. **Elogio da Desarmonia.** Lisboa: Edições 70, 1988.
- _____. **Novos Ritos, Novos Mitos.** São Paulo: Ed. Martins Fontes.
- DUPUY, Jean-Pierre. **Nas Origens das Ciências Cognitivas.** São Paulo: Unesp, 1996.
- DURAND, Gilbert. **O Imaginário: Ensaio Acerca das Ciências e da Filosofia da Imagem.** Rio de Janeiro: Ed. Difel, 2001.
- ECO, Humberto. **Tratado Geral de Semiótica.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 1997.
- ERNST, Max. **Identidade Instantânea.** Lisboa: Ed. Produções e Etc, 1983.
- FEYERABEND, Paul. **Diálogos Sobre o Conhecimento.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001.
- FÓTICO, Diádoco de. *In Pequena Filocalia – O Livro Clássico da Igreja do Oriente.* São Paulo: Ed. Paulus, 1985.
- FUGANTI, Luiz Antônio. **Saúde, Desejo e Pensamento.** *In SaúdeLoucura*, n. 2. São Paulo: Ed. Hucitec, 1992.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso.** São Paulo: Ed. Loyola, 1996.
- _____. **As Palavras e as Coisas.** São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2000.
- _____. **História da Loucura.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 1978.

- GAZOLLA, Rachel. **O Ofício do Filósofo Estóico: O Duplo Registro do Discurso da Stoa**. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.
- GRANGER, Gilles-Gaston. **A Ciência e as Ciências**. São Paulo: Ed. Unesp, 1994.
- GUATTARI, Félix. **Linguagem, Consciência e Sociedade**. *In* SaúdeLoucura, n. 2. São Paulo: Ed. Hucitec, 1992.
- _____. **Caosmose: Um Novo Paradigma Estético**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1998.
- GUIMARÃES, Dinara Machado. **Vazio Iluminado: O Olhar dos Olhares/Cinema e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Ed. Notrya, 1993.
- HEISENBERG, W, Max Born, Pierre Auger, E. Schrödinger. **Problemas da Física Moderna**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2000.
- _____. **A Parte e o Todo**. Rio de Janeiro: Ed. Contratempo, 2001.
- HOISEL, Beto. **Anais de um Simpósio Imaginário**. São Paulo: Ed. Palas Athena, 1998.
- HORGAN, John. **O Fim da Ciência: Uma Discussão Sobre os Limites do Conhecimento Científico**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1999.
- IMMACOLATA, Maria e Vassalo Lopes (orgs.) **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Ed. Loyola, 2003.
- HUYSMANS, J.- K. **Às Avestas**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1987.
- JOHNSON, Christopher. **Derrida: A Cena da Escritura**. São Paulo: Ed. Unesp, 2001.
- JOYCE, James. **Finnegans Wake / Finnícius Revém**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 1999.
- KUHN, Thomas A **Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2000.
- LACAN, Jacques. **O Seminário. livro 20: Mais, Ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- _____. **Shakespeare, Duras, Wedeking, Joyce**. Lisboa: Ed. Assírio e Alvim, 1989.

- LAWRENCE, T. E. **Os Sete Pilares da Sabedoria**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2000.
- LÉVINAS, Emmanuel. **Da Existência ao Existente**. Campinas, SP: Ed. Papirus, 1998.
- LEIBNIZ, G. W. **A Monadologia**. São Paulo: Abril Cultural (Coleção Os Pensadores), 1983.
- _____. **Novos Ensaio Sobre o Entendimento Humano**. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1999.
- LELOUP, Jean Yves. **Além da Luz e da Sombra**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2001.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem**. Campinas, SP: Ed. Papirus, 1997.
- LEWIN, Roger. **Evolução Humana**. São Paulo: Atheneu Editora, 1999.
- LEWIS, Ioan M. **Êxtase Religioso**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1977.
- MAFFESOLI, Michel. **Elogio da Razão Sensível**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1998.
- MATURANA, Humberto e Francisco Varela. **De Máquinas e Seres Vivos: autopoiese - a organização do vivo**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1997.
- _____. **A Árvore do Conhecimento**. São Paulo: Ed. Palas Athena, 2001.
- MATURANA, Humberto. **Da Biologia a Psicologia**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1998.
- _____. **A Ontologia da Realidade**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. São Paulo: Ed. Bertrand Brasil, 2000.
- _____. **O Método I- A Natureza da Natureza**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2002.
- _____. **O Método II- A Vida da Vida**. Ed. Europa-América.
- _____. **O Método III- O Conhecimento do Conhecimento**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 1999.
- _____. **O Enigma do Homem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979.

- _____. **Introdução ao Pensamento Complexo.** Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- NASIO, Juan David. **Lições Sobre os 7 Conceitos Cruciais da Psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- NETO, João Cabral de Mello. Uma Faca só Lâmina ou Serventia das Idéias Fixas. *In - Serial e Antes.* Rio: Nova Fronteira, 1997.
- NEWTON, Isaac. **Óptica.** São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores), 1983.
- NOVAES, Adauto (org). **O Olhar.** São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2002.
- OLIVEIRA, Ana Claudia e Yvana Fechine. **Semiótica da Arte: Teorizações, Análises e Ensino.** São Paulo: Hacker Editores, 1998.
- OMNÈS, Roland. **Filosofia da Ciência Contemporânea.** São Paulo: Ed. Unesp, 1996.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **As Formas do Silêncio: No Movimento dos Sentidos.** Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1993.
- PAZ, Octavio. **Claude Lévi-Strauss ou o Novo Festim de Esopo.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 1977.
- PETERS, Michael. **Pós Estruturalismo e Filosofia da Diferença.** Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2000.
- PEIXOTO, Mario. **O Inútil de Cada Um.** Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1984.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens Urbanas.** São Paulo: Ed. Senac / Ed. Marca D'água, 1996.
- PESSIS-Parternak, Guitta. (org) **Do Caos à Inteligência Artificial.** São Paulo: Ed. Unesp, 1993.
- _____. (org) **A Ciência: Deus ou o Diabo.** São Paulo: Ed. Unesp, 1999.
- PIETTRE, Bernard. **Filosofia e Ciência do Tempo.** Bauru, SP: Edusc, 1997.

- PIGNATARI, Décio. **Informação. Linguagem. Comunicação.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 1968.
- _____. **O que é Comunicação Poética.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.
- _____. **Semiótica da Arte e da Arquitetura.** São Paulo: Ed. Cultrix, 1988.
- PINHEIRO, Jane. **Arte Contemporânea no Recife dos Anos 90.** Recife: dissertação de mestrado em Antropologia Cultural, CFCH. UFPE, 1999.
- PINKER, Steven. **Como a Mente Funciona.** São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1999.
- POULET, George. **O Espaço Proustiano.** Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1992.
- POTOCKI, Yan. **Manuscrito Encontrado em Saragoça.** Lisboa: Editorial Estampa, 1977.
- PRIGOGINE, Ilya e Isabelle Stengers. **Entre o Tempo e a Eternidade.** Ed. Gradiva, 1990.
- _____. **Ciência, Razão e Paixão.** Belém: EDUEPA, 2001.
- _____. **O Fim das Certezas: Tempo, Caos e as Leis da Natureza.** Ed. Unesp, 1996.
- PROUST, Marcel. **No Caminho de Swann.** São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- _____. **Sobre a Leitura.** Ed. Pontes, 1989.
- ROSENFELD, Israel. **A Invenção da Memória – Uma Nova Visão do Cérebro.** Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1994.
- SABATO, Ernesto. **Sobre Héroes y Tumbas.** Barcelona: Ed. Seix Barral, 1987.
- SACKS, Oliver. **Um Antropólogo em Marte.** São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1995.
- _____. **Enxaqueca.** São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1996.

- SANTAELLA, Lucia e Winfried Nöth. **Imagem: Cognição, Semiótica, Mídia.** São Paulo: Ed. Iluminuras, 2001.
- SARAMAGO, José. **Ensaio Sobre a Cegueira.** São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2001.
- SEARLE, John R. **Mente, Linguagem e Sociedade: Filosofia no Mundo Real.** Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2000.
- _____. **O Mistério da Consciência.** São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1998.
- SCHNITMAN, Dora Fried (org). **Novos Paradigmas em Cultura e Subjetividade.** Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1996.
- SERRES, Michel. **Os Cinco Sentidos: Filosofia dos Corpos Misturados 1.** Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2001.
- SHELDRAKE, Rupert. **Sete Experimentos que Podem Mudar o Mundo.** São Paulo: Ed. Cultrix.
- STRATHERN, Paul. **Turing e o Computador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- THOMPSON, Irwin William (org). **Gaia- Uma Teoria do Conhecimento.** São Paulo: Ed. Gaia, 1990.
- THUAN, Trinh Xuan . **O Caos e a Harmonia.** Lisboa: Ed. Terra Mar, 1999.
- VARELA, Francisco, Evan Thompson e Eleanor Rosch. **A Mente Incorporada: Ciências Cognitivas e Experiência Humana.** Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 2003.
- WATZLAWICK, Paul, Janet H. Beavin, Don D. Jackson. **Pragmática da Comunicação Humana: Um Estudo dos Padrões, Patologias e Paradoxos da Interação.** São Paulo: Ed. Cultrix.
- WHYTE, Foote. **Treinando a Observação Participante.** *In Desvendando Máscaras Sociais*, Alba Zaluar (org). Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1990.
- WHITE, Hyden. **Meta História.** São Paulo: Edusp, 1998.

- WHITEREAD, Alfred North. **O Conceito de Natureza**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1994.
- WHITROW, G.J. **O Tempo na História: Concepções do tempo da pré-história aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

Bibliografia Imaginária

- CRAVAN, Tomé. **Antão, O Insone**. Porto, PT: Ed. O Rabo da Víbora. 1992. Tiragem 250 exemplares. Depósito Legal 210165/42. ISBN 1405-68.
- LEME, Leonor Soares. Virginie. **Tomé Cravan, Um Escritor Cego**. Porto. D 'ouro Cultural. Caderno 1. 03.03.1992
- MANO, Antônio Bulhões de Figueiras. **Dicionário de Cegos Ilustres: um inventário biográfico da produção artística, literária e científica dos cegos de língua portuguesa**. Ed. Câmara do Comercio do Município de Évora, 1992.
- DEBORD, Guy. Restes de Marche. *In*. SELAVY, Rrose. [org]. **Allons Marcher un Peu**. Paris: tintamarre, 1986.
- DE SABRE, Regina. **Antão, o Insone: Sub-literatura ou Sub-Ciência?** Caderno de Resenhas. Correio de Minas. Belo Horizonte, 01 jul. 2000.
- VILLA, Ignacio Calleja. **Edictos de la Fe y Edictos de la Razón: El Santo Oficio en las origines de los sistemas de comprobación de la verdad científica**. Madrid: Ed. Análisis, 1989.
- GRANDHALL, Hobbes A. **For One Relationship Between Biochemistry Agents and Dramaturgy**. *In* New Scientist, New Word, New Dreams. nº 202. Ed. Asómatos. Roterdã, 1999.
- BELARMINO, Antão. **Visual Disorder and Blind Thinking: A Study About V4 and V5 Area**. Journal of Neurology and Developmental Disorder. Londres, 1986.

- JEAN, L'Exilé. **Le Saint Esprit Habite Chez Mon Pieds.** *In. Ouvres Completes de Jean, L'Exilé.* Paris: Éditios du Résistance, 1964.

Periódicos

- GIUBELLINO, Gabriel. **Aprender a Sentir Los Colores.** Buenos Aires: Revista Selecciones. Reader's Digest. Maio de 2002.
- BELTRAMO, Lorena. **Plástica para ciegos: Un taller donde se pinta con luz propia.** 27. 03. 2003 - Córdoba, Argentina – www.adital.com.br
- MALINGRE, Virginie. **Les Songes de Ceux que ne voiant pás.** Le Monde. 03.03.2003
- VIEIRA, Anco Márcio Tenório. **A Perpetuação de Um Mito.** *In. Continente Multicultural.* n. 28. Recife: CEPE. Abril. 2003.

Filmografia

- **A Noite americana.** François Truffaut
- **Até o Fim do Mundo.** Win Wenders
- **O Fim da Violência.** Win Wenders
- **Sob o Céu de Lisboa.** Win Wenders
- **Clube da Luta.** David Fincher
- **Janelas da Alma.** João Jardim e Walter Carvalho
- **O Anjo Exterminador.** Luís Buñuel
- **Walking Life.**
- **Uma Mente Brilhante.** Ron Howard